UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Departamento de Filosofia

Pedro Juan Caldas Veras

RETÓRICA, DIALÉTICA E FILOSOFIA NA *RETÓRICA* DE ARISTÓTELES

Belo Horizonte
2024

Pedro Juan Caldas Veras

RETÓRICA, DIALÉTICA E FILOSOFIA NA *RETÓRICA* DE ARISTÓTELES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Filosofia Antiga e Medieval

Orientadora: Prof.ª Dra. Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho

Belo Horizonte
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

100
V476r
2025

Veras, Pedro Juan Caldas.

Retórica, dialética e filosofia na Retórica de Aristóteles [recurso eletrônico] / Pedro Juan Caldas Veras. - 2025.

1 recurso online (115 f.): pdf.

Orientador: Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Filosofia – Teses. 2. Aristóteles. Retórica. 3. Filosofia antiga – Teses. 4. Dialética - Teses. I. Coelho, Maria Cecília de Miranda N. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390

FOLHA DE APROVAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

RETÓRICA, DIALÉTICA E FILOSOFIA NA RETÓRICA DE ARISTÓTELES

PEDRO JUAN CALDAS VÉRAS

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em FILOSOFIA, área de concentração FILOSOFIA, linha de pesquisa Filosofia Antiga e Medieval.

Aprovada em 30 de janeiro de 2025, pela banca constituída pelos membros:

Profa. Maria Cecilia de Miranda Nogueira Coelho - Orientadora (UFMG)

Profa. Vivianne de Castilho Moreira (UFPR)

Prof. Rafael Guimaraes Tavares da Silva (UECE)

Belo Horizonte, 30 de janeiro de 2025.

Documento assinado eletronicamente por **Vivianne de Castilho Moreira**, **Usuário Externo**, em 31/01/2025, às 09:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Rafael Guimarães Tavares da Silva**, **Usuário Externo**, em 31/01/2025, às 10:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Maria Cecilia de Miranda Nogueira Coelho**, **Professora do Magistério Superior**, em 01/02/2025, às 22:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3916158** e o código CRC **9B690BC8**.

Referência: Processo nº 23072.205534/2025-49 SEI nº 3916158

In memoriam. Iêda Célia Sposito Caldas, Vera Veras, José Veras, Didi.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, professora Maria Cecília de M. N. Coelho, que, para além da orientação desta dissertação, sempre estimulou a presença dos orientandos nos eventos e atividades acadêmicas de pesquisa e extensão (não apenas aqueles organizados por ela), pela oportunidade de contato nosso com renomados estudiosos e de apresentação de nossas pesquisas, submetendo-as à crítica e debate construtivo. Agradeço igualmente aos membros da banca: professora Vivianne de Castilho Moreira, professor Rafael Guimarães Tavares da Silva pela leitura atenta da presente dissertação, e aos professores Fernando R. Puente e Olimar Flores Júnior, por se colocarem à disposição como suplentes da defesa.

Aos colegas e amigos da Filosofia, em especial André Mynssen e Daniela Brinati, com quem, apesar das divergências intelectuais, aprendi muito durante as longas e divertidas conversas nos eventos acadêmicos e nos intervalos para o café entre as aulas. Ao André e Daniel Couto, doutorandos em filosofia, agradeço pela leitura da última versão deste trabalho e muitas sugestões, na pré-banca organizada por minha orientadora, estimulando o trabalho cooperativo entre orientados.

Aos colegas e amigos da turma de grego antigo do CENEX, em especial ao professor Mateus Aredes, que para além da paciência para as dúvidas referentes à língua, sempre se esforçou para responder às minhas dúvidas de filosofia.

À minha família, que sempre esteve ao meu lado.

Ao Cruzeiro Esporte Clube, por ter me dado tantas felicidades durante tanto tempo.

Gostaria de agradecer, por fim, à CAPES, por ter financiado essa pesquisa junto à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), principalmente ao Departamento de Filosofia e seus respectivos professores e funcionários que sempre se esforçam, ainda que com recursos limitados, para atender às demandas dos discentes. Sou grato pela oportunidade de ter estudado nesta universidade federal, pública e reconhecida por sua qualidade na investigação científica.

Μήτε νέος τις ὢν μελλέτω φιλοσοφεῖν, μήτε γέρων ὑπάρχων κοπιάτω φιλοσοφῶν. οὔτε γὰρ ἄωρος οὐδείς ἐστιν οὔτε πάρωρος πρὸς τὸ κατὰ ψυχὴν ὑγιαῖνον (Epicuro, *Epístola a Meneceu*, 122.1).

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito (trad. Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore).

RESUMO

Nesta dissertação é analisada a afinidade entre retórica e dialética na *Retórica* de Aristóteles, destacando o conceito de ἀντίστροφος (traduzido habitualmente por contraparte), que posiciona a retórica como uma técnica lógica e persuasiva ligada à dialética. Aristóteles sustenta que a retórica não é meramente uma manipulação emocional, mas uma arte (τέχνη). Assim, este trabalho explorará como a retórica aristotélica utiliza elementos lógicos, especialmente o entimema (ἐνθύμημα), um tipo de silogismo adaptado à persuasão, e o exemplo (παράδειγμα) com o objetivo de compor discursos eficazes e adequados para produzir a persuasão nos cidadãos que participavam dos tribunais e assembleias em Atenas. Inicialmente, esta dissertação examina a crítica de Aristóteles às abordagens anteriores de retórica, que negligenciavam o entimema e se concentravam em influenciar emoções; passa-se então à discussão do papel das emoções na persuasão, que Aristóteles interpreta (em sua abordagem cognitiva das emoções) como disposições (livro II, 1-11) que, quando bem direcionadas, complementam os argumentos lógicos; por fim, será abordada a elocução (λέξις) e a organização (τάξις) do discurso, aspectos importantes para a eficácia retórica. Pretende-se concluir, ao final, que Aristóteles estrutura a retórica como uma arte racional, distinguindo-a da empiria (ἐμπειρία), considerando-a como um ramo da dialética. Esta dissertação busca mostrar que essa caracterização proporciona uma visão, na medida do possível, unificada e coerente da retórica como técnica de persuasão fundamentada no uso de estratégias lógicas.

Palavras-chave: Aristóteles; retórica; dialética; arte; entimema.

ABSTRACT

In this dissertation, the affinity between rhetoric and dialectic in Aristotle's Rhetoric is analyzed, highlighting the concept of ἀντίστροφος (commonly translated as “counterpart”), which positions rhetoric as a logical and persuasive technique connected to dialectic. Aristotle argues that rhetoric is not merely emotional manipulation but an art (τέχνη). Thus, this work will explore how Aristotelian rhetoric employs logical elements, especially the enthymeme (ἐνθύμημα), a type of syllogism adapted to persuasion, and the example (παράδειγμα), with the aim of composing effective speeches suitable for persuading citizens participating in courts and assemblies in Athens. Initially, this dissertation examines Aristotle's critique of earlier approaches to rhetoric, which neglected the enthymeme and focused on influencing emotions. It then moves on to discuss the role of emotions in persuasion, which Aristotle interprets (in his cognitive approach to emotions) as dispositions (Book II, 1–11) that, when well-directed, complement logical arguments. Finally, the dissertation addresses delivery (λέξις) and the arrangement (τάξις) of the speech, important aspects for rhetorical effectiveness. It aims to conclude that Aristotle structures rhetoric as a rational art, distinguishing it from empiricism (ἐμπειρία) and considering it a branch of dialectic. This dissertation seeks to demonstrate that this characterization provides a unified and coherent view, as far as possible, of rhetoric as a technique of persuasion grounded in the use of logical strategies.

Keywords: Aristotle; rhetoric; dialectic; art; enthymeme.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

2 A DIALÉTICA ARISTOTÉLICA NO LIVRO I DA *RETÓRICA*: A CRÍTICA AOS TRATADOS ANTERIORES E OS GÊNEROS DE DISCURSO 15

2.1 A dialética no livro I 18

2.2 A crítica aos manuais anteriores 31

2.3 Os gêneros de discurso 42

3 AS EMOÇÕES E O ENTIMEMA NO LIVRO II 54

3.1 Sobre o surgimento das emoções na *Retórica* 57

3.2 Sobre a abordagem aristotélica das emoções no discurso 65

3.3 A volta dos aspectos lógicos do discurso 73

4 SOBRE A LEXIS E A TAXIS 80

4.1 A continuidade do livro III em relação à *Retórica* 81

4.2 Sobre as características da lexis 89

4.3 Sobre as características da taxis 98

5 CONCLUSÃO 105

REFERÊNCIAS 108

Referências primárias 108

Referências secundárias 110

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa da presente dissertação consiste em analisar a relação de afinidade entre a retórica e a dialética na *Retórica*, de Aristóteles, a partir da afirmação de que a retórica é uma contraparte – comumente a tradução de ἀντίστροφος[1]– da dialética. Meu principal intuito é o de investigar como essa caracterização permite que a retórica se aproveite de elementos da lógica, especialmente por meio da figura do entimema (ἐνθύμημα) e do exemplo (παράδειγμα), para construir argumentos persuasivos que atendam às exigências de verossimilhança e adequação ao contexto público e institucional em que os discursos eram proferidos na Atenas do período clássico, isto é, as assembleias, tribunais e outros espaços públicos. A partir desse vínculo, pretende-se demonstrar que Aristóteles confere à retórica um estatuto de arte, ou técnica (τέχνη), elevando-a a uma prática argumentativa rigorosa e sistemática, distinta das abordagens mais simplistas ou focada exclusivamente na produção de emoções no público ouvinte que dominaram as tradições anteriores, e concomitantemente resolve o problema do estatuto da retórica que ainda não havia sido propriamente resolvido por Platão e Isócrates. Dessa forma, a presente dissertação visa responder a seguinte pergunta-problema: de que maneira o filósofo fundamenta a retórica como uma arte racional, contraparte da dialética, e como essa concepção, ao integrar o entimema e as emoções como elementos cognitivos, supera as visões que a reduzem a uma técnica de persuasão emocional manipulativa?

Ainda que a *Retórica* seja, de acordo com renomados especialistas,[2] um dos textos que foi composto em diferentes estágios do pensamento de Aristóteles, para públicos distintos e que foi estruturado em três livros por seus sucessores, há de se ter em mente que a eloquência ocupava um lugar central na vida pública e no meio intelectual de Atenas: essa era a principal habilidade esperada de um político e era igualmente o principal instrumento para influenciar as decisões da cidade (πόλις). No entanto, o estatuto da retórica se encontrava em um ponto de tensão: Platão questionava, principalmente no diálogo *Górgias*, se a retórica poderia ser considerada uma verdadeira arte ou apenas um meio manipulativo de persuasão sem necessariamente conhecer aquilo sobre o que discursa; por outro lado, Isócrates buscava igualar a retórica à filosofia, e, com isso, sustentava uma educação através do discurso. Aristóteles, então, ao se engajar nessa problemática, emerge como um dos primeiros a propor uma abordagem filosófica mais estruturada, ao qualificar a retórica como contraparte da dialética.

---

[1] Ao longo de toda esta dissertação, procurou-se incluir também alguns termos gregos, tanto para indicar os múltiplos significados que as palavras das línguas sintéticas expressam, quanto para realçar interpretações diversas decorrentes da tradução deles.

[2] Oportuno lembrar aqui do importante texto de GROSS e WALZER (2000).

Muitos estudos já foram produzidos no sentido de propor uma análise e interpretação da interseção entre as concepções aristotélicas de retórica e dialética, tendo sido muito úteis para a redação da presente pesquisa, notadamente os incontornáveis estudos de Burnyeat (2015), McBurney (1936) e Brunschwig (1996). No entanto, esses trabalhos se limitam ao estudo do livro I da *Retórica*. Por mais que eles sejam fundamentais para a obra, eles não a esgotam. Aristóteles expande seu exame em outros livros para incluir elementos como as emoções (πάθη), o estilo ou elocução do discurso (λέξις), e a composição ou disposição (τάξις), correndo o risco, até mesmo, de escamotear os problemas pensados pelo filósofo nos livros I e II. Diante disso, a presente pesquisa se propõe a investigar até que ponto Aristóteles mantém essa coerência conceitual ao longo de toda a obra, examinando como a proximidade entre retórica e dialética influencia a maneira como o Estagirita articula o papel das emoções e do estilo no processo persuasivo. Minha análise busca, assim, compreender como a retórica é caracterizada como uma arte fundamentada em elementos emprestados da dialética, mesmo ao abordar aspectos mais pragmáticos e até estéticos nos livros subsequentes.

Sob este prisma, a articulação entre a retórica e a dialética não poderia ser compreendida plenamente sem o diálogo com os *Tópicos*,[3] no qual o conceito de dialética é analisado de modo mais detalhado. Nesse sentido, para além do estudo clássico de Solmsen (1929), que investiga o desenvolvimento paralelo da lógica e da retórica no pensamento aristotélico, os trabalhos de Carvalho (2018), Silva (2020) e Leite (2012) foram fundamentais para entender como esses conceitos dialogam nas diferentes obras do Estagirita, especialmente no que tange às influências e apropriações entre elas.

Nessa esteira de raciocínio, o principal objetivo da presente dissertação é procurar demonstrar que Aristóteles concede à retórica o estatuto de uma arte fundamentada em uma base racional e lógica que vai além da mera manipulação das emoções e da simulação de conhecimento daquilo sobre o que se discursa. Pretendo, assim, expor como o Estagirita constrói a arte retórica como uma disciplina rigorosa e com método, distinta das abordagens dos manuais até então produzidos, e que isso é possível justamente por essa aproximação que o filósofo faz logo na abertura de sua obra, aliada às três vias de persuasão – caráter, emoção e discurso (ἦθος, πάθος e λόγος) –, e aos três gêneros do discurso – deliberativo, judiciário e epidítico (συμβουλευτικόν, δικανικόν e ἐπιδεικτικόν) – e que tem sua grande expressão dessa

[3] Tal como apontado por Brunschwig (1996), o leitor da *Retórica* toma necessariamente o conhecimento dos *Tópicos*, mas a recíproca não é verdadeira. De modo semelhante, essa desproporcionalidade também pode ser conferida no *Index aristotelicus* de Bonitz.

relação na figura do entimema. Ao final, busca-se compreender até que ponto Aristóteles mantém essa coerência conceitual.

Assim, no segundo capítulo, busca-se estabelecer as bases da afinidade entre retórica e dialética no pensamento aristotélico. Nesse capítulo, explora-se a definição da retórica como uma contraparte da dialética, destacando que o Estagirita propõe uma ruptura tanto com o seu mestre Platão quanto expõe sua divergência com Isócrates. Nesse sentido, o capítulo examina como o filósofo, em sua proposta, relaciona a arte retórica aos três gêneros de discurso e à sua aplicação prática em contextos institucionais, como as assembleias e tribunais, que eram essenciais para a vida pública e política de Atenas, o que revela seu esforço em posicionar a retórica como uma prática argumentativa que não só conserva uma dimensão lógica e racional, mas que também exerce um papel de grande relevância filosófica e política.

Um dos pontos centrais discutidos, ainda no segundo capítulo, é a importância do entimema para a produção da persuasão, visto como o principal instrumento lógico dentro da retórica aristotélica. Considerado uma forma adaptada do silogismo, o entimema permite ao rétor[4] construir argumentos que, embora não sejam científicos, possuem verossimilhança e são adequados para convencer um público leigo. O entimema é, pretende-se argumentar, uma ferramenta fundamental na *Retórica*, pois oferece uma base lógica que legitima a arte dos discursos como uma prática racional e estruturada, distinta de práticas até então comuns, explorando, na visão de Aristóteles, o apelo emocional e desenvolvida arbitrariamente. A análise enfatiza como o uso do entimema garante uma persuasão eficaz ao adaptar a lógica às necessidades e limitações do público, reafirmando o papel da retórica como uma disciplina rigorosa que se utiliza dos mesmos princípios de argumentação da dialética, adaptados ao contexto específico do discurso público.

No terceiro capítulo propõe-se o aprofundamento da análise da persuasão aristotélica, examinando como as emoções e o entimema se complementam na construção de discursos eficazes. Aristóteles dedica um espaço significativo do livro II da *Retórica* às emoções, argumentando que, embora não sejam elementos puramente racionais, elas afetam diretamente o julgamento do público e, portanto, desempenham um papel crucial na persuasão. Essa abordagem não representa uma contradição com a primazia da lógica no discurso, pois Aristóteles integra as emoções como respostas cognitivas a julgamentos racionais. Ele sustenta que o rétor deve evocar e direcionar emoções como a ira e o medo de maneira controlada, adaptando-as ao contexto e ao

[4] Para a presente dissertação, preferimos usar o termo *rétor*, ao invés de *orador*, com o intuito de evitar anacronismos e confusões com a tradição de língua latina, bem como procurar respeitar a língua em que Aristóteles originalmente escreveu a obra.

público para fortalecer a receptividade da audiência ao argumento. Ao lado das emoções, o entimema funciona como o núcleo lógico do discurso, garantindo que a persuasão não se apoie unicamente em apelos emocionais, de tal modo que o tratamento das emoções no livro II complementa a estrutura argumentativa e reafirma a visão de Aristóteles sobre a retórica como uma prática que deve considerar as emoções sem abdicar dos elementos lógicos do discurso.

No quarto capítulo desta dissertação, a análise volta-se para o tratamento aristotélico do estilo ou elocução (λέξις) e da composição ou disposição (τάξις), aspectos explorados no livro III da *Retórica*, em que são examinados os elementos estilísticos e estruturais que conferem eficácia ao discurso. Embora o livro III possa parecer distanciado das bases dialéticas e lógicas dos livros anteriores, Aristóteles justifica a inclusão da elocução e da disposição como partes essenciais da persuasão, reconhecendo que a forma como o discurso é disposto e organizado exerce impacto significativo sobre o público – mas, ainda assim, esse é o livro que contém as maiores inconsistências em relação aos dois anteriores. Esse enfoque prático e estético gera certa tensão teórica, pois a elocução, com seu uso de metáforas, ritmo e clareza, aproxima-se mais das preocupações abordadas na *Poética* do que da afinidade dialética sustentada nos dois primeiros livros da *Retórica*, e quanto à disposição, o maior ponto de convergência são os três gêneros do discurso.

Para produzir a presente dissertação, foi usado o texto grego estabelecido por Ross em suas edições críticas (1964), e, para os fins de citação, foi utilizada a tradução mais recente para o português de Rodrigo Bravo (2023). De modo subsidiário, também teve influência nesta pesquisa a tradução portuguesa de Alexandre Júnior (2018), a inglesa de Kennedy (2007), a alemã de Rapp (2002) e a francesa de Chiron (2007) – assim como seus respectivos comentários e ensaios introdutórios. Vale mencionar, ainda, que foi muito útil o livro *Retórica das Emoções* (2000), com ensaio introdutório de Michel Meyer, traduzido por Isis Fonseca.

Espera-se, ao final, que a presente dissertação contribua para os estudos aristotélicos ao propor uma análise que abarca os três livros da *Retórica*, investigando a coerência da afinidade entre retórica e dialética estabelecida por Aristóteles desde o primeiro livro.

2 A DIALÉTICA ARISTOTÉLICA NO LIVRO I DA *RETÓRICA*: A CRÍTICA AOS TRATADOS ANTERIORES E OS GÊNEROS DE DISCURSO

Dado que a presente dissertação tem como objetivo o estudo da interseção entre retórica e dialética a partir da perspectiva aristotélica, isto é, considerando a retórica uma arte, este capítulo está reservado para analisar como isso está expresso ao longo do livro I, passando pela própria definição da retórica, pela crítica aos manuais precedentes, bem como pelos três gêneros de discurso. No entanto, tal aproximação feita pelo Estagirita não é simples e está fortemente ligada com os problemas relacionados à arte dos discursos do período clássico, especialmente em Atenas, e nesse sentido Aristóteles considera o problema herdado de Platão a respeito do estatuto da retórica, isto é, seria ela ou não uma arte?[5] Essa questão é enfrentada em duas importantes obras, a saber, o *Górgias* e o *Fedro*, porém, ao contrário de Aristóteles, nos apresenta uma resposta negativa sobre o referido problema; e vemos igualmente a problematização da retórica nos discursos de Isócrates. Aristóteles, além de escrever a *Retórica* como uma resposta aos seus ensinamentos sobre os discursos, também teceu críticas à atividade dos sofistas,[6] sem, no entanto, chegar a sistematizá-la.

Para demonstrar como a questão do estatuto da retórica se encontrava incerta, pode-se mencionar que, no *Górgias* (459b-c), Platão, embora mantenha um tom cordial com o personagem Górgias, é predominantemente crítico à arte dos discursos. Ele argumenta que essa prática não exige necessariamente o domínio daquilo sobre o qual se discursa. Em vez disso, sugere que a retórica busca criar uma aparência de conhecimento, capaz de convencer os ignorantes de que o rétor realmente compreende o tema abordado. Ao final da obra, Platão parece oferecer uma resposta negativa quanto ao estatuto da retórica. Já no *Fedro* (262c), contudo, pode-se identificar uma mudança de perspectiva, com a primeira consideração positiva que Platão faz da retórica. Ele afirma que uma arte dos discursos que não se pauta pela verdade é irrisória, o que implica que o rétor deve conhecer a verdade de antemão.

Vale acrescentar que, ao que tudo indica, as considerações de Isócrates em seu discurso intitulado *Contra os sofistas* não nos chegaram integralmente, mas verificamos que há nesse discurso importantes críticas especialmente à atividade dos chamados sofistas, que julgava ser desonesta, argumentando que a tarefa de ensinar o ofício de compor e proferir um discurso não

[5] O problema do estatuto da retórica ainda estava em disputa na época de Aristóteles, principalmente pelas considerações de Platão a respeito dessa arte no *Górgias* e no *Fedro*, bem como as contribuições de Isócrates, notadamente no seu discurso intitulado *Contra os sofistas*.

[6] Uma crítica contundente nesse sentido também pode ser encontrada no discurso *Contra os sofistas* (4).

seria algo muito difícil, contanto que o discípulo não se entregasse a promessas fáceis e confiasse naqueles que de fato conhecem essa arte. Ainda no mesmo trecho, ele acrescenta o método que propõe ser adequado para ensinar a retórica: primeiramente já se deve ter o talento natural para praticar os discursos; em seguida, seria preciso aprender o caráter teórico desta arte com um professor; e por fim caberia praticar esse conhecimento sobre a arte dos discursos que foi aprendido. Nesse ponto, vale reproduzir aqui o texto:

> Afirmo, então, que adquirir o conhecimento dos elementos a partir dos quais proferimos e compomos todos os discursos não é tarefa das mais difíceis em absoluto, desde que o sujeito se entregue não para os que fazem promessas com facilidade, mas para aqueles que conhecem alguma coisa a esse Todavia, escolher os devidos procedimentos para cada assunto; misturá-los uns aos outros e ordená-los sob um determinado critério; não se equivocar quanto às situações oportunas para usá-los; ornar convenientemente o discurso inteiro com raciocínios lógicos; e proferi-lo melodicamente com palavras bem ritmadas; são esses os pressupostos que precisam de muito empenho e que são tarefa para uma alma viril e optativa. Ao discípulo, por sua vez, além de possuir o devido talento natural, cabe aprender os procedimentos discursivos e exercitar seu uso, enquanto o professor deve ser capaz de explicar com precisão de modo a não deixar de lado nada do que pode ser ensinado, e, por fim, de mostrar-se de tal forma como modelo, que os discípulos, os quais são moldados por ele e possuem a capacidade de imitá-lo, pareçam prontamente mais exuberantes e mais graciosos do que os outros quando discursam (§ 16-18).[7]

Porém, a própria caracterização que Aristóteles faz da arte da retórica, a qual ele retorna muitas vezes no decorrer do livro I, já indica que ele procurava marcar uma ruptura com Platão e Isócrates. É precisamente neste sentido que Piepenbrink (2020, p. 17) aponta três maneiras pelas quais Aristóteles procura alcançar tal ruptura: primeiramente procurou romper com os ensinamentos dos tratados de retórica anteriores, que ele julgava deficitários, principalmente pelo método; em seguida, procurou se diferenciar das críticas de Platão sobre a retórica, que, ao partir de premissas epistemológicas, ele julgava serem inadequadas para tratar de tal arte; e procurava fazer oposição a Isócrates, que defendia uma concepção de filosofia muito distinta da sua, e, com isso, também elaborou um modelo de ensino da arte da retórica significativamente diferente, tal como descrito acima.

---

[7] φημὶ γὰρ ἐγὼ τῶν μὲν ἰδεῶν, ἐξ ὧν τοὺς λόγους ἅπαντας καὶ λέγομεν καὶ συντίθεμεν, λαβεῖν τὴν ἐπιστήμην οὐκ εἶναι τῶν πάνυ χαλεπῶν, ἤν τις αὐτὸν παραδιδῷ μὴ τοῖς ῥᾳδίως ὑπισχνουμένοις ἀλλὰ τοῖς εἰδόσι τι περὶ αὐτῶν· τὸ δὲ τούτων ἐφ᾽ ἑκάστῳ τῶν πραγμάτων ἃς δεῖ προελέσθαι καὶ μείξασθαι πρὸς ἀλλήλας καὶ τάξασθαι κατὰ τρόπον, ἔτι δὲ τῶν καιρῶν μὴ διαμαρτεῖν ἀλλὰ καὶ τοῖς ἐνθυμήμασι πρεπόντως ὅλον τὸν λόγον καταποικῖλαι καὶ τοῖς ὀνόμασιν εὐρύθμως καὶ μουσικῶς εἰπεῖν, ταῦτα δὲ πολλῆς ἐπιμελείας δεῖσθαι καὶ ψυχῆς ἀνδρικῆς καὶ δοξαστικῆς ἔργον εἶναι, καὶ δεῖν τὸν μὲν μαθητὴν πρὸς τῷ τὴν φύσιν ἔχειν οἵαν χρὴ, τὰ μὲν εἴδη τὰ τῶν λόγων μαθεῖν, περὶ δὲ τὰς χρήσεις αὐτῶν γυμνασθῆναι, τὸν δὲ διδάσκαλον τὰ μὲν οὕτως ἀκριβῶς οἷόν τ᾽ εἶναι διελθεῖν ὥστε μηδὲν τῶν διδακτῶν παραλιπεῖν, περὶ δὲ τῶν λοιπῶν τοιοῦτον αὐτὸν παράδειγμα παρασχεῖν ὥστε τοὺς ἐκτυπωθέντας καὶ μιμήσασθαι δυναμένους εὐθὺς ἀνθηρότερον καὶ χαριέστερον τῶν ἄλλων φαίνεσθαι λέγοντας Tradução de Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda.

Uma fonte que nos dá informações relevantes para sustentar tal posição de ruptura e embate pode ser encontrada nos comentários de Quintiliano (III 1, 12), que nos apresenta um rápido desenvolvimento da arte da retórica no período clássico, afirmando que, entre os sofistas,[8] Górgias e Protágoras foram os primeiros a tratar dos temas básicos da retórica, enquanto Pródico e Hípias – e em alguma medida Protágoras e Trasímaco – foram os primeiros a tratar dos temas relativos à capacidade da retórica de provocar emoções.[9/10] Mais interessante ainda é a indicação que Quintiliano nos dá dos sucessores de Aristóteles, sinalizando que os ensinamentos retóricos de Aristóteles foram uma resposta a Isócrates. Vale reproduzir o trecho:

> Esses tiveram muitos sucessores; todavia, o mais famoso ouvinte de Górgias foi Isócrates, embora não haja consenso entre os autores sobre o mestre dele; nós, porém, cremos ter sido Aristóteles. Daí para frente, os caminhos começam a se dividir.
> Os discípulos de Isócrates foram sumamente destacados em todos os gêneros de estudo; e sendo ele já de idade avançada (pois chegou a completar o nonagésimo oitavo ano), Aristóteles começou a ensinar a arte oratória em suas aulas da tarde; segundo se afirma, usou com frequência aquele conhecido verso de *Philocteta*: "Vergonhoso é deixar Isócrates falar". Ambos escreveram tratados de arte oratória, mas o de Aristóteles contém mais livros[11] (XXX, III 1, 13-14) (grifos do tradutor Bruno Fregni Bassetto).

Isso indica que Aristóteles já compôs a *Retórica* tendo em mente uma resposta às escolas precedentes e concorrentes – principalmente a de Isócrates –, e, para tanto, precisava considerar a questão do estatuto da retórica. Solmsen (1929, p. 229) segue nessa mesma esteira de pensamento ao investigar o desenvolvimento da lógica e da retórica aristotélica, afirmando que nesse corpo de reflexões sobre a retórica recém-erguido no período clássico, que foi incorporado lado a lado ao pensamento de Platão, Isócrates e outros sofistas, foi necessária a organização de Aristóteles para colocar cada coisa em seu lugar: este foi o grande mérito da *Retórica*, caracterizando-se como uma obra eminentemente histórico-filosófica.

Desse modo, podemos acrescentar, a *Retórica* é uma obra que vai além da resposta aos tratados precedentes e concorrentes – apesar de ser um ponto de partida –, trata-se igualmente

---

[8] Reconhecendo que se trata de um grupo bastante heterogêneo em seus pensadores e respectivas teses, usamos, doravante, a nomenclatura *sofista* para se referir ao grupo dos filósofos reunidos em *Die Fragmente der Vorsakratiker*, de Diels & Kranz, no qual Górgias está incluído.

[9] Horum primi communis locos tractasse dicuntur Protagoras, Gorgias, adfectus Prodicus, Hippias et idem Protagoras et Thrasymachus. Tradução de Bruno Fregni Bassetto.

[10] Foge ao escopo da presente dissertação investigar como Quintiliano interpreta as emoções na retórica, no entanto, é curioso o fato de não mencionar Górgias justamente nesse ponto.

[11] His successere multi, sed clarissimus Gorgiae auditor Isocrates (quamquam de praeceptore eius inter auctores non conuenit: nos tamen Aristoteli credimus). Hinc uelut diuersae secari coeperunt uiae. Nam et Isocratis praestantissimi discipuli fuerunt in omni studiorum genere, eoque iam seniore (octauum enim et nonagesimum impleuit annum) postmeridianis scholis Aristoteles praecipere artem oratoriam coepit, noto quidem illo, ut traditur, uersu ex Philocteta frequenter usus: «turpe esse tacere et Isocraten pati dicere». Ars est utriusque, sed pluribus eam libris Aristoteles complexus est.

de uma obra que visa ao desenvolvimento e aprofundamento da arte dos discursos. Sustentando essa mesma posição, Rapp (2019, p. 9) afirma que, ao que tudo indica, Aristóteles entendia-se não apenas como opositor da tradição retórica ao lado de Platão (no caso da oposição a Isócrates), mas também como sucessor e inovador desta tradição.

Isso mostra que a *Retórica*, de Aristóteles, é uma obra de difícil interpretação, seja pela longa discussão sobre o estatuto da retórica e o seu respectivo ensino em que o Estagirita se engaja, seja pela indicação da afinidade da retórica com a dialética. Desse modo, o primeiro subcapítulo da presente dissertação pretende interpretar a aproximação que Aristóteles faz da retórica com a dialética no livro I, tendo como um importante instrumento para isso a presença do entimema, que também tem uma importante influência no decorrer da obra como um todo.

Já no segundo subcapítulo, pretende-se explorar a crítica que o Estagirita faz aos manuais dedicados à arte dos discursos, em que a afinidade com a dialética também terá uma considerável influência, já que, segundo o próprio filósofo, é precisamente este o ponto que tais tratados ignoram. Propõe-se igualmente apresentar alguns discursos que ilustram as críticas de Aristóteles, a fim de mostrar, como já comentado anteriormente, que ele considera insuficiente a abordagem dos tratados de retórica feitos até então, se apoiando, principalmente, no apelo para as emoções dos ouvintes.

O último subcapítulo do presente capítulo desta dissertação procura analisar como os três gêneros do discurso também estão ligados com a dialética, sendo que tal conexão tem consequências no campo de atuação da retórica, isto é, aquilo que é provável (εἰκός). Ainda nesse subcapítulo, propomos também trazer alguns exemplos de outros oradores para ilustrar cada gênero de discurso tematizado[12] por Aristóteles, tomando o devido cuidado de usar uma classificação que, sendo *a posteriori* e descritiva, pode comprometer a compreensão daquele discurso no momento em que foi feito, e, numa leitura ingênua de muitos estudiosos, ser vista como normativa, trazendo, assim, um anacronismo, que obnubila a obra no seu contexto de produção.

2.1 A dialética no livro I

Como dissemos, a fim de qualificar a arte dos discursos como uma τέχνη, Aristóteles (*Rhet*. 1354a) a classifica como a contraparte da dialética[13] logo na frase de abertura do livro I.

[12] Uso este termo pois, ainda que Aristóteles tenha desenvolvido esses três gêneros do discurso na *Retórica*, os locais e ocasiões em que eles eram proferidos já existiam muito antes do filósofo.

[13] ἡ ῥητορική ἐστιν ἀντίστροφος τῇ διαλεκτικῇ.

O termo, no entanto, não é apenas de difícil tradução, mas também de difícil interpretação, visto que não encontra nenhum equivalente nas línguas modernas. Entre as tentativas, pode-se encontrar a tradução portuguesa de Alexandre Júnior (2018), que propõe não se utilizar do termo consagrado, a saber, *contraparte*, mas escreve que a retórica é a *outra face* da dialética; a tradução brasileira de Bravo (2023) segue a mesma proposta ao nos apresentar o termo *contraponto*, apesar de o próprio tradutor reconhecer as consequentes dificuldades e polêmicas em volta dessa tradução, mas defende que tal palavra é mais apropriada ao que o filósofo pretende transmitir, isto é, expressar simultaneamente a ideia de uma oposição e de uma complementaridade.

Esse problema também está presente nas línguas estrangeiras, pois não há dificuldade em encontrar diversidade nas tentativas de tradução e interpretação do termo: a título de exemplo, nas traduções alemã de Rapp (2002) e de Krapinger (1999) optou-se pelo termo *Gegenstück*, que significa "equivalente"; a francesa de Chiron (2007) apresenta a retórica como dependente da dialética, utilizando a palavra *pendant*; por sua vez a tradução para o inglês de Kennedy (2007) optou por preservar o termo grego, apresentado apenas sua transliteração. A escolha desses diferentes termos para traduzir a mesma palavra revela que interpretá-la não é uma tarefa simples, bem como ainda não há consenso sobre seu significado – o que indica que precisamos também considerar o contexto do problema do estatuto da retórica quando Aristóteles escreveu seu tratado, sendo este seu ponto de partida para discutir esse problema.

Nesse sentido, é importante salientar a tradução portuguesa (2018, p. 26), na qual o próprio autor apresenta um breve comentário sobre a palavra ἀντίστροφος, lembrando o leitor de que é um termo já conhecido na época de Aristóteles, emprestado da lírica coral: a estrutura métrica de uma στροφή se repete na ἀντιστροφή, sendo que a primeira indica um movimento em uma direção, e a segunda, o movimento contrário; ambas apresentam uma coordenação oposta e complementar, tal como artes que possuem semelhanças gerais e diferenças específicas. Isso parece ser o que Aristóteles pretende exprimir com tal formulação, e, em grande medida, sintetiza o escopo da afinidade entre retórica e dialética em sua obra.

Ainda sobre esse mesmo tema, e de modo mais sistemático, há o estudo de Green (1990, p. 15) exatamente a respeito das interpretações do termo ἀντίστροφος, para o qual ele apresenta as três principais correntes interpretativas: a peripatética, a árabe e a escolástica – sendo que os comentadores de cada uma dessas tradições alcançaram entendimentos similares da palavra grega, porém fizeram isso por razões bem diferentes, logo, o que à primeira vista pode parecer um consenso, na verdade não o é. Segundo a corrente peripatética, a preocupação em interpretar o termo ἀντίστροφος se concentra primariamente nas semelhanças e diferenças entre retórica e

dialética, na medida em que tal relação pode esclarecer os problemas de se fazer silogismos a partir de premissas prováveis e não verdadeiras; a corrente árabe incorpora a retórica aristotélica, a poética, a demonstração e a sofística em uma arte ainda mais ampla, que é a lógica; por fim, a corrente da escolástica argumenta que a retórica e a dialética se assemelham no sentido de ambas serem atividades racionais, porém a retórica tende a trabalhar com problemas morais precisos para serem apresentados a um auditório leigo, usando uma forma de lógica que para a escolástica era considerada inferior, que é o entimema, ao passo que a dialética trabalha com especulações universais, para um público de estudiosos, usando a lógica silogística.

Green (1990, p. 22-23), mais adiante, apresenta críticas à tradução moderna desse termo, afirmando que a palavra *contraparte* parece ser o denominador comum mais baixo entre as tentativas de se encontrar um equivalente nas traduções das línguas modernas, inclusive podendo atribuir-lhe o sentido que qualquer interpretação possa oferecer, sem se comprometer com nenhuma delas. Assim, continua o autor, pode-se defender até cinco significados diferentes: primeiramente, ἀντίστροφος pode significar que X é o espelho de Y; ou que X é o proporcional oposto de Y; ou que X é o paralelo oposto de Y; ou que X, dentro de seu contexto, é o mesmo que Y, também dentro de seu contexto; e que X e Y se encaixam juntos, de tal forma que constituem um todo.

Isso mostra, portanto, que a mera tradução e investigação do termo ἀντίστροφος se mostra insuficiente para a investigação do peso que a dialética possui na obra aqui em estudo. Para tanto, também é necessário analisar tal aproximação da dialética com a arte da retórica dentro do pensamento filosófico de Aristóteles, isto é, explorando quais são os elementos que compõem a dialética tal como compreendida pelo Estagirita, e igualmente como ela se expressa na arte dos discursos.

Nesse sentido, é relevante apontar a tentativa de interpretação de Brunschwig (1996, p. 36), na qual ele entende que a retórica e a dialética são contrapartes no sentido em que a dialética é para o uso da linguagem privada e conversacional, a retórica é para o uso da linguagem quando um único rétor se dirige a um público determinado. Um pouco adiante, o mesmo autor (1996, p. 44) aponta que a descrição da retórica, tal como compreendida por Aristóteles, baseia-se na comparação com a dialética, como se isso não pudesse ser trazido à tona sem tal referência.

Porém, o próprio Aristóteles estabelece que a retórica, dadas as suas atribuições, qualifica-se como uma arte, e isso parece ser um pressuposto norteador para o desenvolvimento do raciocínio apresentado na obra, pois assim o Estagirita escreve logo após afirmar que a retórica seria a contraparte da dialética:

> [...] ambas se situam entre as coisas comuns que todos conhecem e não são delimitadas por saber algum. Todos participam de ambas de alguma forma, uma vez que qualquer um, em dado momento, precisou compor ou decompor um discurso, bem como acusar ou defender-se de alguém. Muitos conseguem fazê-lo espontaneamente, outros pela prática. Mas se ambos os casos são válidos, é evidente que estes saberes podem ser descritos por meio de um método, pois ao empregá-lo torna-se possível analisar a causa de alguns conseguirem obter tais saberes pela experiência e outros de maneira automática. Tais considerações, por sua vez, permitem-nos pensar a Retórica e a Dialética como ofício de uma arte (*Rhet.* 1354a 1-11).[14]

A partir desse trecho é possível identificar alguns pontos-chave na interpretação, tanto do termo ἀντίστροφος, quanto do peso que a dialética tem sobre a concepção aristotélica da retórica enquanto uma arte: notamos primeiramente o prestígio que a arte dos discursos possuía no período clássico da Grécia Antiga ao mencionar que todos participam dela, seja acusando ou defendendo-se, ainda que de modo espontâneo ou pela prática, o que nos sinaliza que ela é incontornável na vida pública do período clássico da Antiguidade; o trecho nos indica igualmente que, tal como a dialética, a retórica é passível de ser descrita a partir de um método, e, por conseguinte, seu domínio significa justamente o ponto que a qualificaria como uma arte (τέχνη), tal como o próprio filósofo conclui.

A definição dada pelo Estagirita da arte retórica pode ser uma chave para interpretar tal aproximação, procurando determiná-la como a faculdade de encontrar o que é persuasivo em cada discurso sobre qualquer objeto. Assim podemos verificar em seu texto:

> Que seja a Retórica, então, a faculdade de observar o que é persuasivo em qualquer caso. Este não é o trabalho de nenhuma outra arte. Cada arte tem por tarefa ensinar e persuadir acerca de sua própria matéria: a Medicina, por exemplo, acerca da saúde e da doença; a Geometria, acerca das dimensões e magnitudes; a Aritmética acerca do número; e da mesma forma as demais arte e saberes. A Retórica, por assim dizer, parece ser capaz de observar o persuasivo em todos os objetos dados. Por causa disso podemos dizer que ela, no que tange ao seu aspecto artístico, não se limita a nenhum gênero específico (*Rhet.* 1355b 25-34).[15]

---

[14] [...] ἀμφότεραι γὰρ περὶ τοιούτων τινῶν εἰσιν ἃ κοινὰ τρόπον τινὰ ἁπάντων ἐστὶ γνωρίζειν καὶ οὐδεμιᾶς ἐπιστήμης ἀφωρισμένης· διὸ καὶ πάντες τρόπον τινὰ μετέχουσιν ἀμφοῖν· πάντες γὰρ μέχρι τινὸς καὶ ἐξετάζειν καὶ ὑπέχειν λόγον καὶ ἀπολογεῖσθαι καὶ κατηγορεῖν ἐγχειροῦσιν. τῶν μὲν οὖν πολλῶν οἱ μὲν εἰκῇ ταῦτα δρῶσιν, οἱ δὲ διὰ συνήθειαν ἀπὸ ἕξεως· ἐπεὶ δ᾽ ἀμφοτέρως ἐνδέχεται, δῆλον ὅτι εἴη ἂν αὐτὰ καὶ ὁδῷ ποιεῖν· δι᾽ ὃ γὰρ ἐπιτυγχάνουσιν οἵ τε διὰ συνήθειαν καὶ οἱ ἀπὸ τοῦ αὐτομάτου τὴν αἰτίαν θεωρεῖν ἐνδέχεται, τὸ δὲ τοιοῦτον ἤδη πάντες ἂν ὁμολογήσαιεν τέχνης ἔργον εἶναι. Todas as citações da *Retórica* em português presentes neste trabalho foram retiradas da tradução Rodrigo Bravo.

[15] ἔστω δὴ ἡ ῥητορικὴ δύναμις περὶ ἕκαστον τοῦ θεωρῆσαι τὸ ἐνδεχόμενον πιθανόν. τοῦτο γὰρ οὐδεμιᾶς ἑτέρας ἐστὶ τέχνης ἔργον· τῶν γὰρ ἄλλων ἑκάστη περὶ τὸ αὐτῇ ὑποκείμενόν ἐστιν διδασκαλικὴ καὶ πειστική, οἷον ἰατρικὴ περὶ ὑγιεινῶν καὶ νοσερῶν, καὶ γεωμετρία περὶ τὰ συμβεβηκότα πάθη τοῖς μεγέθεσι, καὶ ἀριθμητικὴ περὶ ἀριθμῶν, ὁμοίως δὲ καὶ αἱ λοιπαὶ τῶν τεχνῶν καὶ ἐπιστημῶν· ἡ δὲ ῥητορικὴ περὶ τοῦ δοθέντος ὡς εἰπεῖν δοκεῖ δύνασθαι θεωρεῖν τὸ πιθανόν, διὸ καί φαμεν αὐτὴν οὐ περί τι γένος ἴδιον ἀφωρισμένον ἔχειν τὸ τεχνικόν.

Neste ponto, vale notar a escolha de palavras por parte de Aristóteles, em que podemos notar a incidência do verbo θεωρέω, do verbo ὑπόκειμαι e uma do adjetivo ἴδιος. Tal como notado por Brunschwig (1996, p. 44) novamente, essa definição que Aristóteles apresenta da retórica está presente em um vocabulário relativo à visão e não à produção, como se aquilo que é relevante para a arte dos discursos já existisse e estivesse apenas esperando para ser notado, ou seja, a retórica é descrita como a habilidade ou faculdade (δύναμις)[16] de identificar o meio de persuasão mais relevante em cada caso.

Interessante notar que essa posição também pode ser verificada pouco antes de Aristóteles nos apresentar a definição da retórica, em que ele usa esse mesmo tipo de vocabulário ao aproximar, mais uma vez, a arte dos discursos da dialética. Assim segue o trecho:

> Que a Retórica, portanto, não está circunscrita a nenhum gênero específico, mas é como a Dialética, e que ela é útil, está claro; além disso, seu trabalho não é o de persuadir, mas identificar as circunstâncias da persuasão em cada caso, tal como ocorre com todas as outras artes. Da mesma forma também não é trabalho da Medicina criar a saúde, mas esforçar-se em buscá-la e persegui-la a contento, de modo que mesmo aquele cuja recuperação é impossível seja tradado de forma digna (*Ret.* 1355b 8-14).[17]

Note-se que no trecho supracitado há uma repetição dos termos ὑπόκειμαι e ἴδιος, indicando também que a capacidade de produzir a persuasão consiste em ver o que convence cada auditório em cada situação. O exemplo dado por Aristóteles a respeito da medicina é bem ilustrativo para reforçar o raciocínio que o filósofo pretende mostrar: a medicina não visa criar a saúde, assim como a retórica não cria a persuasão,[18] o trabalho da medicina é justamente buscar e perseguir a saúde – ou nos casos em que não é possível alcançá-la, possibilitar o tratamento mais digno possível ao paciente –, mas repare que a saúde é algo que já existe antes que a doença contamine o paciente; de modo análogo, na arte dos discursos a capacidade de persuasão já existe, cabendo ao rétor identificá-la do modo mais apropriado a cada caso.

---

[16] Sobre essa escolha de palavras da parte do Estagirita, Haskins (2013, p. 3) aponta que é peculiar a aparição deste termo para definir a retórica: definida a δύναμις como uma capacidade, a retórica ocupa uma posição peculiar em relação às práticas existentes. No livro IX da *Metafísica*, lembra a autora, tal palavra descreve a "potencialidade" das substâncias e dos animais não racionais e a "habilidade" dos humanos. Entre as δύναμεις humanas, algumas são inatas (como os sentidos), algumas advêm da prática (como tocar flauta) e outras são adquiridas por meio do aprendizado (tais como as capacidades dos ofícios, τέχναι – que, no caso, encontramos a retórica).

[17] ὅτι μὲν οὖν οὐκ ἔστιν οὐθενός τινος γένους ἀφωρισμένου ἡ ῥητορική, ἀλλὰ καθάπερ ἡ διαλεκτική, καὶ ὅτι χρήσιμος, φανερόν, καὶ ὅτι οὐ τὸ πεῖσαι ἔργον αὐτῆς, ἀλλὰ τὸ ἰδεῖν τὰ ὑπάρχοντα πιθανὰ περὶ ἕκαστον, καθάπερ καὶ ἐν ταῖς ἄλλαις τέχναις πάσαις (οὐδὲ γὰρ ἰατρικῆς τὸ ὑγιᾶ ποιῆσαι, ἀλλὰ μέχρι οὗ ἐνδέχεται, μέχρι τούτου προαγαγεῖν· ἔστιν γὰρ καὶ τοὺς ἀδυνάτους μεταλαβεῖν ὑγιείας ὅμως θεραπεῦσαι καλῶς).

[18] Este também é um grande ponto de ruptura de Aristóteles com seu mestre.

Ademais, é igualmente importante notar o vocabulário que o Estagirita usa para indicar a aproximação da retórica com a dialética: notamos duas vezes o emprego do termo καθάπερ, que é um advérbio que significa *como*, no sentido de aproximação ou semelhança. Inclusive, a tradução portuguesa (2018), aplicando maior margem de interpretação do que a tradução brasileira citada diretamente acima, prefere utilizar o verbo *assemelhar-se*. Em ambos os casos, parece ser seguro inferir que o filósofo pretendia demonstrar que ele interpreta arte retórica como um ramo da dialética, sendo esta mais abrangente que os discursos. Desse modo, vemos que identificar os meios de persuasão mais apropriados a cada caso cabe ao rétor que faz uso dos mesmos elementos que compõem a dialética, porém, com a ressalva de que ele tem em vista aquilo que produz a persuasão.

Para que a aproximação entre a retórica e a dialética fique mais clara, deve-se buscar a definição mais precisa da dialética que Aristóteles, junto com os três propósitos dela, apresenta nos *Tópicos*:

> São elas em número de três: o exercício mental, os encontros *com o público, a obtenção de* conhecimentos de ordem filosófica. Que é útil para o exercício mental, é a coisa só por si evidente: possuidores do método, poderemos argumentar com mais facilidade sobre alguma questão que nos seja colocada; quanto aos encontros com o público, *é útil* porque, depois de fazer uma enumeração das opiniões da maioria, poderemos debater com todos a partir dos seus próprios princípios, e não de princípios alheios, fazendo-os modificar aquilo que nos parecer que dizem de forma incorrecta; quanto, enfim, aos conhecimentos filosóficos, porque, sendo capazes de analisar qualquer dificuldade em ambos os sentidos possíveis, mais facilmente detectaremos em cada *questão* onde está a verdade e onde o erro. Além disso ajudar-nos-á a discernir os princípios básicos de cada ramo do conhecimento. E que, partindo dos princípios próprios de uma determinada ciência, nada é possível dizer acerca destes, já que os princípios têm precedência absoluta sobre tudo (*Tóp.* 101a 26-101b4) (grifos do tradutor).[19]

Com base nesse trecho de Aristóteles, então, podemos constatar que os dois propósitos iniciais possuem um escopo mais limitado, enquanto o terceiro é filosoficamente o mais importante pois está ligado a um instrumento capaz de produzir conhecimento. Entretanto, são estes dois primeiros que mais interessam à retórica, pois o primeiro faz com que se tenha um melhor domínio de seu discurso, possibilitando-o argumentar melhor sobre alguma questão que

[19] Ἔστι δὴ πρὸς τρία, πρὸς γυμνασίαν, πρὸς τὰς ἐντεύξεις, πρὸς τὰς κατὰ φιλοσοφίαν ἐπιστήμας. Ὅτι μὲν οὖν πρὸς γυμνασίαν χρήσιμος, ἐξ αὐτῶν καταφανές ἐστι· μέθοδον γὰρ ἔχοντες ῥᾷον περὶ τοῦ προτεθέντος ἐπιχειρεῖν δυνησόμεθα· πρὸς δὲ τὰς ἐντεύξεις, διότι τὰς τῶν πολλῶν κατηριθμημένοι δόξας οὐκ ἐκ τῶν ἀλλοτρίων ἀλλ´ ἐκ τῶν οἰκείων δογμάτων ὁμιλήσομεν πρὸς αὐτούς, μεταβιβάζοντες ὅ τι ἂν μὴ καλῶς φαίνωνται λέγειν ἡμῖν· πρὸς δὲ τὰς κατὰ φιλοσοφίαν ἐπιστήμας, ὅτι δυνάμενοι πρὸς ἀμφότερα διαπορῆσαι ῥᾷον ἐν ἑκάστοις κατοψόμεθα τἀληθές τε καὶ τὸ ψεῦδος· ἔτι δὲ πρὸς τὰ πρῶτα τῶν περὶ ἑκάστην ἐπιστήμην. Ἐκ μὲν γὰρ τῶν οἰκείων τῶν κατὰ τὴν προτεθεῖσαν ἐπιστήμην ἀρχῶν ἀδύνατον εἰπεῖν τι περὶ αὐτῶν, ἐπειδὴ πρῶται αἱ ἀρχαὶ ἁπάντων εἰσί, διὰ δὲ τῶν περὶ ἕκαστα ἐνδόξων ἀνάγκη περὶ αὐτῶν διελθεῖν. Τοῦτο δ´ ἴδιον ἢ μάλιστα οἰκεῖον τῆς διαλεκτικῆς ἐστιν· ἐξεταστικὴ γὰρ οὖσα πρὸς τὰς ἁπασῶν τῶν μεθόδων ἀρχὰς ὁδὸν ἔχει. Tradução de J. A. Segurado e Campos.

lhe foi colocada; e o segundo, os encontros com o público, são os momentos nos quais os discursos são proferidos. É por estas razões que Aristóteles considera tanto a retórica como a dialética como ofícios pertencentes a uma arte, pois não pertencem especificamente a nenhum gênero do conhecimento, tal como já mencionado anteriormente.

O próprio Aristóteles, segundo o que o texto da *Retórica* indica, parece aproveitar dessas funções da dialética para mostrar como ele considera a arte retórica incluída na dialética, de tal modo que a prática da arte dos discursos é um dos modos de uso da própria dialética, reiterando que esta última é mais abrangente que a retórica. Isso podemos conferir no trecho em que há mais uma indicação da afinidade entre os dois campos:

> Uma vez que os argumentos provêm dessas fontes, é evidente que dominá-las é ser capaz de silogizar e teorizar sobre as instâncias, as virtudes e, por fim, sobre as paixões, isto é, identificar quais e quantas são as paixões e de onde e como surge cada uma, de modo que procede ser a Retórica um ramo da Dialética e da Ética, a qual é justo renomearmos Política. Por causa disso a Retórica às vezes faz papel de Política e, por falta de instrução, charlatanismo e outros vícios humanos, seus proponentes fazem o mesmo: como dissemos anteriormente, a Retórica é uma parte da Dialética e lhe é similar; elas não se limitam à – nem dominam – ciência específica alguma, mas são faculdades de viabilização dos discursos (*Rhet.* 1356a 20-31).[20]

O trecho supracitado nos oferece uma chave para compreender como Aristóteles concebe a arte da retórica enquanto uma forma de utilização da dialética. Ao indicar a arte dos discursos como um ramo da dialética, ele utiliza o termo παραφυές, derivado do verbo παραφύομαι, que pode significar crescer ao lado ou a partir de alguma coisa. Nesse sentido, é interessante trazer novamente a proposta de interpretação da tradução portuguesa de Manuel Júnior (2018), que vê o referido termo como a indicação da retórica enquanto um rebento da dialética. É interessante trazer a conclusão de Carvalho (2018, p. 57) a respeito dessa proposta de tradução, pois ele argumenta que tal passagem é mais um indicativo de que Aristóteles entende a arte retórica enquanto dependente dos estudos dialéticos: não só participam ambas do campo, a saber a arte, mas também compartilham de fins teóricos e práticos – tal como já demonstrado nos *Tópicos*. Então, concordando com esta observação e sua conclusão a esse respeito, pode-se entender que o Estagirita, ao aproximar retórica e dialética, considerava que

[20] ἐπεὶ δ᾽ αἱ πίστεις διὰ τούτων εἰσί, φανερὸν ὅτι ταύτας ἐστὶ λαβεῖν τοῦ συλλογίσασθαι δυναμένου καὶ τοῦ θεωρῆσαι περὶ τὰ ἤθη καὶ περὶ τὰς ἀρετὰς καὶ τρίτον τοῦ περὶ τὰ πάθη, τί τε ἕκαστόν ἐστιν τῶν παθῶν καὶ ποιόν τι, καὶ ἐκ τίνων ἐγγίνεται καὶ πῶς, ὥστε συμβαίνει τὴν ῥητορικὴν οἷον παραφυές τι τῆς διαλεκτικῆς εἶναι καὶ τῆς περὶ τὰ ἤθη πραγματείας, ἣν δίκαιόν ἐστι προσαγορεύειν πολιτικήν. διὸ καὶ ὑποδύεται ὑπὸ τὸ σχῆμα τὸ τῆς πολιτικῆς ἡ ῥητορικὴ καὶ οἱ ἀντιποιούμενοι ταύτης τὰ μὲν δι᾽ ἀπαιδευσίαν, τὰ δὲ δι᾽ ἀλαζονείαν, τὰ δὲ καὶ δι᾽ ἄλλας αἰτίας ἀνθρωπικάς· ἔστι γὰρ μόριόν τι τῆς διαλεκτικῆς καὶ ὁμοίωμα, καθάπερ καὶ ἀρχόμενοι εἴπομεν.

sem o domínio da dialética não há como identificar os meios de persuasão mais apropriados em cada caso.

Fortemente conectada com essa intricada relação de afinidade entre dialética e a arte da retórica, dentro da perspectiva aristotélica, surge a figura fundamental do entimema,[21] pois é a partir dele que se produz a persuasão, isto é, ele é elemento constitutivo dos argumentos ou das provas (πίστεις). Quanto a estas, Aristóteles as distingue entre as não artísticas – ou não fabricadas – e as artísticas – também denominadas de fabricadas –, sendo estas últimas mais relevantes para a arte dos discursos. Ao mencionar as provas ou argumentos, as palavras do filósofo são claras ao defini-los:

> Quanto aos argumentos, há aqueles que são fabricados e os que não são. Quando falo de argumentos não fabricados, refiro-me aos que não provêm de nós, mas estão dados, tais como os oriundos de testemunhos, confissões, contratos e assim por diante; já os argumentos fabricados são aqueles que podem ser compostos por nós mesmos a partir do método: os primeiros devemos usar; os últimos, inventar (*Rhet.* 1355b 35-39).[22]

Assim, como os argumentos não fabricados já estão dados, sem margem para longas interpretações e sem a necessidade de inventá-las, cabendo ao rétor apenas utilizá-las, Aristóteles dedica maior atenção à elaboração dos argumentos fabricados. Então ele estabelece três vias em que se pode produzir a persuasão (*Rhet* 1356a 1-4), sendo que a primeira delas reside no próprio caráter moral, que em grego é ἦθος; a outra busca tocar o ouvinte de alguma forma, isto é, produzir nele emoções de forma a contribuir para que seja persuadido, denominada emoção, πάθος; e por fim, considerado o mais importante na arte retórica, residindo na própria fala, tanto no que demonstra quanto no que parece demonstrar em cada caso, o discurso, λόγος, tal como é referida esta via de persuasão.[23]

Nessas três vias de persuasão, o rétor deve recorrer principalmente aos entimemas em seus discursos, enquanto o exemplo desempenha um papel secundário. Neste ponto vale trazer maiores esclarecimentos a este respeito, pois trata-se aqui do instrumento central para que o rétor possa produzir a persuasão no auditório diante do qual profere seus discursos. Aristóteles nos fornece uma rápida definição do entimema nos *Primeiros analíticos* (70a10), afirmando

---

[21] O entimema é incialmente introduzido junto com a crítica que Aristóteles faz aos tratados de retórica anteriores e concorrentes ao dele. No entanto, dedicaremos uma seção da presente dissertação para tratar especificamente deste tema, e, neste momento, focaremos no aspecto lógico que envolve o entimema.

[22] τῶν δὲ πίστεων αἱ μὲν ἄτεχνοί εἰσιν αἱ δ᾽ ἔντεχνοι. ἄτεχνα δὲ λέγω ὅσα μὴ δι᾽ ἡμῶν πεπόρισται ἀλλὰ προϋπῆρχεν, οἷον μάρτυρες βάσανοι συγγραφαὶ καὶ ὅσα τοιαῦτα, ἔντεχνα δὲ ὅσα διὰ τῆς μεθόδου καὶ δι᾽ ἡμῶν κατασκευασθῆναι δυνατόν, ὥστε δεῖ τούτων τοῖς μὲν χρήσασθαι, τὰ δὲ εὑρεῖν.

[23] τῶν δὲ διὰ τοῦ λόγου ποριζομένων πίστεων τρία εἴδη ἔστιν· αἱ μὲν γάρ εἰσιν ἐν τῷ ἤθει τοῦ λέγοντος, αἱ δὲ ἐν τῷ τὸν ἀκροατὴν διαθεῖναί πως, αἱ δὲ ἐν αὐτῷ τῷ λόγῳ διὰ τοῦ δεικνύναι ἢ φαίνεσθαι δεικνύναι.

constituir um silogismo formado por proposições prováveis ou verossímeis e por sinais.[24] Uma vez, então, que o entimema é composto pelo provável (ἔοικα) e pelo sinal (σηεῖον),[25] deve-se definir esses dois termos.

Segundo o que o próprio Estagirita estabelece no texto dos *Primeiros analíticos* (70a), o provável é definido como aquilo que na maior parte dos casos é ou não é, ou acontece ou não acontece; enquanto o sinal tende a ser precisamente a proposição demonstrativa, seja ela necessária ou provável. O próprio filósofo também chama de sinal aquilo cuja existência ou cuja produção leva à existência de outra coisa, seja ela anterior ou posterior.[26] Dessa forma, sendo os componentes do entimema derivados do silogismo, o Estagirita coloca uma certa ordem de prioridade para conhecer e persuadir, tal como mostra McBurney (1936, p. 52) em seu estudo sobre a figura do entimema na *Retórica*: a demonstração científica, desenvolvida nos *Primeiros analíticos* e nos *Segundos analíticos*, é um método para descobrir e demonstrar a verdade; a dialética, tal como explicada nos *Tópicos*, serve para provar a verdade partindo daquilo que é comumente aceito com os silogismos dialéticos; e a arte da retórica procura encontrar os meios de persuasão em cada caso particular, porém ainda fortemente relacionado com a dialética, pois ambas podem ser aplicadas a todas as artes (τέχναι) e se ocupam daquilo que é provável (εἰκός).

Gross e Dascal (2001, p. 277-278), de modo mais detalhado, observam que um silogismo será retórico mesmo que seja completo, contanto que suas premissas sejam baseadas opiniões comuns. Isso nem mesmo exclui, continuam os comentadores, o conhecimento genuíno das premissas dos silogismos retóricos, contanto que esse conhecimento não seja verdadeiramente detido, mas meramente acreditado. Em termos de Aristóteles, os rétores e seus públicos conhecem o "o quê" e não o "porquê": que o Estado é a suprema parceria formada para o bem de seus cidadãos pode ser a premissa de um silogismo retórico, contanto que essa proposição seja simplesmente acreditada e não possuída, pois se conhece o princípio de que o Estado é um membro da classe das parcerias, todas necessariamente formadas para algum bem humano mútuo. À medida que os rétores passam do "o quê" para o "porquê", deixam de ser figuras públicas e se transformam em professores.

---

[24] Ἐνθύμημα δὲ ἐστὶ συλλογισμὸς ἐξ εἰκότων ἢ σημείων.

[25] Uma análise mais profunda do provável e dos sinais será feita na última seção deste capítulo.

[26] Ἐνθύμημα δὲ ἐστὶ συλλογισμὸς ἐξ εἰκότων ἢ σημείων, εἰκὸς δὲ καὶ σημεῖον οὐ ταὐτόν ἐστιν, ἀλλὰ τὸ μὲν εἰκός ἐστι πρότασις ἔνδοξος· ὃ γὰρ ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ ἴσασιν οὕτω γινόμενον ἢ μὴ γινόμενον ἢ ὂν ἢ μὴ ὄν, τοῦτ΄ ἐστὶν εἰκός, οἷον τὸ μισεῖν τοὺς φθονοῦντας ἢ τὸ φιλεῖν τοὺς ἐρωμένους. Σημεῖον δὲ βούλεται εἶναι πρότασις ἀποδεικτικὴ ἢ ἀναγκαία ἢ ἔνδοξος· οὗ γὰρ ὄντος ἔστιν ἢ οὗ γενομένου πρότερον ἢ ὕστερον γέγονε τὸ πρᾶγμα, τοῦτο σημεῖόν ἐστι τοῦ γεγονέναι ἢ εἶναι.

O próprio filósofo dedica mais atenção ao entimema do que ao exemplo, porém o texto da *Retórica* não nos fornece uma definição única para esse termo, mas o discute extensivamente, indicando que é uma espécie de silogismo, e que é a partir dele que se produz a persuasão, pois o rétor mais habilidoso na composição dos entimemas será na mesma medida aquele com a maior capacidade de convencer os ouvintes. Assim podemos verificar em seu texto sobre o entimema, quando ele fala da sua aplicação na arte dos discursos:

> É evidente que um método circunscrito a uma arte, neste caso, ocupe-se da argumentação, sendo esta argumentação uma espécie de demonstração (pois nos persuadimos quando compreendemos que algo foi demonstrado), e esta demonstração retórica sendo um entimema – absolutamente o argumento mais poderoso –, e este entimema, por sua vez uma espécie de silogismo; e uma vez que concerne a toda uma parte da Dialética observar a cada silogismo da mesma forma, é claro que será hábil na composição dos entimemas quem for capaz de ver melhor de onde e como um silogismo vem a ser, sendo tal pessoa versada tanto no que é próprio ao entimema quanto naquilo que ele difere dos silogismos lógicos (*Ret.* 1355a3-14).[27]

O trecho supracitado revela que a dialética é o elemento fundamental que faz com que a arte dos discursos possa ser caracterizada como uma arte, pois é a partir dela que a retórica aproveita dos mesmos elementos da lógica aristotélica, e é isso que permite à retórica – assim como a dialética – se situar entre as coisas comuns ou comumente aceitas e não ser delimitada por saber algum. O próprio Aristóteles reforça essa aproximação, destacando como os elementos da lógica desenvolvida nos *Primeiros analíticos* e nos *Tópicos* são expressos através da figura do entimema, como se pode verificar a partir do seguinte trecho, em que, dando continuidade ao desenvolvimento do entimema, afirma que ele pode ser considerado como um silogismo com pelo menos uma das premissas suprimidas, pois fica entendido que esta já está evidente:

> Tal como na Dialética há a indução, o silogismo e o silogismo aparente para efetivar a demonstração – ou a demonstração aparente –, a Retórica opera por caminhos similares: o exemplo é a indução, e entimema é o silogismo, e o entimema aparente é o silogismo aparente. Chamo de entimema o silogismo retórico, e de exemplo a indução retórica. Todos os que propõem argumentos o fazem por meio de exemplos ou de entimemas: não há outra maneira. E considerando ser todo aquele que demonstra qualquer coisa forçado a dispor de silogismos e induções (como ficou claro para nós

[27] ἐπεὶ δὲ φανερόν ἐστιν ὅτι ἡ μὲν ἔντεχνος μέθοδος περὶ τὰς πίστεις ἐστίν, ἡ δὲ πίστις ἀπόδειξίς τις (τότε γὰρ πιστεύομεν μάλιστα ὅταν ἀποδεδεῖχθαι ὑπολάβωμεν), ἔστι δ᾽ ἀπόδειξις ῥητορικὴ ἐνθύμημα, καὶ ἔστι τοῦτο ὡς εἰπεῖν ἁπλῶς κυριώτατον τῶν πίστεων, τὸ δ᾽ ἐνθύμημα συλλογισμός τις, περὶ δὲ συλλογισμοῦ ὁμοίως ἅπαντος τῆς διαλεκτικῆς ἐστιν ἰδεῖν, ἢ αὐτῆς ὅλης ἢ μέρους τινός, δῆλον ὅτι ὁ μάλιστα τοῦτο δυνάμενος θεωρεῖν, ἐκ τίνων καὶ πῶς γίνεται συλλογισμός, οὗτος καὶ ἐνθυμηματικὸς ἂν εἴη μάλιστα, προσλαβὼν περὶ ποῖά τέ ἐστι τὸ ἐνθύμημα καὶ τίνας ἔχει διαφορὰς πρὸς τοὺς λογικοὺς συλλογισμούς.

> nos *Analíticos*), estas devem, necessariamente, ser iguais àqueles (*Rhet*. 1356a 34-11) (grifos do tradutor).[28]

Quanto ao exemplo, uma vez que se trata do correlativo retórico da indução, devemos, como o próprio Aristóteles indica, voltar mais uma vez aos *Tópicos* para compreender o que está em jogo, pois no próprio texto da *Retórica* ele afirma que a diferença entre o exemplo e o entimema resta clara com o que já fora discutido ali. Em suas próprias palavras, assim ele discorre sobre a indução:

> Quanto à indução é o método de raciocínio que parte de um conjunto de coisas individuais para concluir acerca da totalidade; por exemplo, se o piloto é o mais sabedor *na arte de guiar um navio*, se o auriga é *o mais sabedor na sua arte*, concluímos que, em geral, o melhor em cada arte é o mais sabedor *nessa arte*. A indução é mais convincente, mais clara, mais apreensível pelos sentidos, e está ao alcance da maioria das pessoas, ao passo que o raciocínio dedutivo tem mais força demonstrativa e é mais eficaz para responder aos contraditores (*Top.* 105a 13-19) (grifos do tradutor).[29]

Dessa forma, com base no que foi argumentado até este ponto, pode-se notar alguns pontos relevantes para interpretar a afinidade que Aristóteles estabelece entre a arte dos discursos com a dialética: primeiramente, a aproximação que o Estagirita estabelece ao utilizar o termo ἀντίστροφος, tradicionalmente traduzido como *contraparte*, vai além de uma oposição às concepções de retórica predominantes à sua época, notadamente as de Isócrates e as de Platão. Ao revelar tal tipo de proximidade, parece que o filósofo estabelece a possibilidade de conciliar a característica da arte dos discursos de se ocupar de questões a respeito do conhecimento comum e de não corresponder a nenhuma ciência em particular, com as características da dialética – que também não pertencem a nenhuma ciência específica –, possibilitando, então, sistematizar a arte da retórica segundo os parâmetros de uma arte. Isso permite, igualmente, que a retórica possa aproveitar da mesma estrutura lógica da investigação pela dialética, com a peculiaridade de estar voltada para os discursos e emergir nos discursos com a figura do entimema – sendo, inclusive, a partir desse ponto que nasce a centralidade do

---

[28] τῶν δὲ διὰ τοῦ δεικνύναι ἢ φαίνεσθαι δεικνύναι, καθάπερ καὶ ἐν τοῖς διαλεκτικοῖς τὸ μὲν ἐπαγωγή ἐστιν, τὸ δὲ συλλογισμός, τὸ δὲ φαινόμενος συλλογισμός, καὶ ἐνταῦθα ὁμοίως· ἔστιν γὰρ τὸ μὲν παράδειγμα ἐπαγωγή, τὸ δ᾽ ἐνθύμημα συλλογισμός, τὸ δὲ φαινόμενον ἐνθύμημα φαινόμενος συλλογισμός. καλῶ δ᾽ ἐνθύμημα μὲν ῥητορικὸν συλλογισμόν, παράδειγμα δὲ ἐπαγωγὴν ῥητορικήν. πάντες δὲ τὰς πίστεις ποιοῦνται διὰ τοῦ δεικνύναι ἢ παραδείγματα λέγοντες ἢ ἐνθυμήματα, καὶ παρὰ ταῦτα οὐδέν· ὥστ᾽ εἴπερ καὶ ὅλως ἀνάγκη ἢ συλλογιζόμενον ἢ ἐπάγοντα δεικνύναι ὁτιοῦν ἢ ὁντινοῦν (δῆλον δ᾽ ἡμῖν τοῦτο ἐκ τῶν Ἀναλυτικῶν), ἀναγκαῖον ἑκάτερον αὐτῶν ἑκατέρῳ τούτων τὸ αὐτὸ εἶναι.

[29] Ἐπαγωγὴ δὲ ἡ ἀπὸ τῶν καθ΄ ἕκαστα ἐπὶ τὸ καθόλου ἔφοδος· οἷον εἰ ἔστι κυβερνήτης ὁ ἐπιστάμενος κράτιστος, καὶ ἡνίοχος, καὶ ὅλως ἐστὶν ὁ ἐπιστάμενος περὶ ἕκαστον ἄριστος. Ἔστι δ΄ ἡ μὲν ἐπαγωγὴ πιθανώτερον καὶ σαφέστερον καὶ κατὰ τὴν αἴσθησιν γνωριμώτερον καὶ τοῖς πολλοῖς κοινόν, ὁ δὲ συλλογισμὸς βιαστικώτερον καὶ πρὸς τοὺς ἀντιλογικοὺς ἐνεργέστερον.

entimema na persuasão, e, em grande medida, também dispensa a preocupação exclusiva com o apelo às emoções que Aristóteles tanto critica.[30]

Neste ponto, vale a pena fazer uma breve recapitulação daquilo que foi até aqui apresentado: primeiramente, Aristóteles qualifica a arte da retórica como a contraparte da dialética, mas o termo em grego é de difícil interpretação. Entre as tentativas, pode-se recorrer à sua origem, sendo ele derivado da lírica coral, representando dois movimentos em direções contrárias, de tal modo que caracteriza uma coordenação oposta e complementar. Isso pode sugerir, à primeira vista, que o termo traduz a proximidade entre a arte da retórica e a dialética, no sentido de que elas possuem semelhanças gerais e diferenças específicas. O desenvolvimento da obra, no entanto, revela que a relação da arte dos discursos com a dialética é mais complexa do que isso, e buscar o significado e origem do termo ἀντίστροφος é ainda insuficiente para interpretar tal afinidade: simplesmente classificar como a *contraparte* é uma generalização inapropriada, pois deve-se igualmente buscar compreender a noção que o Estagirita pretende estabelecer ao indicar essa relação, e, para tanto, há de se analisar os elementos que compõem a dialética aristotélica.

Em seguida, é possível notar que a própria definição que Aristóteles nos oferece da retórica, como a arte de encontrar os meios de persuasão mais apropriados a cada caso em particular, começa a demonstrar que a proximidade entre os dois campos é ainda mais complexa do que parece na frase de abertura da obra. Dado que nem a arte dos discursos nem a dialética pertencem a nenhuma ciência e podem ser aplicadas às coisas comuns que todos conhecem, a retórica pode se aproveitar dos elementos da dialética, classificando-se, dessa forma, como uma τέχνη. Desse modo, a arte dos discursos compartilha duas das três funções que Aristóteles atribui à dialética,[31] e, por isso, sem o domínio de suas técnicas, não há como identificar os meios de persuasão, daí emerge a figura do entimema, que se qualifica como elemento constitutivo dos argumentos ou provas (πίστεις). Aristóteles qualifica estes como fabricados e não fabricados, mas o filósofo dá especial atenção ao primeiro, pois, a partir dele, abre três vias para se produzir a persuasão, a saber, o caráter, a emoção e o discurso – e os argumentos presentes em todas essas são expressos primordialmente na figura do entimema, e, secundariamente, o exemplo, que são os correlatos retóricos, respectivamente da dedução (συλλογισμός) e da indução (ἐπαγωγή). Essa característica, à semelhança do que ocorre na

[30] Aqui me refiro às críticas quanto à insuficiência do conteúdo dos tratados anteriores em 1345a 11. Este problema será analisado em maiores detalhes mais adiante.
[31] *Vide* p. 23.

dialética, também permite que a sua aplicação não pertença a nenhuma ciência em particular e possa ser utilizada para assuntos comuns que todos conhecem.

É com base nessa linha de raciocínio até aqui construída que Aristóteles argumenta que é precisamente este tipo de demonstração que realiza a persuasão e como isso ocorre na arte da retórica. No seu próprio texto:

> O persuasivo é persuasivo em relação a alguém, além disso, algo pode tornar-se persuasivo e crível tanto por si mesmo como pela demonstração de premissas aparentemente críveis e persuasivas. Do mesmo modo que nenhuma arte objetiva o particular – a Medicina, por exemplo, preocupa-se com o que é saudável não para Sócrates ou Cálias, mas para o indivíduo e a coletividade (isto sim concerne às artes, os casos particulares são incontáveis e incognoscíveis) –, a Retórica também não teoriza sobre o que é provável em cada caso particular (quem persuade a Sócrates ou Hípias) mas determinada coletividade, tal como a Dialética. Esta não silogiza aos solavancos (como parecem falar os loucos), mas a partir do que o discurso requer; e a Retórica, similarmente, argumenta de acordo com o senso comum (*Ret.* 1356b 28-1357a).[32]

Desta forma, com base no que foi argumentado até este ponto, pode-se concluir da presente seção que a afinidade entre a arte da retórica e a dialética, tal como vista por Aristóteles, é ainda mais complexa do que inicialmente aparenta, assim como a mera escolha da tradução do termo ἀντίστροφος como *contraparte* ainda não expressa completamente o peso e as consequências de tal aproximação. O filósofo, ao destacar que tanto retórica quanto dialética não estão confinadas a nenhuma ciência e podem ser aplicadas a assuntos do conhecimento comum, sugere que ela seja qualificada como uma arte. Partindo deste ponto, então, a análise dos elementos retóricos, como o entimema e o exemplo, demonstra a dependência da retórica em relação à dialética para identificar os meios de persuasão. A presença do entimema como um componente essencial dos argumentos destaca a conexão entre as duas disciplinas. Além disso, as citadas três vias para produzir persuasão – caráter moral, emoção e discurso – encontram expressão primordial na figura do entimema, enfatizando ainda mais a dependência da retórica para com a dialética, possibilitando, ainda, que a arte dos discursos não seja exclusivamente dependente da produção de emoções no público, alvo das críticas de Aristóteles aos manuais anteriores, o que será discutido na seção seguinte.

[32] ἐπεὶ γὰρ τὸ πιθανὸν τινὶ πιθανόν ἐστι, καὶ τὸ μὲν εὐθὺς ὑπάρχει δι᾽ αὑτὸ πιθανὸν καὶ πιστὸν τὸ δὲ τῷ δείκνυσθαι δοκεῖν διὰ τοιούτων, οὐδεμία δὲ τέχνη σκοπεῖ τὸ καθ᾽ ἕκαστον, οἷον ἡ ἰατρικὴ τί Σωκράτει τὸ ὑγιεινόν ἐστιν ἢ Καλλίᾳ, ἀλλὰ τί τῷ τοιῷδε ἢ τοῖς τοιοῖσδε (τοῦτο γὰρ ἔντεχνον, τὸ δὲ καθ᾽ ἕκαστον ἄπειρον καὶ οὐκ ἐπιστητόν), οὐδὲ ἡ ῥητορικὴ τὸ καθ᾽ ἕκαστον ἔνδοξον θεωρήσει, οἷον Σωκράτει ἢ Ἱππίᾳ, ἀλλὰ τὸ τοιοισδί, καθάπερ καὶ ἡ διαλεκτική. καὶ γὰρ ἐκείνη συλλογίζεται οὐκ ἐξ ὧν ἔτυχεν (φαίνεται γὰρ ἄττα καὶ τοῖς παραληροῦσιν), ἀλλ᾽ ἐκείνη μὲν ἐκ τῶν λόγου δεομένων, ἡ δὲ ῥητορικὴ ἐκ τῶν ἤδη βουλεύεσθαι εἰωθότων.

2.2 A crítica aos manuais anteriores

Na esteira de análise da relação entre a retórica e dialética explicitada por Aristóteles, e discutida acima, há de se examinar também a crítica aos tratados do período clássico, pois sua desaprovação está fortemente ligada ao fato de os manuais ignorarem esta afinidade. Um dos pontos centrais é exatamente ressaltar a noção de que a arte dos discursos não pode ser reduzida a um conjunto de técnicas, ou até mesmo truques, enfatizando, em vez disso, a importância da compreensão das estruturas lógicas subjacentes aos argumentos persuasivos, a saber, os entimemas.

Logo após afirmar que tanto a arte da retórica quanto a dialética são ofícios de uma arte, o filósofo dá início a sua objeção aos tratados anteriores à sua época, não apenas ressaltando a importância do entimema, que era largamente ignorado pelos tratados de retórica, como também destacando que esses manuais incorrem precisamente nesse erro, resultando na falha por parte dos autores dos tratados em ensinar a arte dos discursos:

> Até então os que se dedicaram a estabelecer as artes dos discurso conseguiram falar delas apenas parcialmente, uma vez que os argumentos são seu objeto essencial, sendo o restante acessório; nada dizem sobre os entimemas, que são o corpo dos argumentos, e ocupam-se na maior parte do tempo de questões que lhes são externas; a aversão, a pena, a raiva e as outras paixões da alma não são o cerne da questão, pois dizem respeito ao júri; se em todas as cidades coubessem as mesmas regras processuais destas que são bem regidas eles nada teriam a dizer (*Ret*. 1354a 11-21).[33]

No trecho supracitado, nota-se que há a primeira menção ao entimema, cuja importância na arte da retórica é desenvolvida ao longo da obra, sendo apresentada, já neste momento, como central para a persuasão, em virtude de sua afinidade com a dialética e de sua aplicação, especialmente no gênero jurídico,[34] demonstra em alguma medida que os entimemas são aplicados dentro do ramo das argumentações não artísticas ou não fabricadas. Além disso, o texto de Aristóteles ainda demonstra que o conteúdo dos manuais de retórica se debruça apenas sobre um tipo de discurso – aquele proferido nos tribunais –, revelando, ainda, que a arte dos discursos é mais abrangente e complexa do que seus predecessores e concorrentes fizeram parecer. Por isso é pertinente que o uso do entimema seja retomado em um contexto de julgamento, como o próprio filósofo explica pouco adiante:

---

[33] νῦν μὲν οὖν οἱ τὰς τέχνας τῶν λόγων συντιθέντες οὐδὲν ὡς εἰπεῖν πεπορίκασιν αὐτῆς μόριον (αἱ γὰρ πίστεις ἔντεχνόν εἰσι μόνον, τὰ δ᾽ ἄλλα προσθῆκαι), οἱ δὲ περὶ μὲν ἐνθυμημάτων οὐδὲν λέγουσιν, ὅπερ ἐστὶ σῶμα τῆς πίστεως, περὶ δὲ τῶν ἔξω τοῦ πράγματος τὰ πλεῖστα πραγματεύονται· διαβολὴ γὰρ καὶ ἔλεος καὶ ὀργὴ καὶ τὰ τοιαῦτα πάθη τῆς ψυχῆς οὐ περὶ τοῦ πράγματός ἐστιν, ἀλλὰ πρὸς τὸν δικαστήν· ὥστ᾽ εἰ περὶ πάσας ἦν τὰς κρίσεις καθάπερ ἐν ἐνίαις γε νῦν ἐστι τῶν πόλεων καὶ μάλιστα ταῖς εὐνομουμέναις, οὐδὲν ἂν εἶχον ὅ τι λέγωσιν.

[34] O terceiro subcapítulo será dedicado à análise dos gêneros do discurso.

> [...] deve-se fazer o juiz responsável por arbitrar somente o mínimo possível: sobre o que aconteceu ou não aconteceu, o que será ou não será, o que é e o que não é; deve-se relegar tais temas aos juízes, pois é impossível que o legislador os preveja. E se assim for, aqueles que delimitam tais questões – o que cabe ao proêmio ou à diegese, bem como a cada outra parte do discurso –, operam fora do âmbito da arte; debatem apenas como coagir o juiz a agir de determinado modo, nada demonstram sobre a arte de argumentar, o que de fato tornaria alguém hábil na composição dos entimemas (*Rhet.* 1354b 11-22).[35]

Entretanto, para além desta questão, é importante notar que Aristóteles pretende denunciar a falta de conhecimento que os autores dos manuais de retórica possuem a respeito do tema, pois, ao ignorarem o entimema e focarem apenas na exploração ou manipulação das emoções do público, acabam focando naquilo que é um dos três elementos para a persuasão, mas não o único, e, nesse contexto, vale reparar na escolha de palavras do filósofo: o termo "aversão", tradução do termo διαβολὴ em *Rhet*. 1354a 16, indica um ataque verbal calunioso, capaz de levantar suspeita. Assim, o Estagirita argumenta que seus predecessores adotavam uma abordagem superficial e manipulativa da arte dos discursos, reduzindo-a a apenas um de seus elementos, como a manipulação das emoções. Para Aristóteles, a retórica, enquanto uma arte, não pode ser tratada dessa forma limitada, pois a má condução das emoções é um erro do próprio rétor, e não uma característica intrínseca à esta arte. Por isso que, se retirado o apelo às emoções, tais tratados em nada poderiam contribuir, caso se estivesse em uma cidade bem-regida pelas suas leis.

O próprio contexto construído na *Retórica*, tal como aponta Alexandre Júnior (2018, p. 70), revela o que Aristóteles tinha em mente ao fazer esse tipo de crítica, pois os autores dos tratados contemporâneos e precedentes a ele apenas apresentaram uma parte dos modos de persuasão. Desse modo, ao criticá-los por se concentrarem somente na produção de emoções no público, ele procurou mostrar que se dedicaram apenas a uma parcela da arte dos discursos, sem, no entanto, negar que as emoções sejam uma parte da retórica. A crítica aristotélica reside na má compreensão desta arte por parte dos mentores de retórica, bem como a má aplicação da produção de emoções no público ouvinte.

Esse erro no qual incorrem os manuais de retórica, portanto, é o do mau uso, e muitas vezes, também, da abordagem superficial que fazem das πάθη e do ambiente jurídico em que

---

[35] περὶ μὲν οὖν τῶν ἄλλων, ὥσπερ λέγομεν, δεῖ ὡς ἐλαχίστων ποιεῖν κύριον τὸν κριτήν, περὶ δὲ τοῦ γεγονέναι ἢ μὴ γεγονέναι, ἢ ἔσεσθαι ἢ μὴ ἔσεσθαι, ἢ εἶναι ἢ μὴ εἶναι, ἀνάγκη ἐπὶ τοῖς κριταῖς καταλείπειν· οὐ γὰρ δυνατὸν ταῦτα τὸν νομοθέτην προϊδεῖν. εἰ δὲ ταῦθ᾽ οὕτως ἔχει, φανερὸν ὅτι τὰ ἔξω τοῦ πράγματος τεχνολογοῦσιν ὅσοι τἆλλα διορίζουσιν, οἷον τί δεῖ τὸ προοίμιον ἢ τὴν διήγησιν ἔχειν, καὶ τῶν ἄλλων ἕκαστον μορίων· οὐδὲν γὰρ ἐν αὐτοῖς ἄλλο πραγματεύονται πλὴν ὅπως τὸν κριτὴν ποιόν τινα ποιήσωσιν, περὶ δὲ τῶν ἐντέχνων πίστεων οὐδὲν δεικνύουσιν, τοῦτο δ᾽ ἐστὶν ὅθεν ἄν τις γένοιτο ἐνθυμηματικός.

se pode fazer sua exposição, ignorando a relação que a arte dos discursos possui com a dialética e sua grande expressão na figura dos entimemas, que constitui, de fato, o corpo dos argumentos ou provas. No entanto, Aristóteles não recusa a existência das emoções como um elemento presente nos discursos, nem a sua respectiva relevância, e isso se verifica no trecho imediatamente seguinte da *Retórica*, no qual lemos:

> Por conta disso, mesmo sendo igual o método para se deliberar na assembleia ou discursar no tribunal, ainda que seja mais belo e civilizado ocupar-se de assuntos sociais do que de assuntos privados, eles nada falam sobre tais questões – todos tentam operacionalizar no âmbito da arte o ato de julgar –, pois pouco adianta falar sobre fatores externos à questão quando se delibera em assembleia, e argumentar de má-fé vale muito menos na assembleia, que atende mais à comunidade, do que no tribunal. Na assembleia o julgador julga sobre aquilo que também lhe concerne, de modo que nela se deve demonstrar nada para além da admissibilidade do que diz o proponente. Nos tribunais isso não é o bastante, deve-se também conquistar o ouvinte, pois o julgamento é sobre o alheio. O júri nada determina de fato, mas cede aos querelantes, tendo somente a palavra dos próprios para examinar e a disposição para ouvi-los (*Rhet.* 1354b22-1355a).[36]

Com base nisso, há de se concordar com o comentário de Kennedy (1994, p. 56), que sintetiza essa crítica aristotélica, afirmando que ela reside basicamente na negligência dos aspectos lógicos que envolvem os discursos e dos outros gêneros além do judiciário, sempre presentes nos tratados sobre retórica até então compostos, e Aristóteles os justifica a partir dos seguintes fundamentos: se os julgamentos não são decididos da maneira apropriada, a verdade e a justiça serão derrotadas; um bom conhecimento do objeto do discurso não é suficiente para assegurar que o rétor convencerá seu público, logo, o discurso deveria ser composto segundo os parâmetros técnicos, baseado em crenças compartilhadas pela audiência. Também, à semelhança da dialética, a prática na arte dos discursos ajuda a revelar o verdadeiro estado de determinado caso, de modo a permitir que o rétor refute seu oponente; e por fim, o discurso é uma característica comum a todos os cidadãos da cidade, além de ser um modo mais apropriado do que a força para vencer seus oponentes.

Verifica-se a expressão desses fundamentos na própria conclusão de Aristóteles sobre a crítica aos tratados de retórica, em que ele ainda realça a afinidade da arte retórica com a dialética, pois é essa relação entre as duas disciplinas que dá coerência à sua objeção aos

---

[36] διὰ γὰρ τοῦτο τῆς αὐτῆς οὔσης μεθόδου περὶ τὰ δημηγορικὰ καὶ δικανικά, καὶ καλλίονος καὶ πολιτικωτέρας τῆς δημηγορικῆς πραγματείας οὔσης ἢ τῆς περὶ τὰ συναλλάγματα, περὶ μὲν ἐκείνης οὐδὲν λέγουσι, περὶ δὲ τοῦ δικάζεσθαι πάντες πειρῶνται τεχνολογεῖν, ὅτι ἧττόν ἐστι πρὸ ἔργου τὰ ἔξω τοῦ πράγματος λέγειν ἐν τοῖς δημηγορικοῖς καὶ ἧττόν ἐστι κακοῦργον ἡ δημηγορία δικολογίας, ὅτι κοινότερον. ἐνταῦθα μὲν γὰρ ὁ κριτὴς περὶ οἰκείων κρίνει, ὥστ᾽ οὐδὲν ἄλλο δεῖ πλὴν ἀποδεῖξαι ὅτι οὕτως ἔχει ὥς φησιν ὁ συμβουλεύων· ἐν δὲ τοῖς δικανικοῖς οὐχ ἱκανὸν τοῦτο, ἀλλὰ πρὸ ἔργου ἐστὶν ἀναλαβεῖν τὸν ἀκροατήν· περὶ ἀλλοτρίων γὰρ ἡ κρίσις, ὥστε πρὸς τὸ αὐτῶν σκοπούμενοι καὶ πρὸς χάριν ἀκροώμενοι διδόασι τοῖς ἀμφισβητοῦσιν, ἀλλ᾽ οὐ κρίνουσιν.

manuais de retórica anteriores, bem como é o que permite caracterizar a retórica como uma arte. Assim lemos em um longo trecho da sua obra, contudo muito pertinente para o raciocínio que ele elabora no livro I:

> Fez-se também evidente que os outros que falam sobre esta arte se esquivam da questão, pois inclinam-se majoritariamente ao discurso judiciário; a Retórica é útil, no entanto, porque o verdadeiro e o justo são naturalmente mais fortes do que seus contrários, de modo que, se há julgamentos injustos, a culpa da derrota é do próprio derrotado, o que é digno de reprovação; todavia, nem se tivéssemos a ciência mais precisa, seriámos capazes de persuadir facilmente a qualquer pessoa pelo seu uso: o discurso da ciência tem objetivo didático; aos que não conseguem ser didáticos, porém, é necessário criar os argumentos a partir dos discursos comuns, tal como falamos nos *Tópicos* sobre lidar com as massas. É também necessário ser capaz de persuadir alguém dos opostos, tal como nos silogismos, não para agir de maneira dúplice (pois não se deve induzir os outros ao erro), mas para que não nos escape como e por quem são usados e para que sejamos capazes de desarmar discursos injustos. A nenhuma das outras artes cabe silogizar sobre contrários, somente à Dialética e à Retórica. Ainda que as questões subjacentes não sejam sempre iguais, discursa-se e persuade-se mais naturalmente daquilo que é verdadeiro e melhor. Além disso, defender a si próprio com o corpo não é algo vergonhoso, seria absurdo se fazê-lo por meio dos discursos assim fosse, uma vez que o uso da palavra é mais próprio ao ser humano do que o do corpo (*Rhet* 1355a 19-1355b2) (grifos do tradutor).[37]

Apesar da crítica feita por Aristóteles, há de se reconhecer igualmente que não é sem fundamento que os tratados de retórica anteriores ao dele sejam fortemente centrados na produção de emoções e somente em um único gênero de discurso, a saber, o judiciário. Em um dos discursos mais conhecidos e paradigmáticos na Antiguidade, a *Oração Fúnebre* de Péricles, pode-se encontrar muitos desses elementos que, ao serem banalizados nos manuais de retórica, tornaram-se alvo das críticas de Aristóteles. No intuito de honrar os mortos pela guerra, Péricles exalta a vida em Atenas e sua respectiva cultura; nesse discurso verifica-se também que a produção de emoções no público constitui um de seus elementos mais marcantes.

---

[37] ὅτι μὲν οὖν τὰ ἔξω τοῦ πράγματος οἱ ἄλλοι τεχνολογοῦσι, καὶ διότι μᾶλλον ἀπονενεύκασι πρὸς τὸ δικολογεῖν, φανερόν· χρήσιμος δέ ἐστιν ἡ ῥητορικὴ διά τε τὸ φύσει εἶναι κρείττω τἀληθῆ καὶ τὰ δίκαια τῶν ἐναντίων, ὥστε ἐὰν μὴ κατὰ τὸ προσῆκον αἱ κρίσεις γίγνωνται, ἀνάγκη δι᾽ αὐτῶν ἡττᾶσθαι, τοῦτο δ᾽ ἐστὶν ἄξιον ἐπιτιμήσεως, ἔτι δὲ πρὸς ἐνίους οὐδ᾽ εἰ τὴν ἀκριβεστάτην ἔχοιμεν ἐπιστήμην, ῥᾴδιον ἀπ᾽ ἐκείνης πεῖσαι λέγοντας· διδασκαλίας γάρ ἐστιν ὁ κατὰ τὴν ἐπιστήμην λόγος, τοῦτο δὲ ἀδύνατον, ἀλλ᾽ ἀνάγκη διὰ τῶν κοινῶν ποιεῖσθαι τὰς πίστεις καὶ τοὺς λόγους, ὥσπερ καὶ ἐν τοῖς Τοπικοῖς ἐλέγομεν περὶ τῆς πρὸς τοὺς πολλοὺς ἐντεύξεως. ἔτι δὲ τἀναντία δεῖ δύνασθαι πείθειν, καθάπερ καὶ ἐν τοῖς συλλογισμοῖς, οὐχ ὅπως ἀμφότερα πράττωμεν (οὐ γὰρ δεῖ τὰ φαῦλα πείθειν), ἀλλ᾽ ἵνα μὴ λανθάνῃ πῶς ἔχει, καὶ ὅπως ἄλλου χρωμένου τοῖς λόγοις μὴ δικαίως αὐτοὶ λύειν ἔχωμεν. τῶν μὲν οὖν ἄλλων τεχνῶν οὐδεμία τἀναντία συλλογίζεται, ἡ δὲ διαλεκτικὴ καὶ ἡ ῥητορικὴ μόναι τοῦτο ποιοῦσιν· ὁμοίως γάρ εἰσιν ἀμφότεραι τῶν ἐναντίων. τὰ μέντοι ὑποκείμενα πράγματα οὐχ ὁμοίως ἔχει, ἀλλ᾽ ἀεὶ τἀληθῆ καὶ τὰ βελτίω τῇ φύσει εὐσυλλογιστότερα καὶ πιθανώτερα ὡς ἁπλῶς εἰπεῖν. πρὸς δὲ τούτοις ἄτοπον εἰ τῷ σώματι μὲν αἰσχρὸν μὴ δύνασθαι βοηθεῖν ἑαυτῷ, λόγῳ δ᾽ οὐκ αἰσχρόν· ὃ μᾶλλον ἴδιόν ἐστιν ἀνθρώπου τῆς τοῦ σώματος χρείας.

Esta oração fúnebre é comumente[38] classificada na categoria do discurso epidítico, porém, para os fins desta seção, vale ressaltar a habilidade de Péricles em produzir emoções no público ouvinte, tal como se pode perceber em alguns trechos. A título de exemplo, assim é apresentado por Tucídides na sua obra *História da guerra do Peloponeso* um trecho em que Péricles procura evocar um sentimento de amabilidade e piedade (e até mesmo de orgulho)[39] nos atenienses ao exaltar suas virtudes:

> Amamos o belo na simplicidade e amamos a sabedoria sem moleza. Empregamos a riqueza mais como oportunidade de ação do que como arrogância de palavra e, quanto à pobreza, se confessá-la não é vergonhoso para ninguém, não fugir dela é mais vergonhoso. É possível a mesma pessoa ocupar-se a um só tempo dos interesses particulares e dos da cidade e quem está voltado para outras atividades julgar a contento os assuntos da cidade. Só nós julgamos quem não participa desses trabalhos não um homem despreocupado, mas inútil. Nós mesmos julgamos ou refletimos corretamente sobre problemas, não vendo as palavras como prejuízo para a ação, mas o não informar-nos previamente antes de enfrentar com um ato aquilo que é preciso. Aqui está, de fato, uma qualidade que nos distingue: somos capazes de ousar muito e, ao mesmo tempo, de calcular sobre o que empreendemos, enquanto aos outros a ignorância infunde firmeza e o cálculo, hesitação. Merece, por direito seu, ser julgado de ânimo muito forte o que discerne com muita clareza o temível e o agradável e, nem por isso, foge dos perigos (Hist. da Guerra do Peloponeso 2.40.1.1-4.1).[40] Tradução de Anna Lia A. A. Prado.

O recurso de provocar emoções no público, neste caso, é justificado. Ao analisar a fala de Péricles, Pearson (1943, p. 407) argumenta que o louvor à vida política de Atenas se iguala ao louvor dos mortos na guerra por duas razões: primeiramente porque os valores políticos que Péricles exalta formam a gloriosa tradição ateniense, e, como resultado, também está sendo louvada a memória dos mortos que são herdeiros desta tradição; além disso, como os cidadãos atenienses se conformam aos ideais atenienses, louvar tais valores em geral – como o amor à sabedoria, à coragem e à justiça –, também é louvar cada vítima da guerra em particular. Desse modo, a morte dos atenienses é um exemplo digno do comportamento esperado pelos homens educados em Atenas e isto se qualifica como uma justificativa lógica de seu heroísmo. No

---

[38] Uso do termo *comumente*, pois, tal como aponta Loraux (1988, p. 228-229), esse discurso se encaixa apenas imperfeitamente nesta classificação de Aristóteles.

[39] Muito embora o orgulho não esteja presente entre as emoções analisadas por Aristóteles no livro II, não se pode negar que o louvor às virtudes dos atenienses tinha também a intenção de provocar tal sentimento.

[40] ‘φιλοκαλοῦμέν τε γὰρ μετ᾽ εὐτελείας καὶ φιλοσοφοῦμεν ἄνευ μαλακίας· πλούτῳ τε ἔργου μᾶλλον καιρῷ ἢ λόγου κόμπῳ χρώμεθα, καὶ τὸ πένεσθαι οὐχ ὁμολογεῖν τινὶ αἰσχρόν, ἀλλὰ μὴ διαφεύγειν ἔργῳ αἴσχιον. ἔνι τε τοῖς αὐτοῖς οἰκείων ἅμα καὶ πολιτικῶν ἐπιμέλεια, καὶ ἑτέροις πρὸς ἔργα τετραμμένοις τὰ πολιτικὰ μὴ ἐνδεῶς γνῶναι· μόνοι γὰρ τόν τε μηδὲν τῶνδε μετέχοντα οὐκ ἀπράγμονα, ἀλλ᾽ ἀχρεῖον νομίζομεν, καὶ οἱ αὐτοὶ ἤτοι κρίνομέν γε ἢ ἐνθυμούμεθα ὀρθῶς τὰ πράγματα, οὐ τοὺς λόγους τοῖς ἔργοις βλάβην ἡγούμενοι, ἀλλὰ μὴ προδιδαχθῆναι μᾶλλον λόγῳ πρότερον ἢ ἐπὶ ἃ δεῖ ἔργῳ ἐλθεῖν. διαφερόντως γὰρ δὴ καὶ τόδε ἔχομεν ὥστε τολμᾶν τε οἱ αὐτοὶ μάλιστα καὶ περὶ ὧν ἐπιχειρήσομεν ἐκλογίζεσθαι· ὃ τοῖς ἄλλοις ἀμαθία μὲν θράσος, λογισμὸς δὲ ὄκνον φέρει. κράτιστοι δ᾽ ἂν τὴν ψυχὴν δικαίως κριθεῖεν οἱ τά τε δεινὰ καὶ ἡδέα σαφέστατα γιγνώσκοντες καὶ διὰ ταῦτα μὴ ἀποτρεπόμενοι ἐκ τῶν κινδύνων.

entanto, é necessário destacar a problematização de Loraux (1988, p. 87), que ressalta como Péricles associa a prosperidade de Atenas à ideia central de autossuficiência que permeia seu discurso. Para ela, a identidade de Atenas não apenas se constrói sobre os valores políticos e éticos exaltados, mas também assimila a alteridade em sua própria narrativa de grandeza, apropriando-se dos produtos e conquistas externas como parte de sua autarquia política e cultural. Nesse sentido, o louvor aos mortos não se restringe à celebração das virtudes individuais, mas afirma a superioridade de uma cidade cuja capacidade de se bastar a si mesma justifica e glorifica os sacrifícios feitos por seus cidadãos. Assim, a evocação de emoções não apenas reforça o vínculo entre o público e os valores democráticos, mas também insere os mortos em uma representação simbólica de Atenas como fonte suprema de virtude e de prosperidade.

Um outro exemplo de discurso em que também há um apelo emocional, e se passa num contexto jurídico, isto é, em um tribunal, pode ser verificado em *Contra a madrasta*, de Antifonte, logo nas frases iniciais – revelando o quão frequente era o uso de tal recurso, contribuindo para que os manuais de retórica se limitem a esses dois elementos. Isso pode ser verificado neste trecho, em que ele tenta evocar nos juízes um sentimento de compaixão pelo assassinato de seu pai, mas este recurso de evocar emoções é recorrente ao longo de todo o discurso:

> Sou novo e ainda inexperiente em assuntos jurídicos, homens, e este processo está sendo difícil e terrível para mim, se, por um lado, eu não acusar os assassinos de meu pai, já que ele me instruiu a acusá-los, e se, por outro, acusando-os, for preciso estabelecer um litígio contra quem menos deveria – irmãos de mesmo pai e a mãe desses irmãos. Pois o acaso e eles próprios me forçaram a estabelecer o processo contra eles mesmos, dos quais era esperado que se tornassem vingadores do morto e meus auxiliares. E agora, aconteceu o oposto disso: pois eles próprios se estabeleceram como adversários neste processo e como assassinos, da forma que tanto eu como a ação penal afirmamos. Homens, se eu demonstrar que a mãe deles é a assassina de nosso pai, com intenção e premeditação, e que não uma, mas muitas vezes, foi pega em flagrante tramando a morte, a morte dele, peço-vos que vingai, em primeiro lugar, as leis, as vossas leis, as quais recebestes dos deuses e dos antepassados – e, de acordo com isso mesmo, estais julgando em relação à condenação deles [...]. (1-3) Tradução de Lívia Medeiros de Albuquerque.[41]

[41] νέος μὲν καὶ ἄπειρος δικῶν ἔγωγε ἔτι, δεινῶς δὲ καὶ ἀπόρως ἔχει μοι περὶ τοῦ πράγματος, ὦ ἄνδρες, τοῦτο μὲν εἰ ἐπισκήψαντος τοῦ πατρὸς ἐπεξελθεῖν τοῖς αὐτοῦ φονεῦσι μὴ ἐπέξειμι, τοῦτο δὲ εἰ ἐπεξιόντι ἀναγκαίως ἔχει οἷς ἥκιστα ἐχρῆν ἐν διαφορᾷ καταστῆναι, ἀδελφοῖς ὁμοπατρίοις καὶ μητρὶ ἀδελφῶν. ἡ γὰρ τύχη καὶ αὐτοὶ οὗτοι ἠνάγκασαν ἐμοὶ πρὸς τούτους αὐτοὺς τὸν ἀγῶνα καταστῆναι, οὓς εἰκὸς ἦν τῷ μὲν τεθνεῶτι τιμωροὺς γενέσθαι, τῷ δ᾽ ἐπεξιόντι βοηθούς. νῦν δὲ τούτων τἀναντία γεγένηται· αὐτοὶ γὰρ οὗτοι καθεστᾶσιν ἀντίδικοι καὶ φονῆς, ὡς καὶ ἐγὼ καὶ ἡ γραφὴ λέγει. δέομαι δ᾽ ὑμῶν, ὦ ἄνδρες, ἐὰν ἐπιδείξω ἐξ ἐπιβουλῆς καὶ προβουλῆς τὴν τούτων μητέρα φονέα οὖσαν τοῦ ἡμετέρου πατρός, καὶ μὴ ἅπαξ ἀλλὰ καὶ πολλάκις ἤδη ληφθεῖσαν τὸν θάνατον τὸν ἐκείνου ἐπ᾽ αὐτοφώρῳ μηχανωμένην, τιμωρῆσαι πρῶτον μὲν τοῖς νόμοις τοῖς ὑμετέροις, οὓς παρὰ τῶν θεῶν καὶ τῶν προγόνων διαδεξάμενοι κατὰ τὸ αὐτὸ ἐκείνοις περὶ τῆς καταψηφίσεως δικάζετε [...].

A crítica aristotélica também pode ser interpretada como uma resposta a Isócrates e a Platão. Começando pelo mestre de Aristóteles, pode-se entendê-la como uma tentativa de resolução do problema do estatuto da retórica no *Górgias*, em que Sócrates coloca em questão qual seria o ofício do rétor. Tal problema é colocado quando Querefonte começa a interrogar Górgias, a pedido de Sócrates, sobre o que ele é – se referindo ao ofício que Górgias pratica, fazendo uma analogia ao afirmar que aquele que fabrica sapatos seria sapateiro –, procurando uma resposta sobre o que concerne ao ofício de Górgias, já que não está claro para Sócrates qual é a arte que os mestres dos discursos dominam e ensinam (447c 9-448a3).[42]

A resposta que Górgias apresenta inicialmente a Sócrates o decepciona, pois desejava saber em que consiste o conhecimento (ἐπιστήμη) daquele que domina a arte dos discursos, e a resposta da personagem de Górgias lhe parece insuficiente, até mesmo vaga, dizendo que o conhecimento da retórica concerne aos discursos (περὶ λόγους) – resposta esta que para Sócrates levanta ainda mais dúvidas. Por se tratar de mais um questionamento importante para discutir a arte dos discursos, vale a pena reproduzir a fala das personagens, que assim se segue:

> **SOC**: Bem dito. Adiante então, responde-me de modo semelhante também a respeito da retórica: a que concerne seu conhecimento?
> **GOR**: Aos discursos.
> **SOC**: Mas quais discursos, Górgias? São porventura aqueles que mostram por qual regime os doentes devem recobrar a saúde?
> **GOR**: Não.
> **SOC**: Portanto, a retórica não concerne a todos os discursos.
> **GOR**: Certamente não.
> **SOC**: Mas ela torna as pessoas aptas a falar.
> **GOR**: Sim.
> **SOC**: E a pensar, então, sobre aquilo que falam?
> **GOR**: E como não?
> **SOC**: Por a caso a medicina, sobre a qual falávamos a pouco, torna as pessoas aptas a falar e a pensar sobre os doentes?
> **GOR**: Necessariamente.
> **SOC**: Portanto, também a medicina, como é plausível, concerne a discursos (*Górgias*, 449d 8-450a4).[43] Tradução de Daniel Nunes.

---

[42] **Σωκράτης**. ἦ καλῶς λέγεις. ὦ Χαιρεφῶν, ἐροῦ αὐτόν. **Χαιρεφῶν**. τί ἔρωμαι; **Σωκράτης**. ὅστις ἐστίν. **Χαιρεφῶν**. πῶς λέγεις; **Σωκράτης**. ὥσπερ ἂν εἰ ἐτύγχανεν ὢν ὑποδημάτων δημιουργός, ἀπεκρίνατο ἂν δήπου σοι ὅτι σκυτοτόμος· ἢ οὐ μανθάνεις ὡς λέγω; **Χαιρεφῶν**. μανθάνω καὶ ἐρήσομαι. εἰπέ μοι, ὦ Γοργία, ἀληθῆ λέγει Καλλικλῆς ὅδε ὅτι ἐπαγγέλλῃ ἀποκρίνεσθαι ὅτι ἄν τίς σε ἐρωτᾷ; **Γοργίας**. ἀληθῆ, ὦ Χαιρεφῶν· καὶ γὰρ νυνδὴ αὐτὰ ταῦτα ἐπηγγελλόμην, καὶ λέγω ὅτι οὐδείς μέ πω ἠρώτηκε καινὸν οὐδὲν πολλῶν ἐτῶν.

[43] **Σωκράτης**. εὖ λέγεις. ἴθι δή μοι ἀπόκριναι οὕτως καὶ περὶ τῆς ῥητορικῆς, περὶ τί τῶν ὄντων ἐστὶν ἐπιστήμη; **Γοργίας**. περὶ λόγους. **Σωκράτης**. ποίους τούτους, ὦ Γοργία; ἆρα οἳ δηλοῦσι τοὺς κάμνοντας, ὡς ἂν διαιτώμενοι ὑγιαίνοιεν; **Γοργίας**. οὔ. **Σωκράτης**. οὐκ ἄρα περὶ πάντας γε τοὺς λόγους ἡ ῥητορική ἐστιν. **Γοργίας**. οὐ δῆτα. **Σωκράτης**. ἀλλὰ μὴν λέγειν γε ποιεῖ δυνατούς. **Γοργίας**. ναί. **Σωκράτης**. οὐκοῦν περὶ ὧνπερ λέγειν, καὶ φρονεῖν; **Γοργίας**. πῶς γὰρ οὔ; **Σωκράτης**. ἆρ᾽ οὖν, ἣν νυνδὴ ἐλέγομεν, ἡ ἰατρικὴ περὶ τῶν καμνόντων ποιεῖ δυνατοὺς εἶναι φρονεῖν καὶ λέγειν; **Γοργίας**. ἀνάγκη. **Σωκράτης**. καὶ ἡ ἰατρικὴ ἄρα, ὡς ἔοικεν, περὶ λόγους ἐστίν.

Essa passagem traz alguns pontos importantes para a problemática da retórica – inclusive é um dos elementos do problema que Aristóteles herda de Platão a respeito do estatuto da retórica: quando Górgias responde que seu conhecimento concerne aos discursos (λόγοι), vemos imediatamente que usa uma palavra que possui muitos significados na língua grega. Nesse sentido, os comentários da tradução para o inglês de Irwin (1979, p. 114) apontam para quatro possíveis significados, a saber, o discurso ou palavra oral; um corpo organizado de discursos, que compreende uma discussão breve ou longa; discurso racional em contraste com o mito; e ainda pode significar o procedimento de explicação racional das causas de um fenômeno, em oposição à ação irreflexiva ou meramente habitual. Ainda nesse mesmo comentário, o tradutor destaca que o termo λόγος também é comumente empregado para a conversa dialógica que lemos ao longo da obra, porém Górgias tem em mente o significado mais genérico, referindo-se aos discursos do modo mais abrangente que a palavra pode indicar.

No entanto, Sócrates logo começa a mostrar por meios de analogia que tal resposta de Górgias não procede – no caso, com a medicina. Desse modo, ele sugere que o discurso deve ser racional, levando, assim, o próprio Górgias a admitir que a retórica não concerne a todos os discursos, e, a partir desse ponto do diálogo, seu estatuto enquanto uma arte (τέχνη) começa a ser problematizado mais claramente. Ao fazer a analogia com a medicina, Sócrates estabelece uma condição, isto é, para que a retórica se caracterize como uma arte, é preciso ter um domínio específico sobre seu objeto.

A partir desse ponto emerge a recusa da parte de Platão a respeito do reconhecimento da retórica enquanto uma arte propriamente dita: mesmo não deixando de reconhecer um certo nível de habilidade com as palavras da parte do rétor, o principal problema que Platão enxerga na retórica incide exatamente no fato de que aquele que profere o discurso não necessariamente detém o conhecimento a respeito daquilo sobre o qual se discursa. Desse modo, Sócrates acaba afirmando que a arte da retórica é uma mera experiência (ἐμπειρία) que produz certo deleite e prazer (χάριτός τινος καὶ ἡδονὴς ἀπεργασίας em 462c 7). Assim, é enriquecedor o comentário de Rapp (2019, p. 4) a respeito dessas mesmas linhas da obra, mostrando que como a arte dos discursos não está baseada no conhecimento, também não pode estar direcionada ao que é bom para a cidade, mas apenas para o que é agradável. Então, dando continuidade a essa linha de raciocínio, continua o mesmo comentário, assim como a cosmética não contém a verdadeira saúde – fornece apenas a aparência de saúde –, o mesmo ocorre com a culinária, que não é uma reconstituição da saúde, a retórica também não se qualifica como uma reconstituição da justiça. Isso verificamos no seguinte trecho da obra, em que Sócrates critica exatamente a retórica praticada pelos sofistas, usando a mesma analogia descrita acima – chegando, assim, no ponto

culminante da sua crítica à retórica, em especial aquela praticada pelos sofistas, comparando-a com a culinária:

> [...] À medicina, então, como estou dizendo, a culinária subjaz como adulação, e à ginástica, subjaz, de modo análogo, a indumentária, capiciosa, enganadora, vulgar, servil, que ludibria por meio de figuras, cores, polidez e vestes, a ponto de fazer com que, furtando uma beleza que lhe é alheia, se negligencie a beleza legítima fruto da ginástica. Então, para que eu não me estenda em longo discurso, desejo te dizer como dizem os geômetras (pois talvez já me acompanhe): a indumentária está para a ginástica assim como a sofística está para a legislação, e a culinária para a medicina assim como a retórica para a justiça (*Górgias*, 465b-c3).[44]

Nota-se, então, que a crítica de Aristóteles aos tratados anteriores e concorrentes a ele também pode ser interpretada como uma resposta ao problema do estatuto da retórica deixado por Platão, pois, em grande medida, o seu discípulo oferece uma resposta aos problemas que ainda foram deixados em aberto na obra de seu mestre: ao mencionar que a arte da retórica é a *contraparte* da dialética, utilizando o termo ἀντίστροφος, justamente em referência a essa analogia de Platão com a culinária, ele revela que a retórica, partindo do conhecimento comum, não pertencendo a nenhuma ciência em particular, mas sendo utilizada por todos, é uma resposta mais clara e definitiva sobre esse problema que Platão coloca, podendo a retórica, doravante, ser analisada sobre a ótica de um conhecimento intermediário, nem uma ἐμπειρία, nem uma ἐπιστήμη, mas uma τέχνη, posição esta que Platão tanto rejeitava.

É igualmente possível verificar no texto de Aristóteles uma resposta às dúvidas de Platão a respeito da retórica, pois, já que a habilidade nos discursos não implica necessariamente o conhecimento do seu objeto, Platão vê isso como uma falha na própria retórica, resultando apenas na simulação de algum conhecimento. A redação que se segue do texto pode parecer confusa num primeiro momento, mas quando contextualizada como uma resposta ao problema do estatuto da retórica colocado no *Górgias*, de Platão, percebe-se que o Estagirita mostrava que as falhas apontadas por seu mestre não estão intrinsecamente ligadas a essa arte – como Sócrates insistia no diálogo –, mas relacionadas com as intenções do próprio rétor, nomeando aqueles que incorrem nas falhas apontadas por Platão:

> Ademais, cabe à Retórica identificar o que é persuasivo e o aparentemente persuasivo, assim como cabe à Dialética identificar o silogismo e o silogismo aparente: a sofística

[44] τῇ μὲν οὖν ἰατρικῇ, ὥσπερ λέγω, ἡ ὀψοποιικὴ κολακεία ὑπόκειται· τῇ δὲ γυμναστικῇ κατὰ τὸν αὐτὸν τρόπον τοῦτον ἡ κομμωτική, κακοῦργός τε καὶ ἀπατηλὴ καὶ ἀγεννὴς καὶ ἀνελεύθερος, σχήμασιν καὶ χρώμασιν καὶ λειότητι καὶ ἐσθῆσιν ἀπατῶσα, ὥστε ποιεῖν ἀλλότριον κάλλος ἐφελκομένους τοῦ οἰκείου τοῦ διὰ τῆς γυμναστικῆς ἀμελεῖν. ἵν᾽ οὖν μὴ μακρολογῶ, ἐθέλω σοι εἰπεῖν ὥσπερ οἱ γεωμέτραι – ἤδη γὰρ ἂν ἴσως ἀκολουθήσαις – ὅτι ὃ κομμωτικὴ πρὸς γυμναστικήν, τοῦτο σοφιστικὴ πρὸς νομοθετικήν, καὶ ὅτι ὃ ὀψοποιικὴ πρὸς ἰατρικήν, τοῦτο ῥητορικὴ πρὸς δικαιοσύνην.

> não jaz na faculdade em si, mas em seu propósito; exceto que é orador tanto quem argumenta de acordo com a ciência, tanto que argumenta segundo o propósito; no caso da Dialética, o sofista é quem age pelo propósito, dialético sendo quem não se orienta pelo propósito, mas pela faculdade em si (*Rhet.* 1355b 15-21).[45]

Quanto à resposta à Isócrates, a oposição é até mais direta. Ao tentar interpretar essa oposição que Aristóteles fazia a Isócrates, Haskins (2004, p. 11) argumenta que a arte retórica, ao ser analisada pela perspectiva daquele, é relacionada a algo instrumental, isto é, um arsenal de meios persuasivos externos. Já o teor dos textos de Isócrates, continua a autora, não especifica metodologicamente o conjunto de regras que governa a retórica, entretanto, no decorrer da leitura de seus discursos, ele procura argumentar que eles não são meramente instrumentais ou funcionais, mas possuem uma carga educativa e política. Assim, ela conclui que, de um lado, o uso isocrateano da educação pelos discursos transforma o discurso (λόγος) mitopoético em um discurso que engendra, ao invés de servir, a identidade política; já Aristóteles, de outro lado, subverte os aspectos orais de seus recursos linguísticos para enfatizar o discurso que ao mesmo tempo reflete um propósito e a estabilidade do cosmos ordenado e serve como um canal de conteúdo extralinguístico.

Haskins expressa aquilo que talvez seja a principal objeção do Estagirita à Isócrates. Uma referência a essa oposição pode ser verificada no discurso de Isócrates intitulado *Antidosis*, em que vemos a incidência do termo ἀντιστρόφους – também utilizado na abertura da *Retórica*, só que nela Aristóteles aproxima a arte dos discursos da dialética, ressaltando o aspecto instrumental daquela, que, como já argumentado na seção anterior, é exatamente uma das características que possibilitam sua qualificação com uma arte. Ele aproveita elementos análogos à lógica como o entimema e o exemplo, e ainda ressalta, como mais uma rejeição aos ensinamentos de Isócrates na passagem a seguir, que a arte retórica é uma disciplina que é um ramo ou até mesmo uma das utilizações da dialética:

> Assim sendo, quando alguns de nossos mais remotos ancestrais perceberam que muitas outras técnicas já haviam sido estabelecidas, mas que nenhuma de tal espécie havia sido instituída para o corpo e para a alma, criaram duas disciplinas e nos deixaram como legado: para o corpo a educação física, da qual a ginástica faz parte, para a alma a filosofia, a respeito da qual pretende discorrer. Ambas são paralelamente correlatas e concordantes uma com a outra, por meio das quais quem as adquire torna a alma mais inteligente e o corpo mais útil, sem separar essas disciplinas uma da outra,

[45] πρὸς δὲ τούτοις ὅτι τῆς αὐτῆς τό τε πιθανὸν καὶ τὸ φαινόμενον ἰδεῖν πιθανόν, ὥσπερ καὶ ἐπὶ τῆς διαλεκτικῆς συλλογισμόν τε καὶ φαινόμενον συλλογισμόν· ἡ γὰρ σοφιστικὴ οὐκ ἐν τῇ δυνάμει ἀλλ᾽ ἐν τῇ προαιρέσει· πλὴν ἐνταῦθα μὲν ἔσται ὁ μὲν κατὰ τὴν ἐπιστήμην ὁ δὲ κατὰ τὴν προαίρεσιν ῥήτωρ, ἐκεῖ δὲ σοφιστὴς μὲν κατὰ τὴν προαίρεσιν, διαλεκτικὸς δὲ οὐ κατὰ τὴν προαίρεσιν ἀλλὰ κατὰ τὴν δύναμιν.

> mas utilizando-as conjuntamente em seus métodos, exercícios e demais cuidados. (181-182).[46] Tradução de Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda.

Desse modo, conclui-se desta seção que Aristóteles, ao apresentar uma crítica aos ensinamentos de Isócrates e aos tratados de retórica anteriores, também pretende elaborar uma resposta ao problema herdado de seu mestre sobre o seu respectivo estatuto. Pode-se perceber, assim, dois objetivos nessa objeção por parte dele: primeiramente os manuais focam exclusivamente na produção de emoções no público ouvinte – que é apenas um dos modos de persuasão na prática discursiva –, ignorando (ou reduzindo a um papel menor) o uso dos entimemas, que constituem o corpo da retórica, pois são os elementos integrantes dos argumentos ou provas (πίστεις). Em seguida, também é possível interpretar tal crítica como uma resposta aos problemas que Platão coloca no *Górgias* e aos ensinamentos de Isócrates, alvo principal das objeções de Aristóteles: quanto ao primeiro, dado que ser bom rétor não implica necessariamente no conhecimento do objeto a respeito do qual se discursa, não há como reconhecer a retórica como uma arte segundo a perspectiva platônica, sendo uma mera experiência; em relação ao segundo, ele via a arte dos discursos como algo constitutivo da educação e da política, ou seja, Isócrates a entendia enquanto uma filosofia, tal como ele próprio denominava.

Nesse sentido, Aristóteles pretendia ressaltar seu entendimento instrumental da retórica – isto é, a sua concepção enquanto uma arte, bem como sua importância na política de Atenas –, e, utilizando do mesmo vocabulário de Isócrates, aproxima a arte retórica da dialética, enquanto um instrumento para encontrar o que é persuasivo em cada caso, podendo com isso usar de elementos análogos aos da lógica – como o entimema e o exemplo – para qualificá-la como uma arte. Isso, portanto, responde tanto a Platão, pois essa instrumentalização da retórica faz com que ela se qualifique como uma verdadeira arte, quanto responde a Isócrates, porque Aristóteles não entende a arte dos discursos como um elemento-chave da educação e da política, mas como um ramo da dialética, ou até mesmo um dos modos de utilização da dialética.

---

[46] οὕτω δὲ τούτων ἐχόντων ὁρῶντές τινες τῶν πολὺ πρὸ ἡμῶν γεγονότων περὶ μὲν τῶν ἄλλων πολλὰς τέχνας συνεστηκυίας, περὶ δὲ τὸ σῶμα καὶ τὴν ψυχὴν οὐδὲν τοιοῦτον συντεταγμένον, εὑρόντες διττὰς ἐπιμελείας κατέλιπον ἡμῖν, περὶ μὲν τὰ σώματα τὴν παιδοτριβικήν, ἧς ἡ γυμναστικὴ μέρος ἐστὶν, περὶ δὲ τὰς ψυχὰς τὴν φιλοσοφίαν, περὶ ἧς ἐγὼ μέλλω ποιεῖσθαι τοὺς λόγους, ἀντιστρόφους καὶ σύζυγας καὶ σφίσιν αὐταῖς ὁμολογουμένας, δι᾽ ὧν οἱ προεστῶτες αὐτῶν τάς τε ψυχὰς φρονιμωτέρας καὶ τὰ σώματα χρησιμώτερα παρασκευάζουσιν, οὐ πολὺ διαστησάμενοι τὰς παιδείας ἀπ᾽ ἀλλήλων, ἀλλὰ παραπλησίαις χρώμενοι καὶ ταῖς διδασκαλίαις καὶ ταῖς γυμνασίαις καὶ ταῖς ἄλλαις ἐπιμελείαις.

2.3 Os gêneros de discurso

Compreendida a aproximação entre a arte da retórica e a dialética, assim como já abordada na seção anterior a discussão que Aristóteles trava com Isócrates, principalmente, e Platão a respeito de seu estatuto, que é iniciada a partir de uma crítica aos tratados que foram feitos até então, entra-se nos três gêneros de discurso: o deliberativo, o jurídico e o epidítico ou demonstrativo. Antes de falar, entretanto, de forma mais detalhada sobre os gêneros do discurso, há de se abordar o campo de atuação da arte dos discursos – isto é, o campo daquilo que é provável, plausível ou verossímil (εἰκός) –, pois os gêneros supramencionados não estão dissociados da dialética e dos entimemas.

Isso ocorre porque, ao praticar a arte retórica, se ocupam daquilo que pertence ao senso comum, juntamente com tudo aquilo que cabe deliberação – o que só é possível na esfera do provável. Aristóteles coloca nos seguintes termos:

> O trabalho da Retórica, portanto, é ocupar-se daquilo que concerne ao senso comum, de tudo aquilo para o que não se tem artes específicas, de assuntos sobre os quais o ouvinte médio não consegue se concentrar ou que não é capaz de seguir por muito tempo. Deliberamos sobre os fenômenos que se nos apresentam de forma dúplice; sobre o que não assumimos ser ou vir a ser de outra forma, não há o que se deliberar (*Rhet.* 1357a 1-6).[47]

Pouco adiante ele ainda explica como a utilização dos entimemas e dos exemplos emerge nesse campo de atuação do provável, mostrando que ele não perde de vista a afinidade da dialética com a arte dos discursos feita logo no início da obra:

> Considerando que poucos são os casos em que os silogismos retóricos vêm de premissas necessárias (a maior parte das coisas acerca das quais se julga e se investiga pode ser definida de formas divergentes, pois investigamos e deliberamos sobre nossos atos, sendo todos estes silogismos retóricos muito pouco dependentes da necessidade; é preciso silogizar de formas divergentes acerca daquilo que versa sobre o costumeiro e o senso comum, tal como é preciso silogizar de forma necessária acerca daquilo que é necessário – assim foi explicado nos *Analíticos* –), conclui-se que a maioria das premissas que compõem os entimemas provêm do contingente, ainda que algumas sejam necessárias; provêm, portanto, das probabilidades e dos indícios, de modo que as probabilidades correspondem ao que é contingente e os indícios ao que é necessário. O provável é aquilo que ocorre com frequência, não fortuitamente, mas que pode ser recebido pelos outros e comparável de formas diversas: o provável, portanto, é correspondente ao comparável tal como o universal ao particular; os

[47] ἔστιν δὲ τὸ ἔργον αὐτῆς περί τε τοιούτων περὶ ὧν βουλευόμεθα καὶ τέχνας μὴ ἔχομεν, καὶ ἐν τοῖς τοιούτοις ἀκροαταῖς οἳ οὐ δύνανται διὰ πολλῶν συνορᾶν οὐδὲ λογίζεσθαι πόρρωθεν. βουλευόμεθα δὲ περὶ τῶν φαινομένων ἐνδέχεσθαι ἀμφοτέρως ἔχειν· περὶ γὰρ τῶν ἀδυνάτων ἄλλως ἢ γενέσθαι ἢ ἔσεσθαι ἢ ἔχειν οὐδεὶς βουλεύεται οὕτως ὑπολαμβάνων· οὐδὲν γὰρ πλέον.

> indícios, por sua vez, podem relacionar-se ao discurso como o particular em relação ao universal e vice-versa (*Ret*. 1357a 22-1357b3) (grifos do tradutor).[48]

Nesse contexto, é importante trazer a observação de Fonseca (2017, p. 21), pois ela observa, ao interpretar o termo "εικός" apresentado na *Retórica*, que a escolha do tipo de argumento – isto é, aquele que compõe o entimema – que um bom rétor deve tomar há de estar de acordo com o seu próprio conhecimento e com o que está acessível para o auditório ao qual o discurso se dirige, de tal modo que aquilo que for mais provável, mesmo nem sempre coincidindo com o verdadeiro, acaba por ter uma probabilidade de veracidade tão forte a ponto de constituir uma argumentação com opiniões capazes de persuadir o público ouvinte. De modo complementar, Kraus (2023, p. 99) nota em seu estudo sobre o εἰκός que os entimemas dentro deste campo do provável são, em última instância, baseados naquilo que se espera, dentro do razoável, que seu auditório seja convencido, e, mais importante ainda, é que de acordo com a perspectiva aristotélica o εικὸς está baseado nas ἔνδοξα, isto é, opiniões comumente aceitas, ou aquilo que a maioria das pessoas julgaria como sábio.[49] Deste modo, resta claro que o entimema se constitui com premissas que giram na esfera das coisas prováveis (e não necessárias), e, de acordo com a perspectiva aristotélica, é exatamente a aproximação da retórica com a dialética que possibilita isto, pois o entimema não passa de um silogismo com determinadas características.

Mas ainda há um ponto a ser observado: essa precisa observação traz uma consequência relevante para se compreender com maior clareza como a arte retórica é utilizada para tratar de questões do campo do provável, pois aqui reside uma diferença entre o campo de atuação dos entimemas ao ser aplicado na arte dos discursos e seus análogos na lógica. Nascimento (2012, p. 103) aponta que as premissas que compõem os entimemas são majoritariamente contingentes, ao passo que as demonstrações científicas das premissas possuem um caráter objetivo, mas isso não é tudo: na arte da retórica, as premissas não são verdadeiras no sentido científico do termo, visto que elas não dependem da universalidade das suas proposições, mas são pautadas pelo

---

[48] ἐπεὶ δ᾽ ἐστὶν ὀλίγα μὲν τῶν ἀναγκαίων ἐξ ὧν οἱ ῥητορικοὶ συλλογισμοί εἰσι (τὰ γὰρ πολλὰ περὶ ὧν αἱ κρίσεις καὶ αἱ σκέψεις ἐνδέχεται καὶ ἄλλως ἔχειν· περὶ ὧν μὲν γὰρ πράττουσι βουλεύονται καὶ σκοποῦσι, τὰ δὲ πραττόμενα πάντα τοιούτου γένους ἐστί, καὶ οὐδὲν ὡς ἔπος εἰπεῖν ἐξ ἀνάγκης τούτων, τὰ δ᾽ ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ συμβαίνοντα καὶ ἐνδεχόμενα ἐκ τοιούτων ἀνάγκη ἑτέρων συλλογίζεσθαι, τὰ δ᾽ ἀναγκαῖα ἐξ ἀναγκαίων· δῆλον δ᾽ ἡμῖν καὶ τοῦτο ἐκ τῶν Ἀναλυτικῶν), φανερὸν ὅτι ἐξ ὧν τὰ ἐνθυμήματα λέγεται, τὰ μὲν ἀναγκαῖα ἔσται, τὰ δὲ πλεῖστα ὡς ἐπὶ τὸ πολύ, τὰ δ᾽ ἐνθυμήματα ἐξ εἰκότων καὶ ἐκ σημείων, ὥστε ἀνάγκη τούτων ἑκάτερον ἑκατέρῳ ταὐτὸ εἶναι. τὸ μὲν γὰρ εἰκός ἐστι τὸ ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ γινόμενον, οὐχ ἁπλῶς δὲ καθάπερ ὁρίζονταί τινες, ἀλλὰ τὸ περὶ τὰ ἐνδεχόμενα ἄλλως ἔχειν, οὕτως ἔχον πρὸς ἐκεῖνο πρὸς ὃ εἰκὸς ὡς τὸ καθόλου πρὸς τὸ κατὰ μέρος· τῶν δὲ σημείων τὸ μὲν οὕτως ἔχει ὡς τῶν καθ᾽ ἕκαστόν τι πρὸς τὸ καθόλου, τὸ δὲ ὡς τῶν καθόλου τι πρὸς τὸ κατὰ μέρος.

[49] A respeito das ἔνδοξα, Aristóteles a aborda nos *Tópicos* (100b 21-23): ἔνδοξα δὲ τὰ δοκοῦντα πᾶσιν ἢ τοῖς πλείστοις ἢ τοῖς σοφοῖς, καὶ τούτοις ἢ πᾶσιν ἢ τοῖς πλείστοις ἢ τοῖς μάλιστα γνωρίμοις καὶ ἐνδόξοις.

que é comumente aceito. Daí Aristóteles conclui que, alcançando as origens dessas premissas e compreendendo-as, saímos da arte retórica e entramos em sua própria ciência, como a física, por exemplo, tal como pode-se inferir no seguinte trecho:

> Uma grande particularidade dos entimemas, todavia, escapou de quase todos, ainda que também seja parte do método dialético de compor silogismos: há entimemas que pertencem à Retórica, tal como há os que pertencem à silogização da Dialética, e outros, ainda, pertencem a outras artes e faculdades, tanto as existentes quanto as que ainda não compreendemos. Escapa-lhes que, quanto mais entenderem de sua ciência em particular, mais se afastam da Retórica e da Dialética (*Ret*. 1358a 2-9).[50]

Por isso que os três gêneros de discurso correspondem aos três âmbitos que dizem respeito à esfera do provável – ou ao menos ao que é predominante –, e, assim, cabe ao rétor identificar os meios de persuasão mais apropriados, utilizando-se dos entimemas para compor seus argumentos ou provas. Isso permite adentrar com maior clareza na abordagem de cada um dos três gêneros, pois o que foi apresentado e argumentado até este ponto constitui o conteúdo da arte dos discursos, tal como Aristóteles sustenta em sua obra.

Dessa forma, ele afirma que cada gênero de discurso depende de seus ouvintes, possuindo três partes, a saber, a própria fala, sobre o que se fala e o ouvinte – sendo que este último definirá a sua finalidade (τέλος), o que culminará nos três gêneros mencionadas no início desta seção, como se lê nesta passagem: Assim Aristóteles expõe seu raciocínio:

> São três as formas de Retórica; cada uma dependendo dos ouvintes dos discursos. O discurso, por sua vez, possui três partes: quem fala, sobre o que fala, e para quem fala – o ouvinte – o qual define a finalidade do discurso. É necessário que o ouvinte seja um observador ou um julgador, juiz das coisas passadas ou futuras. O membro da assembleia decide sobre coisas futuras, o júri decide sobre coisas passadas, e o observador julga somente a capacidade do orador, de modo que são três os gêneros dos discursos retóricos: o deliberativo, o jurídico e o demonstrativo (*Rhet*. 1358a36-1358b8).[51]

Dentro desses três gêneros, que têm seus objetivos definidos pelo ouvinte, Aristóteles (*Rhet*. 1358b8-13) estabelece que no deliberativo há a dissuasão e a exortação – pois aqueles

---

[50] τῶν δὲ ἐνθυμημάτων μεγίστη διαφορὰ καὶ μάλιστα λεληθυῖα σχεδὸν παρὰ πᾶσίν ἐστιν ἥπερ καὶ περὶ τὴν διαλεκτικὴν μέθοδον τῶν συλλογισμῶν· τὰ μὲν γὰρ αὐτῶν ἐστι κατὰ τὴν ῥητορικὴν ὥσπερ καὶ κατὰ τὴν διαλεκτικὴν μέθοδον τῶν συλλογισμῶν, τὰ δὲ κατ᾽ ἄλλας τέχνας καὶ δυνάμεις, τὰς μὲν οὔσας τὰς δ᾽ οὔπω κατειλημμένας· διὸ καὶ λανθάνουσίν τε τοὺς ἀκροατὰς καὶ μᾶλλον ἁπτόμενοι κατὰ τρόπον μεταβαίνουσιν ἐξ αὐτῶν.

[51] ἔστιν δὲ τῆς ῥητορικῆς εἴδη τρία τὸν ἀριθμόν· τοσοῦτοι γὰρ καὶ οἱ ἀκροαταὶ τῶν λόγων ὑπάρχουσιν ὄντες. σύγκειται μὲν γὰρ ἐκ τριῶν ὁ λόγος, ἔκ τε τοῦ λέγοντος καὶ περὶ οὗ λέγει καὶ πρὸς ὅν, καὶ τὸ τέλος πρὸς τοῦτόν ἐστιν, λέγω δὲ τὸν ἀκροατήν. ἀνάγκη δὲ τὸν ἀκροατὴν ἢ θεωρὸν εἶναι ἢ κριτήν, κριτὴν δὲ ἢ τῶν γεγενημένων ἢ τῶν μελλόντων. ἔστιν δ᾽ ὁ μὲν περὶ τῶν μελλόντων κρίνων ὁ ἐκκλησιαστής, ὁ δὲ περὶ τῶν γεγενημένων οἷον ὁ δικαστής, ὁ δὲ περὶ τῆς δυνάμεως ὁ θεωρός, ὥστ᾽ ἐξ ἀνάγκης ἂν εἴη τρία γένη τῶν λόγων τῶν ῥητορικῶν, συμβουλευτικόν, δικανικόν, ἐπιδεικτικόν.

que aconselham, seja em público ou em privado, sempre fazem uma dessas coisas; no jurídico, os ouvintes esperam que se faça uma acusação ou uma defesa; e quanto ao epidítico, há um elogio ou uma reprovação.[52] Ao comentar precisamente este trecho, Cope e Sandys (2010, p. 52) esclarecem que como o público ouvinte é a finalidade e o objeto do discurso – ou seja, é ao público que todo rétor se referirá em última instância –, as variedades de audiências devem corresponder igualmente aos três gêneros de discurso. Os mesmos autores, então, percebem que este público ouvinte será de dois tipos: ou serão meros espectadores que apenas apreciarão o discurso – como é o caso dos ouvintes dos discursos deliberativos e epidíticos[53] –, ou terão um real interesse naquilo que está sendo discutido – como é o caso dos juízes nos tribunais, que têm o poder de decisão.

Ao lado da finalidade, o tempo também é um elemento que faz parte da separação do discurso em três gêneros, pois Aristóteles entende que os discursos públicos são proferidos em ocasiões bem-definidas, e, neste caso, distingui-los em relação ao tempo se revela igualmente relevante:

> Para cada um dos gêneros retóricos há também um tempo apropriado: o futuro para o deliberativo (pois se delibera sobre exortar e dissuadir acerca do que virá a ser), o passado para o jurídico (pois sempre se acusa ou defende acerca do que já passou) e o presente para o demonstrativo (todos elogiam ou reprovam acerca do atual), ainda que estes frequentemente se valham de rememorar as coisas passadas ou conjecturar sobre as futuras (*Rhet*. 1358b 13-20).[54]

Importante notar, tal como o faz Rapp (2022, p. 892), que mesmo que Aristóteles entenda que os discursos são tipicamente proferidos em ocasiões bem definidas, justamente pela arte dos discursos ser praticada predominantemente na esfera pública, isso não significa que, ao longo da *Retórica*, o Estagirita perca de vista os princípios gerais da persuasão, que foi abordada na seção anterior. De fato, verifica-se que os elementos que a arte dos discursos compartilha com a dialética, bem como o uso dos entimemas, que comporão os argumentos ou provas, serão aplicados nessas ocasiões e para estes públicos que compõem o gênero deliberativo, jurídico e epidítico ou demonstrativo – sendo que esses elementos estarão

[52] συμβουλῆς δὲ τὸ μὲν προτροπή, τὸ δὲ ἀποτροπή· ἀεὶ γὰρ καὶ οἱ ἰδίᾳ συμβουλεύοντες καὶ οἱ κοινῇ δημηγοροῦντες τούτων θάτερον ποιοῦσιν. δίκης δὲ τὸ μὲν κατηγορία, τὸ δ᾽ ἀπολογία· τούτων γὰρ ὁποτερονοῦν ποιεῖν ἀνάγκη τοὺς ἀμφισβητοῦντας. ἐπιδεικτικοῦ δὲ τὸ μὲν ἔπαινος τὸ δὲ ψόγος.

[53] Em se tratando do discurso epidítico, lembra Cassin (1993, p. 40), a apreciação do público tem um peso ainda maior, já que o elogio dentro desse gênero coloca em jogo todo o poder do rétor sobre o espectador.

[54] χρόνοι δὲ ἑκάστου τούτων εἰσὶ τῷ μὲν συμβουλεύοντι ὁ μέλλων (περὶ γὰρ τῶν ἐσομένων συμβουλεύει ἢ προτρέπων ἢ ἀποτρέπων), τῷ δὲ δικαζομένῳ ὁ γενόμενος (περὶ γὰρ τῶν πεπραγμένων ἀεὶ ὁ μὲν κατηγορεῖ, ὁ δὲ ἀπολογεῖται), τῷ δ᾽ ἐπιδεικτικῷ κυριώτατος μὲν ὁ παρών (κατὰ γὰρ τὰ ὑπάρχοντα ἐπαινοῦσιν ἢ ψέγουσιν πάντες), προσχρῶνται δὲ πολλάκις καὶ τὰ γενόμενα ἀναμιμνήσκοντες καὶ τὰ μέλλοντα προεικάζοντες.

predominantemente no campo do provável e se basearão naquilo que é comumente aceito. Isso pode ser verificado a partir do seguinte trecho:

> A partir do que foi dito até então, é evidente que o orador deve ter por prioridade dominar as seguintes proposições retóricas: as certezas, as probabilidades e os indícios. Todos os silogismos advêm de proposições, e o entimema é um tipo específico de silogismo que advém destas proposições mencionadas. Uma vez que só se pode fazer aquilo que é possível, e não o impossível, e nem pode ser feito aquilo que não aconteceu nem o que não virá a ser, é necessário que os discursos deliberativos, jurídicos e demonstrativos possuam proposições sobre o possível e o impossível, sobre o que aconteceu ou não, e sobre o que existe ou não existe (*Rhet*. 1359a6-16).[55]

Ao tratar especificamente dos gêneros de discurso, Kennedy (2007, p. 46) lembra nos comentários de sua tradução que mesmo que seja o traço mais associado com os ensinamentos de Aristóteles sobre a arte da retórica, ele procurava, ao estabelecer tal divisão, sistematizar as classificações já existentes que mais eram vistas nas convenções da retórica grega. Essa posição pode ser verificada ao longo de toda a obra, pois o filósofo busca alcançar uma sistematização da arte dos discursos – segundo os padrões de uma arte – ao aproximá-la da dialética, e com isso, aplicar alguns de seus elementos na arte dos discursos, de tal modo que não se torne um simples apelo às emoções dos juízes presentes nos tribunais, e, vale acrescentar, até mesmo a divisão em três gêneros dos discursos demonstra que o que está em jogo é uma arte mais abrangente do que supunham os tratados anteriores. Com isso, pode-se inferir que Aristóteles procurava, para além de se distinguir dos demais ensinamentos a respeito da arte dos discursos que julgava ser mal compreendida pelos tratados anteriores ao dele, sistematizar a retórica tal como uma arte (τέχνη) exige – mas ainda procurou atingir tal feito seguindo seu próprio parâmetro, isto é, o da relação de afinidade da retórica com a dialética.

Com isso, ao entrar na análise dos três gêneros, é possível verificar que Aristóteles, de fato, incorpora a estrutura e o conteúdo já existentes dos discursos para elaborar essa separação. Tratando do discurso deliberativo, o primeiro a ser abordado na *Retórica*, ele (*Rhet*. 1359b 19-23) estabelece que todos os assuntos que deliberam nas assembleias podem ser divididos em cinco tipos, a saber, cursos de ação, guerra e paz, segurança e fronteiras, importação e exportação,

[55] φανερὸν δὲ ἐκ τῶν εἰρημένων ὅτι ἀνάγκη περὶ τούτων ἔχειν πρῶτον τὰς προτάσεις· τὰ γὰρ τεκμήρια καὶ τὰ εἰκότα καὶ τὰ σημεῖα προτάσεις εἰσὶν ῥητορικαί· ὅλως μὲν γὰρ συλλογισμὸς ἐκ προτάσεών ἐστιν, τὸ δ᾽ ἐνθύμημα συλλογισμός ἐστι συνεστηκὼς ἐκ τῶν εἰρημένων προτάσεων. ἐπεὶ δὲ οὔτε πραχθῆναι οἷόν τε οὔτε πεπρᾶχθαι τὰ ἀδύνατα ἀλλὰ τὰ δυνατά, οὐδὲ τὰ μὴ γενόμενα ἢ μὴ ἐσόμενα οὐχ οἷόν τε τὰ μὲν πεπρᾶχθαι, τὰ δὲ πραχθήσεσθαι, ἀναγκαῖον καὶ τῷ συμβουλεύοντι καὶ τῷ δικαζομένῳ καὶ τῷ ἐπιδεικτικῷ ἔχειν προτάσεις περὶ δυνατοῦ καὶ ἀδυνάτου, καὶ εἰ γέγονεν ἢ μή, καὶ εἰ ἔσται ἢ μή.

finalizando com o estabelecimento de leis.[56] Ele ainda argumenta, pouco adiante (*Rhet*. 1359b 30-32), que não se pondera corretamente sobre tais questões acima mencionadas somente a partir de uma perspectiva fechada em experiências da cidade do próprio rétor, é necessário também que se considere a investigação de soluções descobertas em outras cidades.[57]

Dentre esses assuntos supramencionados, muitos deles estão presentes no discurso de Demóstenes intitulado *Sobre a paz*. A própria tradutora do texto, Sandra Rocha (2016, p. 64), esclarece que o rétor ganhou relevante reputação como um compositor de discursos jurídicos quando escreveu acusações contra seus tutores, por terem arruinado sua herança, iniciando, então, uma carreira como logógrafo, escrevendo discursos jurídicos de grande importância. Logo que participava mais ativamente da vida política de Atenas, Demóstenes começou a proferir discursos que mais tarde vieram a ser classificados como deliberativos, com destaque para *Sobre a paz*. Verifica-se que ao tratar da celebração da paz de Filócrates entre Atenas e Filipe II, então rei da Macedônia, Aristóteles destaca muitos elementos como pertencentes ao gênero deliberativo, sustentando a tese de sistematização das convenções já existentes.

Ao longo do discurso de Demóstenes, datado de 346 a. C., verificam-se muitas das partes que Aristóteles alega fazerem parte do gênero deliberativo, entre eles, notadamente, os cursos de ação, a guerra, a paz, as leis e os exemplos de outras cidades – estas qualidades aparecem claramente no trecho abaixo:

> Então, primeiro, eu de minha parte afirmo que uma só coisa deve ocorrer se alguém desejar providenciar aliados ou uma contribuição ou qualquer outra coisa para a cidade: que faça isso sem violar a paz que está em vigor, não por ela ser admirável, nem por ter grande valor para vós, mas porque, do modo como ela está hoje, não ter sido feita teria mais proveito para nossos assuntos do que ser violada agora por nossa causa, depois de estabelecida. Pois cedemos muitas das vantagens que existiam naquele tempo em que a guerra seria mais fácil e segura para nós do que agora. E segundo, é preciso cuidar para não incitar, senhores atenienses, estes homens que estão reunidos e que afirmam agora ser Anfictiões a ver necessidade e pretexto de uma guerra em comum contra nós. Pois eu penso que, se mais uma vez tivéssemos uma guerra contra Filipe por causa de Anfípolis ou de alguma outra queixa particular dessa natureza, na qual não tomassem parte tessálios, nem argivos, nem tebanos, nenhum deles guerrearia contra nós [...] (13-14).[58] Tradução de Lívia Medeiros de Albuquerque e Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha.

---

[56] σχεδὸν γάρ, περὶ ὧν βουλεύονται πάντες καὶ περὶ ὧν ἀγορεύουσιν οἱ συμβουλεύοντες, τὰ μέγιστα τυγχάνει πέντε τὸν ἀριθμὸν ὄντα· ταῦτα δ᾽ ἐστὶν περί τε πόρων, καὶ πολέμου καὶ εἰρήνης, ἔτι δὲ περὶ φυλακῆς τῆς χώρας, καὶ τῶν εἰσαγομένων καὶ ἐξαγομένων, καὶ νομοθεσίας.

[57] ταῦτα δ᾽ οὐ μόνον ἐκ τῆς περὶ τὰ ἴδια ἐμπειρίας ἐνδέχεται συνορᾶν, ἀλλ᾽ ἀναγκαῖον καὶ τῶν παρὰ τοῖς ἄλλοις εὑρημένων ἱστορικὸν εἶναι πρὸς τὴν περὶ τούτων συμβουλήν.

[58] ἓν μὲν οὖν ἔγωγε πρῶτον ὑπάρχειν φημὶ δεῖν, ὅπως, εἴτε συμμάχους εἴτε σύνταξιν εἴτ᾽ ἄλλο τι βούλεταί τις κατασκευάζειν τῇ πόλει, τὴν ὑπάρχουσαν εἰρήνην μὴ λύων τοῦτο ποιήσει, οὐχ ὡς θαυμαστὴν οὐδ᾽ ὡς ἀξίαν οὖσαν ὑμῶν· ἀλλ᾽ ὁποία τίς ποτ᾽ ἐστὶν αὕτη, μὴ γενέσθαι μᾶλλον εἶχε τοῖς πράγμασι καιρὸν ἢ γεγενημένη νῦν δι᾽ ἡμᾶς λυθῆναι· πολλὰ γὰρ προείμεθα, ὧν ὑπαρχόντων τότ᾽ ἂν ἢ νῦν ἀσφαλέστερος καὶ ῥᾴων ἦν ἡμῖν ὁ πόλεμος. δεύτερον δ᾽, ὁρᾶν ὅπως μὴ προαξόμεθ᾽, ὦ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, τοὺς συνεληλυθότας τούτους καὶ φάσκοντας Ἀμφικτύονας νῦν εἶναι εἰς ἀνάγκην καὶ πρόφασιν κοινοῦ πολέμου πρὸς ἡμᾶς. ἐγὼ γάρ, εἰ γένοιθ᾽

Essas partes que compõem o gênero deliberativo ainda reaparecem em outra passagem do *Sobre a paz*, o que permite inferir que esta é uma constante dos discursos que eram proferidos na ocasião das assembleias. Por mais que os textos dos discursos que nos chegaram sejam escassos, a presença desses elementos que Aristóteles sistematiza autoriza-nos a sustentar essa tese:

> Nem mesmo se, mais uma vez, guerreássemos contra os tebanos por causa de Oropo, ou por alguma outra questão particular, nós nada sofreríamos, eu creio. Além disso, eu penso que aqueles que auxiliam auxiliariam tanto a nós quanto àqueles caso alguém avançasse contra nossas casas, cuidando para não se aliar, em uma expedição militar, com nenhum dos dois lados. Além disso, as alianças, com as quais alguém também poderia se preocupar, têm esse caráter, e a situação é, por natureza, deste tipo: até que haja igualdade de condições, nenhum aliado terá boa vontade nem conosco nem com os tebanos, tanto para ser salvo quanto para dominar os demais, mas todos gostariam de ser salvos em benefício próprio; e nem um só deles gostaria que os atenienses ou os tebanos fossem senhores que os dominassem. Então, de que é que eu creio que nós devemos ter medo e nos precaver? De que a guerra que está prestes a acontecer admita um pretexto comum e uma queixa comum para todos (16-17).[59]

Já o segundo gênero mencionado por Aristóteles, o epidítico ou demonstrativo, é um caso interessante a se analisar trazendo os discursos de Górgias. Aristóteles (*Rhet*. 1366a 23-1366b3) ressalta que este gênero é o do elogio e da censura, e seu foco são as virtudes, os males, o belo e o vergonhoso. Ele enfatiza, ainda, que os rétores frequentemente elogiam não só seres humanos ou deuses, mas também seres inanimados, e por isso, há de se conhecer as premissas desses assuntos que são o foco ou do elogio ou da censura. Desse modo, ele entende que o belo é aquilo que é desejável por si mesmo ou o que é bom e prazeroso por ser um bem; dada esta definição, é necessário que a virtude também seja algo belo, pois é um bem digno de elogio; então Aristóteles define a virtude como a capacidade de fornecer e manter bens, ou de realizar muitas e grandes benfeitorias, e, com isso, as partes da virtude são a justeza, a coragem, a magnificência, a magnanimidade, a generosidade, a razão e a sabedoria.[60]

ἡμῖν πρὸς Φίλιππον πάλιν πόλεμος δι᾽ Ἀμφίπολιν ἤ τι τοιοῦτον ἔγκλημ᾽ ἴδιον, οὗ μὴ μετέχουσι Θετταλοὶ μηδ᾽ Ἀργεῖοι μηδὲ Θηβαῖοι, οὐκ ἂν ἡμῖν οἶομαι τούτων οὐδένας πολεμῆσαι [...].

[59] οὐδέ γ᾽ εἰ πάλιν πρὸς τοὺς Θηβαίους πολεμήσαιμεν δι᾽ Ὠρωπὸν ἤ τι τῶν ἰδίων, οὐδὲν ἂν ἡμᾶς παθεῖν ἡγοῦμαι· καὶ γὰρ ἡμῖν κἀκείνοις τοὺς βοηθοῦντας ἂν οἶμαι, εἰς τὴν οἰκείαν εἴ τις ἐμβάλοι, βοηθεῖν, οὐ συνεπιστρατεύσειν οὐδετέροις. καὶ γὰρ αἱ συμμαχίαι τοῦτον ἔχουσι τὸν τρόπον, ὧν καὶ φροντίσειεν ἄν τις, καὶ τὸ πρᾶγμα φύσει τοιοῦτόν ἐστιν· οὐκ ἄχρι τῆς ἴσης ἕκαστός ἐστιν εὔνους οὔθ᾽ ἡμῖν οὔτε Θηβαίοις, σῶς τ᾽ εἶναι καὶ κρατεῖν τῶν ἄλλων, ἀλλὰ σῶς μὲν εἶναι πάντες ἂν βούλοινθ᾽ ἕνεχ᾽ αὑτῶν, κρατήσαντας δὲ τοὺς ἑτέρους δεσπότας ὑπάρχειν αὑτῶν οὐδὲ εἷς. τί οὖν ἡγοῦμαι φοβερὸν καὶ τί φυλάξασθαι δεῖν ἡμᾶς; μὴ κοινὴν πρόφασιν καὶ κοινὸν ἔγκλημ᾽ ὁ μέλλων πόλεμος πρὸς ἅπαντας λάβῃ.

[60] μετὰ δὲ ταῦτα λέγωμεν περὶ ἀρετῆς καὶ κακίας καὶ καλοῦ καὶ αἰσχροῦ· οὗτοι γὰρ σκοποὶ τῷ ἐπαινοῦντι καὶ ψέγοντι· συμβήσεται γὰρ ἅμα περὶ τούτων λέγοντας κἀκεῖνα δηλοῦν ἐξ ὧν ποιοί τινες ὑποληφθησόμεθα κατὰ τὸ ἦθος, ἥπερ ἦν δευτέρα πίστις· ἐκ τῶν αὐτῶν γὰρ ἡμᾶς τε καὶ ἄλλον ἀξιόπιστον δυνησόμεθα ποιεῖν πρὸς ἀρετήν. ἐπεὶ δὲ συμβαίνει καὶ χωρὶς σπουδῆς καὶ μετὰ σπουδῆς ἐπαινεῖν πολλάκις οὐ μόνον ἄνθρωπον ἢ θεὸν

Essas características podem ser encontradas no *Elogio a Helena*, de Górgias, já que neste discurso ele pretende inocentar a figura de Helena pelas consequências da Guerra de Tróia. Ao comentar sua tradução deste discurso, Engler (2023, p. 141-142) aponta que, logo nas primeiras linhas do texto, Górgias estabelece um quadro de valores que darão a tônica de seu discurso: primeiramente, a ordem (κόσμος) de uma cidade reside na hombridade de seus cidadãos; em seguida, a ordem do corpo reside na beleza; a da alma reside na sabedoria; por fim, a ordem do discurso está na verdade. O elogio a essas virtudes inscreve o texto de Górgias no gênero epidítico. De fato, todas essas características podem ser verificadas nos dois parágrafos iniciais de seu discurso:

> Ordem para a cidade é o heroísmo dos homens, para o corpo a beleza, para a alma a sabedoria, para o ato a excelência, para o discurso a verdade; o contrário disso é a desordem. E, em relação ao homem, à mulher, ao discurso, à ação, à cidade e ao ato particular é necessário honrar com louvor o digno de louvor e sobre o indigno aplicar censura; pois, igual erro e ignorância é censurar as coisas louváveis e louvar as censuráveis. E, é dever do mesmo homem dizer corretamente o que é preciso e refutar *** os que censuram Helena, mulher em torno da qual, uníssona e unânime, é a crença dos que ouviram os poetas e a fama do nome, que se tornou memento de males. E eu quero, tendo dado uma lógica ao discurso, tanto livrar da acusação aquela que ouve falar mal de si, quanto os que censuram, tendo demonstrado que se enganam e tendo mostrado a verdade, livrar da ignorância. (DK11 1-2)[61] Tradução de Maria Cecília de M. N. Coelho.

Assim, é possível notar a presença das características que Aristóteles atribui a esse gênero – o elogio ao que é belo e a censura ao seu oposto. Outro discurso de Górgias interessante para trazer neste trabalho é a *Apologia de Palamedes*, pois nele encontramos características tanto do gênero epidítico ou argumentativo, quanto do jurídico,[62] em que é comumente classificado: de um lado, temos Palamedes que procura se defender perante um tribunal de uma falsa acusação da parte de Odisseu e procura fazê-lo por meio de inferências lógicas expressas no seu discurso, já que não se pode provar algo que não aconteceu, pois, tal como explica Engler

---

ἀλλὰ καὶ ἄψυχα καὶ τῶν ἄλλων ζῴων τὸ τυχόν, τὸν αὐτὸν τρόπον καὶ περὶ τούτων ληπτέον τὰς προτάσεις, ὥστε ὅσον παραδείγματος χάριν εἴπωμεν καὶ περὶ τούτων. καλὸν μὲν οὖν ἐστιν ὃ ἂν δι᾽ αὑτὸ αἱρετὸν ὂν ἐπαινετὸν ᾖ, ἢ ὃ ἂν ἀγαθὸν ὂν ἡδὺ ᾖ, ὅτι ἀγαθόν· εἰ δὲ τοῦτό ἐστι τὸ καλόν, ἀνάγκη τὴν ἀρετὴν καλὸν εἶναι· ἀγαθὸν γὰρ ὂν ἐπαινετόν ἐστιν. ἀρετὴ δ᾽ ἐστὶ μὲν δύναμις ὡς δοκεῖ ποριστικὴ ἀγαθῶν καὶ φυλακτική, καὶ δύναμις εὐεργετικὴ πολλῶν καὶ μεγάλων, καὶ πάντων περὶ πάντα· μέρη δὲ ἀρετῆς δικαιοσύνη, ἀνδρεία, σωφροσύνη, μεγαλοπρέπεια, μεγαλοψυχία, ἐλευθεριότης, φρόνησις, σοφία.

[61] Κόσμος πόλει μὲν εὐανδρία, σώματι δὲ κάλλος, ψυχῇ δὲ σοφία, πράγματι δὲ ἀρετή, λόγωι δὲ ἀλήθεια· τὰ δὲ ἐναντία τούτων ἀκοσμία. ἄνδρα δὲ καὶ γυναῖκα καὶ λόγον καὶ ἔργον καὶ πόλιν καὶ πρᾶγμα χρὴ τὸ μὲν ἄξιον ἐπαίνου ἐπαίνωι τιμᾶν, τῶι δὲ ἀναξίωι μῶμον ἐπιτιθέναι· ἴση γὰρ ἁμαρτία καὶ ἀμαθία μέμφεσθαί τε τὰ ἐπαινετὰ καὶ ἐπαινεῖν τὰ μωμητά. τοῦ δ' αὐτοῦ ἀνδρὸς λέξαι τε τὸ δέον ὀρθῶς καὶ ἐλέγξαι *** τοὺς μεμφομένους Ἑλένην, γυναῖκα περὶ ἧς ὁμόφωνος καὶ ὁμόψυχος γέγονεν ἥ τε τῶν ποιητῶν ἀκουσάντων πίστις ἥ τε τοῦ ὀνόματος φήμη, ὃ τῶν συμφορῶν μνήμη γέγονεν. ἐγὼ δὲ βούλομαι λογισμόν τινα τῶι λόγωι δοὺς τὴν μὲν κακῶς ἀκούουσαν παῦσαι τῆς αἰτίας, τοὺς δὲ μεμφομένους ψευδομένους ἐπιδείξας καὶ δείξας τἀληθὲς [ἢ] παῦσαι τῆς ἀμαθίας.

[62] Importante lembrar que a classificação de Aristóteles dos três gêneros do discurso não é estanque: há uma grande articulação entre eles e Górgias é um bom exemplo disso.

(2013, p. 54), verificamos neste discurso a tentativa de prova da possibilidade ou impossibilidade de um ato ocorrido no passado, a utilização de argumentação lógica – ponto comum a todos os gêneros, mas particularmente importante para o jurídico – e ainda o ato de se dirigir diretamente ao acusador; por outro lado, Palamedes também elogia na sua fala a honra e seu orgulho de pertencer à Hélade[63] – que constitui uma parte central do discurso –, pois procura usar isso para provar que não há nenhuma razão para trair seu próprio povo – e ainda que houvesse, se recusaria a fazê-lo. Essas circunstâncias fazem com que a *Apologia de Palamedes* não se encaixe rigorosamente na divisão aristotélica do discurso, porém há fortes características do gênero epidítico neste discurso, inclusive é uma das características-chave da defesa de Palamedes o elogio às virtudes da Hélade, de que ele tanto se orgulha. Isso pode ser notado com clareza a partir da passagem que se segue, em que Górgias procura fazer uma refutação psicológica-moral das acusações:

> E eis o que me resta: se fiz tudo isso fugindo de algum medo, de algum sofrimento ou de algum perigo. Ninguém poderia dizer que tal é o meu caso. Pois todos fazem todas as coisas tendo em vista de dois fatores: ou buscando alguma vantagem ou fugindo de alguma punição. Com exceção disso, tudo o mais que se trama é loucura. Não é difícil de ver que, em agindo assim, fazia mal a mim mesmo: traindo a Grécia, traía-me a mim mesmo, os meus progenitores, os amigos, o valor dos antepassados, os templos pátrios, as sepulturas, a maior pátria da Grécia. E tudo o que é mais valioso, para todos os homens, pois, daria de mãos beijadas àqueles que cometeram injustiças (DK11a 19).[64] Tradução de M. R. Engler.

Quanto ao último gênero abordado por Aristóteles, o jurídico, o qual diz respeito à acusação e à defesa, em cujo contexto é necessário compreender três coisas: quais são as razões que levam as pessoas a cometerem injustiça; suas respectivas disposições; e como se dispõem aqueles contra quem foi cometida uma injustiça. Então, o Estagirita prossegue para a sua definição de injustiça, que é o ato de deliberadamente prejudicar alguém, em discrepância com a lei (*Rhet*. 1368b-7).[65] Mais adiante, Aristóteles também retoma as provas não artísticas ou não

---

[63] O orgulho de Górgias de pertencer à Hélade é significativo. Tal como aponta Hesk (2000, p. 204), os discursos da Atenas clássica podem nos ajudar a compreender melhor os interesses e os desafios presentes nas disputas legais e políticas que caracterizavam a democracia da época.

[64] τὸ δὲ λοιπόν ἐστιν, εἴ τινα φόβον ἢ πόνον ἢ κίνδυνον φεύγων ἔπραξα. ταῦτα δ' οὐθεὶς ἂν εἰπεῖν ἔχοι τί μοι προσήκειν. δισσῶν γὰρ τούτων ἕνεκα πάντες πάντα πράττουσιν, ἢ κέρδος τι μετιόντες ἢ ζημίαν φεύγοντες· ὅσα δὲ τούτων ἔξω πανουργεῖται *** κακῶς ἐμαυτὸν ἐποίουν ταῦτα [γὰρ] πράττων, οὐκ ἄδηλον· προδιδοὺς γὰρ τὴν Ἑλλάδα προὐδίδουν ἐμαυτόν, τοκέας, φίλους, ἀξίωμα προγόνων, ἱερὰ πατρῶια, τάφους, πατρίδα τὴν μεγίστην τῆς Ἑλλάδος. ἃ δὲ πᾶσι περὶ παντός ἐστι, ταῦτα ἂν τοῖς ἀδικηθεῖσιν ἐνεχείρισα.

[65] περὶ δὲ κατηγορίας καὶ ἀπολογίας, ἐκ πόσων καὶ ποίων ποιεῖσθαι δεῖ τοὺς συλλογισμούς, ἐχόμενον ἂν εἴη λέγειν. δεῖ δὴ λαβεῖν τρία, ἓν μὲν τίνων καὶ πόσων ἕνεκα ἀδικοῦσι, δεύτερον δὲ πῶς αὐτοὶ διακείμενοι, τρίτον δὲ τοὺς ποίους καὶ πῶς ἔχοντας. διορισάμενοι οὖν τὸ ἀδικεῖν λέγωμεν ἑξῆς. ἔστω δὴ τὸ ἀδικεῖν τὸ βλάπτειν ἑκόντα παρὰ τὸν νόμον.

fabricadas, relembrando que estas são próprias do gênero jurídico – que, novamente, são cinco: leis, testemunhas, contratos, tortura e juramentos (*Rhet*. 1375a 22-25).[66]

Um discurso que exprime essas características em um tribunal é o *Discurso de defesa pelo assassinato de Eratóstenes*, atribuído à Lísias. Neste discurso, a introdução da tradução francesa de L'Abbé Auger (1783) sintetiza aquilo que é retratado ao longo do julgamento: um indivíduo, chamado Eratóstenes, entrou na casa de um homem chamado Eufileto sem o seu conhecimento: Eratóstenes havia seduzido a esposa de Eufileto, com a qual tinha um relacionamento conturbado. Eufileto, informado por um servo estrangeiro do que acontecia em sua casa, se prepara para pegar o adúltero em flagrante. Na verdade, ele o surpreende e o mata instantaneamente, como estava autorizado por lei. Os amigos do morto levam Eufileto à justiça como assassino, explicando que este atraiu Eratóstenes para a sua casa e o arrancou do altar dos deuses Penates, onde se refugiou. Com este contexto, vê-se que o discurso de Lísias contém essas características mencionadas no parágrafo anterior que Aristóteles atribui ao gênero jurídico a partir da seguinte passagem:

> Julgo, senhores, que é meu dever precisamente provar que Eratóstenes adulterou minha mulher e a corrompeu; que cobriu meus filhos de vergonha e me afrontou invadindo minha própria casa; que ele e eu não tivemos nenhum tipo de desentendimento, exceto esse, nem o fiz por dinheiro - para me enriquecer do pobre que eu era, nem por qualquer ganho, exceto a vingança que a lei me concede. Portanto, mostrarei a você desde o início todas as minhas circunstâncias, sem omitir nada e dizendo a verdade. Essa é a única salvação para mim, acredito, se eu puder lhe contar absolutamente todos os acontecimentos. Eu, atenienses, quando decidi me casar e levei uma esposa para casa, tive a disposição de, na maior parte do tempo, não incomodá-la e não permitir que ela tivesse muita liberdade para fazer o que quisesse. Eu a vigiava o máximo possível e não deixava de dar atenção a ela, como era natural. Mas quando uma criança nascia para mim, eu confiava nela e colocava todas as minhas coisas em suas mãos, pensando que essa era a maior prova de familiaridade. Bem, nos primeiros dias de Atenas, ela era a melhor de todas: era uma lojista hábil e fiel, administrava tudo escrupulosamente. Mas quando minha mãe morreu, cuja morte foi a culpada por todas as minhas misérias *** pois minha esposa foi acompanhá-la em seu funeral e foi vista na comitiva por esse homem, ela se deixou corromper com o tempo. Na verdade, ela estava esperando a escrava que costumava ir ao mercado e, ao conversar com ela, conseguiu despistá-la. (4-8) (Tradução própria do texto em espanhol).[67]

---

[66] περὶ δὲ τῶν ἀτέχνων καλουμένων πίστεων ἐχόμενόν ἐστι τῶν εἰρημένων ἐπιδραμεῖν· ἴδιαι γὰρ αὗται τῶν δικανικῶν. εἰσὶν δὲ πέντε τὸν ἀριθμόν, νόμοι, μάρτυρες, συνθῆκαι, βάσανοι, ὅρκοι.

[67] Tradução própria do texto em francês. Ἡγοῦμαι δέ, ὦ ἄνδρες, τοῦτό με δεῖν ἐπιδεῖξαι, ὡς ἐμοίχευεν Ἐρατοσθένης τὴν γυναῖκα τὴν ἐμὴν καὶ ἐκείνην τε διέφθειρε καὶ τοὺς παῖδας τοὺς ἐμοὺς ᾔσχυνε καὶ ἐμὲ αὐτὸν ὕβρισεν εἰς τὴν οἰκίαν τὴν ἐμὴν εἰσιών, καὶ οὔτε ἔχθρα ἐμοὶ καὶ ἐκείνῳ οὐδεμία ἦν πλὴν ταύτης, οὔτε χρημάτων ἕνεκα ἔπραξα ταῦτα, ἵνα πλούσιος ἐκ πένητος γένωμαι, οὔτε ἄλλου κέρδους οὐδενὸς πλὴν τῆς κατὰ τοὺς νόμους τιμωρίας. Ἐγὼ τοίνυν ἐξ ἀρχῆς ὑμῖν ἅπαντα ἐπιδείξω τὰ ἐμαυτοῦ πράγματα, οὐδὲν παραλείπων, ἀλλὰ λέγων τἀληθῆ· ταύτην γὰρ ἐμαυτῷ μόνην ἡγοῦμαι σωτηρίαν, ἐὰν ὑμῖν εἰπεῖν ἅπαντα δυνηθῶ τὰ πεπραγμένα. Ἐγὼ γάρ, ὦ ᾽Αθηναῖοι, ἐπειδὴ ἔδοξέ μοι γῆμαι καὶ γυναῖκα ἠγαγόμην εἰς τὴν οἰκίαν, τὸν μὲν ἄλλον χρόνον οὕτω διεκείμην ὥστε μήτε λυπεῖν μήτε λίαν ἐπ' ἐκείνῃ εἶναι ὅ τι ἂν ἐθέλῃ ποιεῖν, ἐφύλαττόν τε ὡς οἷόν τε ἦν, καὶ προσεῖχον τὸν νοῦν ὥσπερ εἰκὸς ἦν. Ἐπειδὴ δέ μοι παιδίον γίγνεται, ἐπίστευον ἤδη καὶ πάντα τὰ ἐμαυτοῦ ἐκείνῃ παρέδωκα, ἡγούμενος ταύτην οἰκειότητα μεγίστην εἶναι. Ἐν μὲν οὖν τῷ πρώτῳ χρόνῳ, ὦ ᾽Αθηναῖοι, πασῶν ἦν βελτίστη· καὶ γὰρ οἰκονόμος δεινὴ καὶ φειδωλὸς [ἀγαθὴ] καὶ ἀκριβῶς πάντα διοικοῦσα· ἐπειδὴ δέ μοι ἡ μήτηρ ἐτελεύτησε, ἣ πάντων τῶν κακῶν ἀποθανοῦσα αἰτία μοι γεγένηται.

> Juzgo, señores, que mi obligación es, precisamente, demostrar que Eratóstenes cometió adulterio con mi mujer y que la corrompió; que cubrió de baldón a mis hijos y me afrentó a mi mismo invadiendo mi propia casa; que no teníamos él y yo ninguna clase de desavenencia, excepto ésta, ni lo he realizado por dinero -a fin de verme rico de pobre que era ni por ganancia alguna como no sea la venganza que la ley me otorga 4. Os mostraré, por consiguiente, desde el principio todas mis circunstancias sin omitir nada y diciendo la verdad. Ésta es la única salvación para mi, segun creo: si consigo relataros absolutamente todos loss sucesos. Yo, atenienses, cuando decidí matrimoniar, y llevé mujer a casa, fue mi disposición durante casi todo el tiempo no atosigarla ni que tuviera excesiva libertad de hacer lo que quisiera. La vigilaba cuanto me era posible y no dejaba de prestarle atención como es natural. Pero cuando me nació un hijo ya confiaba en ella y puse en sus manos todas mis cosas, pensando que ésta era la mayor prueba de familiaridad. Pues bien, en los primeros tiempos, atenienses, era la mejor de todas: hábil y fiel despensera, todo lo administraba escrupulosamente. Pero cuando se me murió mi madre, cuya muerte fue la culpable de todas mis miserias *** pues mi mujer fue a acompañarla en su entierro y fue vista en la comitiva por este hombre, y se dejó corromper con el tiempo. En efecto, esperaba a la esclava que solía ir al mercado y, dándole conversación, consiguió perderla. Tradução de José Luis Calvo Martínez.

Dessa forma, pode-se extrair dessa divisão aristotélica do discurso em três que o que se pretendia era uma sistematização das convenções que já era verificada na retórica até o período clássico – ainda que alguns discursos não se encaixem completamente nesta classificação, como é o caso do discurso de Górgias,[68] que contém elementos de mais de um gênero. Tal divisão, no entanto, se mostrou mais que isso, pois além de ter se tornado canônica nos estudos posteriores da arte da retórica, revelou também que em todas as ocasiões em que se proferiam os discursos – seja o de deliberação nas assembleias, o elogio ou a censura, e a acusação ou a defesa –, os rétores se encontravam dentro do mesmo campo de atuação, isto é, o provável ou o verossímil, desse modo, como cabe ao rétor encontrar os meios de persuasão de um determinado público e partir daquilo que é comumente aceito, os entimemas elaborados para convencer a audiência sempre estarão dentro da esfera do verossímil.

Portanto, pode-se concluir de todo este capítulo que a arte retórica, tal como abordada por Aristóteles, está profundamente ligada com a dialética. De acordo com o que foi apresentado até este ponto, é esta aproximação que o filósofo faz entre as duas disciplinas que não apenas permite uma resposta ao problema do estatuto da retórica – colocado por Platão, que a recusa como uma τέχνη – e a má compreensão dos tratados produzidos anteriormente a Aristóteles por se omitirem a respeito dos entimemas, mas também é uma sistematização revolucionária na reflexão sobre a arte dos discursos, pois permite trazer elementos análogos aos da lógica, como o entimema e o exemplo, para que encontre os meios de persuasão

[68] Por mais que ele não seja considerado um rétor, não podemos negar o fato de que sua obra se tornou canônica e era uma grande referência ainda na época de Aristóteles.

apropriados a cada ocasião – que corresponde ao público próprio de cada um dos três gêneros –, tendo, assim, o conhecimento desta τέχνη e não focando exclusivamente uma única parte, as emoções, conforme será analisado no capítulo seguinte.

3 AS EMOÇÕES E O ENTIMEMA NO LIVRO II

O estudo da retórica por Aristóteles representa uma das mais abrangentes tentativas de sistematizar as técnicas de persuasão no discurso da Antiguidade que nos chegaram. Na *Retórica*, ele apresenta esta arte como ἀντίστροφος da dialética, uma arte que visa à persuasão em contextos públicos, particularmente nas esferas política e jurídica da Grécia Antiga. Diferentemente de seus predecessores, Aristóteles não via a retórica apenas como uma técnica manipulativa, mas como uma forma legítima de argumentação baseada em uma combinação equilibrada, na medida do possível e do mais apropriado ao público ouvinte, de três vias de persuasão.

Ao longo do livro II da *Retórica*, Aristóteles dedica um espaço considerável às emoções, reconhecendo sua importância no processo persuasivo. Contudo, ele não abandona o papel central da lógica, demonstrando que o entimema, uma versão adaptada ou reduzida do silogismo – ou até mesmo com uma de suas premissas ocultas –, permanece uma ferramenta importante para convencer o público. Este capítulo se debruça justamente sobre essa dualidade: por um lado, a análise das emoções como elementos essenciais na persuasão e, por outro, o retorno à centralidade dos aspectos lógicos por meio do entimema. Por meio dessa abordagem, o filósofo reconhece que as emoções são uma parte integrante do discurso e que um rétor habilidoso nessa arte não pode ignorá-la, porém a sua análise detalhada, não significa, é claro, abdicar das outras vias de persuasão, isto é, o caráter e o discurso.

Tal como discutido no capítulo anterior, a retórica aristotélica se distingue da de seus antecessores – nem tanto dos sofistas, mas de Platão, no sentido de seu estatuto e função – justamente pela maneira como é estruturada. Como já dissemos, Aristóteles propõe três principais vias de persuasão: o λόγος (razão), o ἦθος (caráter do rétor) e o πάθος (emoção). Enquanto o λόγος refere-se à argumentação lógica, o ἦθος diz respeito à credibilidade e autoridade do rétor. O πάθος, por sua vez, está relacionado com uma experiência que se teve ou sofreu, e é no modo como se reage a essa experiência que se encontra a noção de emoção. A persuasão eficaz, segundo Aristóteles, é aquela que combina essas três dimensões de forma adequada ao contexto e à audiência. Portanto, diferentemente do que os tratados anteriores procuravam ensinar, utilizando as emoções de maneira predominantemente manipulativa, Aristóteles coloca as emoções como parte integrante de um processo mais amplo de persuasão, o qual deve ser guiado pela razão.

A relevância das emoções na retórica tal como concebida por Aristóteles, no entanto, vai além de uma simples ferramenta de apelo ao público. Para o Estagirita, as emoções afetam

diretamente o julgamento humano. Assim, o modo como o público percebe uma certa situação injusta, gerando o medo, por exemplo, altera profundamente sua capacidade de se convencer por um determinado argumento. Essa perspectiva revela que Aristóteles entendia as emoções como respostas cognitivas, derivadas de percepções racionais de uma situação específica. O rétor, portanto, deve não apenas provocar emoções, mas também compreendê-las de modo que favoreçam a aceitação de seu discurso.

Desse modo, no livro II, Aristóteles dedica os primeiros onze capítulos a uma análise detalhada das emoções. Ele lista e define as emoções em pares opostos, como ira (ὀργή) e calma (πράυνσις),[69] esse primeiro, inclusive, que é paradigmático na explicação de como elas afetam o julgamento das pessoas. As emoções, embora sejam vistas como respostas irracionais em muitas abordagens modernas, são para Aristóteles reações naturais baseadas nas percepções e crenças sobre o mundo. Por exemplo, a ira é causada pela percepção de que se foi injustamente ofendido, enquanto o medo surge da expectativa de um mal iminente. O Estagirita sugere que o rétor deve conhecer bem as emoções para adaptar seu próprio discurso com a finalidade de gerar a persuasão no seu público ouvinte.

Essa abordagem das emoções é especialmente relevante no contexto da retórica política (no âmbito dos gêneros deliberativo e epidítico) e forense (gênero judiciário) da Atenas clássica. Nas assembleias e tribunais, onde os discursos eram proferidos, o controle das emoções da audiência era decisivo para o sucesso persuasivo.[70] Assim, ele reconhece que o discurso pode produzir emoções no público ouvinte – pois esta é uma parte muito relevante na retórica –, mas sem abandonar a importância da razão.

Apesar da ênfase nas emoções, Aristóteles não deixa de lado o papel central da lógica no discurso. Ele sustenta que o entimema é o meio mais importante de persuasão, e nele algumas premissas são omitidas porque são de conhecimento comum do público, o que torna o argumento mais acessível e eficiente. Essa estrutura argumentativa permite que o rétor apresente uma lógica clara e direta, sem sobrecarregar o público com detalhes excessivos e sem comprometer a solidez do raciocínio.

Nesse ponto, é importante realçar que há no livro II uma outra ruptura em relação ao pensamento de Platão. O seu mestre, principalmente no livro X da *República*, critica a poesia e

[69] As outras emoções trabalhadas por Aristóteles, respectivamente, são: amizade e inimizade (τίνας δὲ φιλοῦσι καὶ μισοῦσι), temor e confiança (φοβέω καὶ θαρσος), vergonha e desavergonha (αἰσχύνω καὶ ἀναισχυντέω), amabilidade ou graça (χάρις), piedade (ἔλεος), indignação (νεμεσάω), inveja (φθονέω) e emulação (ζηλέω).
[70] *Cf.* HANSEN, 1989.

o teatro, sustentando uma associação das emoções com comportamentos irracionais. A passagem a seguir é bem demonstrativa:

> Do mesmo modo atua a imitação poética no domínio do amor, da cólera, e todas as paixões da alma, agradáveis ou menos penosas, que consideramos inseparáveis de nossas ações: alimenta e irriga o que devia ficar seco; fá-las dominar sobre nós, quando elas é que deviam ser mandadas, para que nos tornemos melhores e mais felizes, em vez de maus e miseráveis (606d 1- 7).[71] Tradução Carlos Alberto Nunes.

Desse modo, é possível notar que Platão apresenta uma crítica incisiva à poesia e ao teatro, argumentando que estas formas artísticas, por meio da mimesis (μίμησις), alimentam as paixões e reforçam o domínio da parte irracional da alma. Esse ponto encontra eco na análise de Coelho (2022), que explora precisamente as implicações do trecho supramencionado, no qual Platão defende a necessidade de "secar as emoções" (δέον αὐχμεῖν). A autora ressalta ainda que a crítica platônica à poesia e às artes miméticas está alicerçada na concepção de que estas estimulam os apetites e as emoções desordenadas, corroendo o papel da razão no governo da alma, o que, em última instância, é prejudicial para cidade. Consequentemente, isso subverte a ordem adequada da alma, promovendo comportamentos irracionais e comprometendo a busca pela virtude e pela felicidade. Essa visão ilustra a preocupação pedagógica de Platão com a formação dos cidadãos, que, para ele, dependia de um controle rigoroso das emoções para sustentar a justiça na alma e na cidade ideal, e é precisamente nesse ponto que há a ruptura de Aristóteles, pois ele entende as emoções como uma resposta cognitiva à alguma experiência que se teve.

Isto posto, o primeiro subcapítulo trata do surgimento e do papel das emoções no discurso retórico, com base nos primeiros capítulos do livro II da *Retórica*. Aristóteles oferece uma análise detalhada das emoções, tratando-as como respostas cognitivas que afetam diretamente o julgamento dos ouvintes, logo, divergindo novamente de Platão. Ele aborda as emoções não como meras reações instintivas, mas como reações que podem ser aumentadas ou diminuídas pelo discurso para influenciar o julgamento do público. Essa seção do capítulo explora, igualmente como essas emoções, ao serem manipuladas de maneira estratégica pelo rétor, podem se tornar poderosos instrumentos de persuasão, e, ao mesmo tempo, é ressaltado que a emoção, na visão aristotélica, não se opõe à razão necessariamente, mas complementa a persuasão lógica ao apelar para o lado emocional do público.

---

[71] Καὶ περὶ ἀφροδισίων δὴ καὶ θυμοῦ καὶ περὶ πάντων τῶν ἐπιθυμητικῶν τε καὶ λυπηρῶν καὶ ἡδέων ἐν τῇ ψυχῇ, ἃ δή φαμεν πάσῃ πράξει ἡμῖν ἕπεσθαι, ὅτι τοιαῦτα ἡμᾶς ἡ ποιητικὴ μίμησις ἐργάζεται· τρέφει γὰρ ταῦτα ἄρδουσα, δέον αὐχμεῖν, καὶ ἄρχοντα ἡμῖν καθίστησιν, δέον ἄρχεσθαι αὐτὰ ἵνα βελτίους τε καὶ εὐδαιμονέστεροι ἀντὶ χειρόνων καὶ ἀθλιωτέρων γιγνώμεθα.

Nessa perspectiva, o papel daquele que profere o discurso é saber identificar as circunstâncias que desencadeiam determinadas emoções e utilizá-las de maneira estratégica. Assim, o segundo subcapítulo explora as definições aristotélicas de emoções como ira (ὀργὴ), medo (φόβος) e amor (ἡ φιλία καὶ τὸ φιλεῖν), mostrando como cada uma delas pode ser utilizada em diferentes contextos discursivos. A análise mostra também que, para Aristóteles, a capacidade de manipular as emoções é um reflexo direto da habilidade do rétor em entender o público e adaptar o discurso conforme suas disposições emocionais.

O terceiro e último subcapítulo retorna ao papel central da lógica no discurso persuasivo, especialmente através do entimema, que Aristóteles considera a ferramenta mais poderosa da persuasão. Aqui, o Estagirita retoma a importância da lógica e da dialética, sugerindo que, embora as emoções tenham um papel incontornável na persuasão, o discurso não pode perder de vista sua base lógica. Assim, o entimema se configura como a principal ferramenta pela qual o rétor constrói argumentos convincentes. O subcapítulo explora ainda como o entimema articula seus argumentos de forma a captar a atenção e a compreensão do público, utilizando premissas aceitas como verdadeiras sem sobrecarregar o ouvinte com raciocínios complexos. Além disso, Aristóteles sugere que o uso de exemplos como formas de indução complementa a lógica do entimema, tornando os argumentos mais tangíveis e próximos da experiência do público. Essa seção examina, portanto, como a retórica, ao se basear no entimema e no exemplo, mantém sua conexão com a dialética, sem abandonar o apelo emocional necessário para a eficácia persuasiva.

3.1 Sobre o surgimento das emoções na *Retórica*

É notável, ao longo do livro II da *Retórica*, o espaço que Aristóteles dedica à análise das emoções, abrangendo os onze primeiros capítulos, enquanto os cinco capítulos subsequentes abordam a adaptação do discurso em relação ao caráter da plateia, e os oito capítulos finais tratam das máximas e dos topoi (τόποι) e se encerra com o entimema. Nessa primeira parte, observa-se que Aristóteles reconhece a insuficiência de uma retórica puramente demonstrativa – ou seja, baseada na lógica contida no entimema – para garantir a confiança do público ouvinte. Esse reconhecimento, no entanto, não representa necessariamente uma contradição na obra, pois Aristóteles continua a tratar o elemento demonstrativo como o mais importante para a persuasão.[72] O que ocorre é uma análise mais detalhada do papel das emoções no discurso.

[72] Vale lembrar que as máximas também podem ser manipuladas pelo rétor.

Como frequentemente ocorre com os termos em língua grega, a palavra πάθος não se traduz completamente por *emoção*. Derivado do verbo πάσχω, que expressa o sentido de receber uma impressão ou sofrer uma ação em oposição a fazê-la, parece que tal termo tem relação ao caráter passivo de uma determinada condição de um certo indivíduo. Assim, o seu arco de significados compreende igualmente a noção de *afecção* ou *paixão*. No entanto, dentro do contexto abordado por Aristóteles no livro II, o termo mais apropriado para traduzir a palavra πάθος seria *emoção* (do latim, *movere*, pois alguém foi movido por outro), dado o modo como as πάθη são apresentadas: são listadas em pares que ele próprio julga serem opostos e possuem igualmente o objetivo de fazer com que o rétor seja capaz de identificá-las a fim de compreender o público para o qual discursarão.

É fundamental considerar ainda que a análise das emoções no discurso está diretamente relacionada ao contexto político da Atenas clássica. Como cidadãos, os atenienses utilizavam as práticas discursivas como principal meio de atuação nas instituições – assembleias e tribunais –, onde a eloquência era uma habilidade muito valorizada em um líder político (evidentemente, ele precisava ter outras qualidades, tais como a gestão e atuação militar) e em todos os cidadãos dada a democracia direta. Nesse sentido, Hansen (1989, p. 111-112) argumenta que, naquela época, a influência política estava inseparavelmente ligada à eloquência: a retórica era uma arte quase exclusivamente utilizada em contextos formais e políticos, tendo pouca ou nenhuma relevância na esfera privada, demonstrando certa primazia do público.[73] O autor também enfatiza que o público-alvo dos discursos eram os ouvintes presentes nas assembleias e nos tribunais, o que leva à conclusão de que a importância da eloquência, e, portanto, da retórica, no âmbito político ou forense, estava profundamente conectada às instituições da democracia grega e às assembleias onde esses discursos eram proferidos.

Quanto ao discurso epidítico, ressalta Cassin (1993, p. 39), embora possa parecer contraditório, este gênero é, à primeira vista, o menos político dos três, justamente por ser o mais retórico. Ao invés de se dirigir a cidadãos ou juízes, ele se volta para um público mais geral, um espectador. Em vez de discutir sobre passado ou futuro, o epidítico se concentra no presente, utilizando-o como ponto de partida para reflexões sobre o que já foi e o que pode vir a ser. Nesse gênero, não há decisões a serem tomadas ou julgamentos a serem feitos, mas sim uma demonstração da habilidade do rétor, que o público deve avaliar.

[73] Neste ponto, vale ponderar a consideração do autor citado. Embora ele observe acertadamente a influência que o discurso exercia na esfera pública, o próprio Aristóteles é claro ao afirmar que todos participam, de alguma forma, da retórica. Ademais, a inclusão do gênero epidítico demonstra que sua abordagem não era tão restritiva ou desequilibrada quanto o autor faz parecer. Assim, o argumento de Hansen procede apenas parcialmente.

Dentro deste contexto, um discurso paradigmático sobre o efeito das emoções na produção da persuasão pode ser encontrado, novamente, no *Elogio de Helena*, de Górgias.[74] Engler (2023, p. 130) aponta que o referido discurso está profundamente entranhado no mito fundador da cultura grega, isto é, a Guerra de Tróia. Essa imersão do discurso na tradição mítica-literária fornece um caminho para evocar emoções no público, uma vez que as narrativas mitológicas carregam significados profundamente arraigados na própria cultura da Hélade. Seguindo esta linha de pensamento, as palavras (λόγοι) assumem um papel fundamental ao trazer sentimentos como a compaixão, o medo, a admiração e a piedade, elementos-chave para moldar as reações emocionais e, consequentemente, a receptividade ou reprovação de um determinado discurso, ainda que nem sempre consiga atingir tal objetivo.[75] Dois trechos desse discurso podem ser mencionados para tornar todo este contexto mais claro, respectivamente DK 11, parágrafos 8 e 14:

> Se foi o discurso que persuadiu e iludiu a alma, nem diante disso é difícil fazer a defesa e extinguir por completo a acusação desta maneira: o discurso é um grande soberano, que com o menor e mais invisível corpo, executa as ações mais divinas, pois ele tem o poder de cessar o medo, retirar a tristeza, inspirar a alegria e aumentar a piedade. E essas coisas, como elas são assim, eu mostrarei.
> [...] A mesma proporção tem o poder do discurso perante a ordenação da alma e a ordenação dos remédios perante a natureza dos corpos. Pois, como dos remédios alguns retiram alguns humores do corpo, uns cessando a doença, outros a vida, assim, também, dos discursos alguns atormentam, outros agradam, outros aterrorizam, outros levam os ouvintes a uma situação de confiança e outros, por meio de uma persuasão má, drogam e enfeitiçam a alma.[76]

Esses dois excertos da obra de Górgias representam um ponto de inflexão nas considerações sobre os discursos, e, posteriormente, se tornarão uma referência incontornável

---

[74] Konstan (2010, p. 413) também argumenta neste mesmo sentido, afirmando que Górgias pretendia, ao proferir este discurso, demonstrar o poder que as palavras (λόγος) têm para persuadir as pessoas, palavras nas quais o recurso do apelo das emoções estava presente.

[75] Vale lembrar que, por mais que a obra de Górgias tenha se tornado paradigmática para a produção dos discursos na antiguidade, ele não conseguiu limpar a culpa de Helena dentro do imaginário coletivo da Hélade enquanto a causadora da Guerra de Tróia, por mais comovente e logicamente estruturado que fosse seu discurso. Movimento semelhante também ocorre na *Apologia de Palamedes*: mesmo estando do lado da verdade diante do tribunal, ele não conseguiu se livrar da pena capital. Ainda vale ressaltar que por *culpa* não me refiro à moralidade cristã, mas sim ao sentido jurídico, em que o autor da ação não tem a intensão de produzir um determinado resultado, em oposição ao dolo, no qual, inversamente, há a vontade de produzir um determinado resultado.

[76] εἰ δὲ λόγος ὁ πείσας καὶ τὴν ψυχὴν ἀπατήσας, οὐδὲ πρὸς τοῦτο χαλεπὸν ἀπολογήσασθαι καὶ τὴν αἰτίαν ἀπολύσασθαι ὧδε. λόγος δυνάστης μέγας ἐστίν, ὃς σμικροτάτωι σώματι καὶ ἀφανεστάτωι θειότατα ἔργα ἀποτελεῖ· δύναται γὰρ καὶ φόβον παῦσαι καὶ λύπην ἀφελεῖν καὶ χαρὰν ἐνεργάσασθαι καὶ ἔλεον ἐπαυξῆσαι. ταῦτα δὲ ὡς οὕτως ἔχει δείξω· [...] τὸν αὐτὸν δὲ λόγον ἔχει ἥ τε τοῦ λόγου δύναμις πρὸς τὴν τῆς ψυχῆς τάξιν ἥ τε τῶν φαρμάκων τάξις πρὸς τὴν τῶν σωμάτων φύσιν. ὥσπερ γὰρ τῶν φαρμάκων ἄλλους ἄλλα χυμοὺς ἐκ τοῦ σώματος ἐξάγει, καὶ τὰ μὲν νόσου τὰ δὲ βίου παύει, οὕτω καὶ τῶν λόγων οἱ μὲν ἐλύπησαν, οἱ δὲ ἔτερψαν, οἱ δὲ ἐφόβησαν, οἱ δὲ εἰς θάρσος κατέστησαν τοὺς ἀκούοντας, οἱ δὲ πειθοῖ τινι κακῆι τὴν ψυχὴν ἐφαρμάκευσαν καὶ ἐξεγοήτευσαν.

sobre o poder do λόγος. Aqui, há uma espécie de pausa no discurso de defesa da figura de Helena para mostrar ao público ouvinte qual seria a essência do discurso e da persuasão. Como Engler (2023, p. 148) pretende sustentar, o objetivo de Górgias seria demonstrar que, no tocante ao λόγος presente no discurso, os ouvintes também estão sob a égide de um poderoso soberano, capaz de provocar reações no público cuja causa eles mesmos ignoram e estão na posição de vítimas passivas – podendo, inclusive, gerar ou alterar as emoções.

Especificamente o parágrafo 14 se mostrou ainda mais significativo nas considerações posteriores a respeito da arte dos discursos, pois a analogia ali feita será replicada por Platão, Aristóteles, Xenofonte e Isócrates – cada um, evidentemente, à sua própria maneira. Novamente, Engler (2023 p. 153), ao comentar precisamente esse parágrafo, reafirma que tal analogia estabelece que os discursos agem sobre a alma (ψυχή) da mesma maneira que as drogas (φάρμακον) atuam sobre o corpo: eles (os discursos) têm o poder de alterar sua estrutura. Assim, conclui o comentário, tal como as drogas podem ser benéficas ou prejudiciais, os discursos podem moldar, influenciar, encorajar, entristecer ou alegrar o ouvinte, transformando sua alma conforme o conteúdo do discurso, de tal forma que este efeito de influenciar o caráter dos ouvintes é inevitável.

Todo este contexto da retórica enquanto uma arte profundamente arraigada às instituições democráticas da cidade – predominantemente as assembleias e os tribunais em que os discursos eram proferidos, e, para os fins desta dissertação, os paradigmáticos discursos de Górgias, notadamente sobre o poder que o λόγος exerce no cidadão – demonstra como abordar as emoções, independentemente da posição tomada por cada intérprete com relação ao seu papel e sua relevância,[77] era um problema incontornável e urgente. Assim, por mais que Aristóteles atribua um caráter central para os elementos lógicos contidos no discurso – o entimema e o exemplo –, as emoções constituem também elementos claramente presentes no discurso, o que leva o leitor da sua obra, então, a se perguntar como emerge tal problema na *Retórica*.

Logo nas primeiras linhas do livro II, antes de começar propriamente sua abordagem do papel das emoções na arte dos discursos, nota-se que ele retoma, ainda que brevemente, a persuasão pelo discurso e pelo caráter, bem como a respectiva importância para os gêneros do discurso, dando especial atenção ao segundo – ainda sem perder de vista a concepção de que a

[77] Na Antiguidade havia uma discussão muito forte sobre o papel e a relevância das emoções no discurso, e só agora os intérpretes estão chamando atenção para isso. A posição de Aristóteles é mais equilibrada em comparação com o que ele relata dos manuais de retórica, que reduzem essa arte apenas ao apelo às emoções, e com Platão, que não enxerga nada de racional nestas.

retórica é uma arte praticada predominantemente na esfera pública. Assim segue em suas palavras:

> Uma vez que a Retórica é sempre voltada aos julgamentos (pois se emitem julgamentos na retórica deliberativa e a retórica judiciária é, em si, um julgamento), é necessário não somente observar o discurso à medida que é didático ou confiável, mas também em sua capacidade de alterar a disposição do próprio orador e do julgador: no que tange à confiabilidade, especialmente no discurso deliberativo, e após ele, no discurso judiciário, faz grande diferença a forma como se apresenta o falante, como seu público o percebe e, além disso, como ele próprio dispõe seu público em relação a si. Na retórica deliberativa, portanto, é mais útil que o falante se apresente de determinada maneira; na retórica judiciária, por outro lado, é mais útil que os ouvintes sejam levados à determinada disposição (*Rhet* 1377b 20-31).[78]

Nesse contexto, Rapp (2002, p. 540) observa que a abordagem de Aristóteles a respeito das emoções na *Retórica* não pretende trazer uma definição clara das πάθη, ao contrário, o Estagirita pretende introduzir as emoções sob o prisma da persuasão[79] – ponto mais importante da arte da retórica –, e isso é destacado pelo reconhecimento das emoções como um elemento que influencia o julgamento de determinado público ouvinte. Isto é verificável no trecho imediatamente após o supracitado:

> Quando as pessoas amam ou odeiam, estão iradas ou complacentes, seus juízos não são os mesmos e suas opiniões serão completamente distintas e mais ou menos intensas: ao que ama, a pessoa que deve julgar lhe parecerá não ter cometido injustiça, ou ser sua injustiça pequena; ao que odeia, respectivamente, parecer-lhe-á o contrário; a este que espera por ou deseja algo, se isto que virá lhe for prazeroso, parecer-lhe-á devir de fato e ser bom o seu devir, já ao apático ou ao desdenhoso, parecer-lhes-á o contrário (*Rhet*. 1378a 1-5).[80]

Nessa esteira de pensamento, Aristóteles (*Rhet*. 1378a 14-15) conclui, então, que o rétor deve considerar todos esses três meios de persuasão – a saber, o caráter moral, a emoção e o discurso – para que ele possa convencer o seu público ouvinte.[81] Consequentemente, para que se possa explorar as emoções e seus respectivos efeitos na persuasão durante um discurso, o

---

[78] ἐπεὶ δὲ ἕνεκα κρίσεώς ἐστιν ἡ ῥητορική (καὶ γὰρ τὰς συμβουλὰς κρίνουσι καὶ ἡ δίκη κρίσις ἐστίν), ἀνάγκη μὴ μόνον πρὸς τὸν λόγον ὁρᾶν, ὅπως ἀποδεικτικὸς ἔσται καὶ πιστός, ἀλλὰ καὶ αὐτὸν ποιόν τινα καὶ τὸν κριτὴν κατασκευάζειν· πολὺ γὰρ διαφέρει πρὸς πίστιν, μάλιστα μὲν ἐν ταῖς συμβουλαῖς, εἶτα καὶ ἐν ταῖς δίκαις, τό τε ποιόν τινα φαίνεσθαι τὸν λέγοντα καὶ τὸ πρὸς αὐτοὺς ὑπολαμβάνειν πως διακεῖσθαι αὐτόν, πρὸς δὲ τούτοις ἐὰν καὶ αὐτοὶ διακείμενοί πως τυγχάνωσιν. τὸ μὲν οὖν ποιόν τινα φαίνεσθαι τὸν λέγοντα χρησιμώτερον εἰς τὰς συμβουλάς ἐστιν, τὸ δὲ διακεῖσθαί πως τὸν ἀκροατὴν εἰς τὰς δίκας.

[79] Aqui cabe fazer uma ponderação: por mais que o autor citado não faça esse comentário em tom de crítica, é importante lembrar que Aristóteles dá sempre caracterizações a partir de certa perspectiva, no caso da *Retórica*, ele apresenta as emoções no contexto da persuasão.

[80] τῷ μὲν γὰρ φιλοῦντι περὶ οὗ ποιεῖται τὴν κρίσιν ἢ οὐκ ἀδικεῖν ἢ μικρὰ δοκεῖ ἀδικεῖν, τῷ δὲ μισοῦντι τοὐναντίον· καὶ τῷ μὲν ἐπιθυμοῦντι καὶ εὐέλπιδι ὄντι, ἐὰν ᾖ τὸ ἐσόμενον ἡδύ, καὶ ἔσεσθαι καὶ ἀγαθὸν ἔσεσθαι φαίνεται, τῷ δ' ἀπαθεῖ <ἢ> καὶ δυσχεραίνοντι τοὐναντίον.

[81] ἀνάγκη ἄρα τὸν ἅπαντα δοκοῦντα ταῦτ' ἔχειν εἶναι τοῖς ἀκροωμένοις πιστόν.

filósofo caracterizará cada uma delas cuidadosamente, ao longo dos próximos dez capítulos do livro II (do 2 ao 11), seguindo, basicamente, esta linha de raciocínio:

> Paixões são os estados por causa dos quais as pessoas divergem em seus julgamentos, tal como a ira, a piedade, o medo, e tantas outras e seus contrários; seguem-nas a dor e o prazer (*Rhet*. 1378a 19-22).[82]

No entanto, para que se possa fazer uma consideração adequada da abordagem aristotélica sobre as emoções, é preciso passar, ainda que brevemente, por duas obras, a saber, *Ética a Nicômaco* e *De Anima*,[83] pois também se caracterizam como importantes referências sobre esse tema – essa digressão ajudará a oferecer uma visão mais fundamentada a respeito das emoções e seus respectivos efeitos na persuasão. No tratado de ética supramencionado, o Estagirita assim expõe sua noção:

> Quando digo afecções, falo do desejo, da ira, do medo, da audácia, da inveja, da alegria, da amizade, do ódio, da saudade, do ciúme, da compaixão e, em geral, de tudo aquilo que é acompanhado por prazer e ou sofrimento. Dizemos que as capacidades são condições de possibilidade para sermos afetáveis por afecções. De acordo com elas, somos capazes de ficar irados, ou passar por sofrimentos ou sentirmos compaixão. Disposições, por fim, são os gêneros de fenômenos de acordo com os quais nos comportamos bem ou mal relativamente às afecções (*EN*. 1105b 21-26) Tradução de António de Castro Caeiro.[84]

A partir deste trecho é possível, então, identificar que, assim como ocorre na *Retórica*, Aristóteles não oferece uma definição clara, mas sim um rol de algumas emoções que expressam ou prazer ou dor, e, talvez o ponto mais relevante a ser observado nestas linhas, as emoções estão conectadas com uma mudança concreta no estado do indivíduo. Desse modo, pode-se aderir apenas parcialmente ao comentário de Rapp (2008, p. 48) no seu estudo precisamente sobre as emoções em Aristóteles, ao afirmar acertadamente que, a partir do momento em que um indivíduo é afetado pelas πάθη, este não pode ser elogiado nem culpado por causa delas, já que não as temos voluntariamente e não as escolhemos, ao invés, somos movidos de acordo com as mudanças que nossas respectivas πάθη nos causam. Porém,

---

[82] ἔστι δὲ τὰ πάθη δι' ὅσα μεταβάλλοντες διαφέρουσι πρὸς τὰς κρίσεις οἷς ἕπεται λύπη καὶ ἡδονή, οἷον ὀργὴ ἔλεος φόβος καὶ ὅσα ἄλλα τοιαῦτα, καὶ τὰ τούτοις ἐναντία.

[83] Foge ao escopo da presente dissertação fazer uma análise comparativa e detalhada sobre as investigações das emoções em Aristóteles tanto na *Ética a Nicômaco* quanto no *De Anima*. O objetivo aqui é apenas apresentar como ele pensa as emoções em diferentes perspectivas e contextos (no primeiro caso a justa medida, no segundo as investigações sobre a alma), de tal modo que não encontramos uma definição nos parâmetros que o sentido moderno da palavra exige.

[84] λέγω δὲ πάθη μὲν ἐπιθυμίαν ὀργὴν φόβον θάρσος φθόνον χαρὰν φιλίαν μῖσος πόθον ζῆλον ἔλεον, ὅλως οἷς ἕπεται ἡδονὴ ἢ λύπη· δυνάμεις δὲ καθ' ἃς παθητικοὶ τούτων λεγόμεθα, οἷον καθ' ἃς δυνατοὶ ὀργισθῆναι ἢ λυπηθῆναι ἢ ἐλεῆσαι· ἕξεις δὲ καθ' ἃς πρὸς τὰ πάθη ἔχομεν εὖ ἢ κακῶς.

principalmente no contexto da *Ética a Nicômaco*, o filósofo trata as emoções em seus extremos, a fim de orientar os hábitos e virtudes que se encontram na justa medida – e a decisão de andar dentro da justa medida está, sim, ligada à vontade.

Ocorre que o rol apresentado pelo Estagirita não é constante e tampouco parece haver uma preocupação central de sua parte em oferecer uma definição clara, mas uma reflexão dentro de um outro contexto. Isso pode ser constatado no *De Anima*, em que mantém em plano de fundo o par supramencionado de prazer e dor, mas apresenta diferentes emoções, tal como verifica-se no trecho a seguir:

> Parece também que todas as afecções da alma ocorrem com um corpo: ânimo, mansidão, medo, consideração, ousadia, bem como a alegria, o amar e odiar – pois o corpo é afetado de algum modo e simultaneamente a elas. Isto é indicado pelo fato de que algumas vezes mesmo as emoções fortes e violentas não produzem em nós excitação ou temor; outras vezes, contudo, somos movidos por emoções pequenas e imperceptíveis (por exemplo, no caso em que o corpo irritado já está como encolerizado). Isto se torna ainda mais evidente quando, não havendo ocorrido nada de temível, experimentamos o sentimento de temor (*DA*. 403a 16-24). Tradução de Maria Cecília Leonel Gomes dos Reis.[85]

A expressão utilizada por Aristóteles – πάθη τῆς ψυχῆς – possui três acepções possíveis, tal como apontado por Maria Cecília Gomes dos Reis em sua tradução (p. 150): primeiramente, o sentido de atributos ou predicados da alma; segundamente, há o sentido de formas de passividade em oposição às atividades; por fim, encontra-se também o sentido de emoções ou paixões. Então, esta linha de raciocínio leva o Estagirita (*DA*. 403a 24-27) a inferir que as afecções estão diretamente relacionadas à matéria, e as definições dessas afecções serão formuladas como um tipo de movimento ou capacidade de certas partes do corpo, logo, o estudo da alma deve levar em conta esses aspectos materiais, seja do corpo como um todo ou de qualquer uma de suas partes, conforme as características desse movimento.[86]

Feita esta digressão com a finalidade de analisar como Aristóteles trabalha as emoções em outras obras, observa-se que ele busca analisá-las em diferentes contextos, o que resulta em um rol variado de emoções. No livro II da *Retórica*, agora dentro do contexto da persuasão, ele apresenta uma análise cuidadosa e sistemática das emoções, algo que não está presente nos tratados anteriores. Ele não apenas rejeita a redução da retórica, comum entre seus antecessores,

---

[85] ἔοικε δὲ καὶ τὰ τῆς ψυχῆς πάθη πάντα εἶναι μετὰ σώματος, θυμός, πραότης, φόβος, ἔλεος, θάρσος, ἔτι χαρὰ καὶ τὸ φιλεῖν τε καὶ μισεῖν· ἅμα γὰρ τούτοις πάσχει τι τὸ σῶμα. μηνύει δὲ τὸ ποτὲ μὲν ἰσχυρῶν καὶ ἐναργῶν παθημάτων συμβαινόντων μηδὲν παροξύνεσθαι ἢ φοβεῖσθαι, ἐνίοτε δ' ὑπὸ μικρῶν καὶ ἀμαυρῶν κινεῖσθαι, ὅταν ὀργᾷ τὸ σῶμα καὶ οὕτως ἔχῃ ὥσπερ ὅταν ὀργίζηται. ἔτι δὲ μᾶλλον τοῦτο φανερόν· μηθενὸς γὰρ φοβεροῦ συμβαίνοντος ἐν τοῖς πάθεσι γίνονται τοῖς τοῦ φοβουμένου.

[86] εἰ δ' οὕτως ἔχει, δῆλον ὅτι τὰ πάθη λόγοι ἔνυλοί εἰσιν· ὥστε οἱ ὅροι τοιοῦτοι οἷον "τὸ ὀργίζεσθαι κίνησίς τις τοῦ τοιουδὶ σώματος ἢ μέρους ἢ δυνάμεως ὑπὸ τοῦδε ἕνεκα τοῦδε" [...].

à manipulação desonesta das emoções, mas também investiga os efeitos e o modo como estas influenciam o julgamento humano. Essa abordagem destaca o caráter inovador da obra, que, apesar de ser um tratado sobre a retórica como uma arte, incorpora reflexões filosóficas sobre a natureza das emoções e sua função no processo de persuasão.

Dessa forma, a consideração de Aristóteles nesse capítulo inicial do livro II parece ser uma tentativa de oferecer um conjunto de emoções que podem ser provocadas no auditório para que se possa influenciar o seu julgamento, visto que elas implicam uma mudança nos indivíduos. Há de se considerar igualmente que a eficácia da persuasão pode ser comprometida se o rétor for visto como não confiável ou se o público estiver emocionalmente predisposto contra ele. Nesse sentido, Aristóteles mostra que o sucesso da persuasão não depende apenas do argumento ou das provas – muito embora estas se qualifiquem como os elementos mais importantes da arte dos discursos, pois nelas podem conter os entimemas –, mas também do caráter (ἦθος) do rétor e do estado emocional da audiência. Esse é o ponto em que o tratamento das emoções se torna sistematicamente importante: o estado emocional do público pode facilitar ou impedir que eles aceitem um determinado argumento.

Compreendo, de modo semelhante à Costa (2015, p. 43), que Aristóteles apresentou a retórica tanto do ponto de vista teórico, ao tratá-la como uma arte, quanto da perspectiva, digamos prática, ao levar em conta os aspectos da comunidade, ou seja, os ouvintes atenienses, para os quais o valor da vida virtuosa do cidadão que falava, ou de quem se falava (ἦθος) e as emoções (πάθη) eram socialmente importantes.

Então, na obra *Retórica*, haveria duas concepções diferentes: uma que contempla a retórica enquanto uma arte que tem em seu cerne a produção de demonstrações através do entimema, fazendo dela um rebento da dialética; e, por outro lado, ao ocupar-se do ἦθος e do πάθος, ela estaria também relacionada à política, devido à incapacidade do público de acompanhar longas exposições. Nesse contexto, Aristóteles demonstra o aspecto racional das emoções, destacando seu papel fundamental no processo persuasivo. Ao analisar cuidadosamente as emoções, ele transforma esse tipo de abordagem em uma arte, distanciando-se do uso desordenado e empírico das emoções que prevaleciam em tratados anteriores. Em vez de empregá-las de forma aleatória, como uma mera experiência prática (ἐμπειρία), o filósofo sistematiza sua utilização, estabelecendo regras claras para integrar a emoção ao discurso de modo estratégico e racional. Assim, a retórica não apenas se torna mais eficaz, mas também mais legítima, ao harmonizar a lógica com as emoções para persuadir o público.

À guisa de conclusão, o tratamento das emoções na *Retórica* se justifica – e daí também surge o problema das πάθη nesta obra – pelo fato de que ele pretende utilizá-las para influenciar o julgamento dos ouvintes, de tal modo que eles se disponham favoravelmente aos argumentos.

3.2 Sobre a abordagem aristotélica das emoções no discurso

Na seção anterior, analisou-se como Aristóteles, no livro II da *Retórica*, inaugura uma abordagem inovadora ao dedicar uma parte substancial da obra à análise detalhada das emoções, ressaltando sua relevância no discurso persuasivo. Esse avanço reflete uma compreensão aprofundada de que, embora os aspectos lógicos, representados pelo entimema, sejam centrais, a argumentação racional, isoladamente, não é suficiente para conquistar a confiança do público. Ao integrar as emoções de forma sistemática, Aristóteles eleva o papel delas a um componente indispensável para a eficácia persuasiva. Esse avanço, pode-se sustentar a partir desse ponto da presente dissertação, reflete uma compreensão mais complexa e sistemática do papel das emoções no processo persuasivo. Desse modo, ele propõe uma integração das emoções, destacando que elas podem afetar diretamente o julgamento dos ouvintes, tornando-se um elemento que não pode ser ignorado para garantir uma persuasão eficaz. Ademais, a análise aristotélica sobre as emoções não está isolada de seu contexto político: enquanto instrumento fundamental nas assembleias, tribunais e outros eventos públicos da democracia ateniense, envolvia o uso estratégico das emoções para moldar a receptividade do público.

A análise das emoções, no entanto, não se restringe a uma mera listagem de exemplos. Aristóteles investiga como elas podem influenciar o julgamento dos ouvintes, explorando sua capacidade de alterar percepções e decisões, ou seja, as πάθη também causam uma mudança nos indivíduos que por elas são afetados. O Estagirita reconhece que, quando o público se encontra emocionalmente predisposto de uma certa maneira, a persuasão pode ser facilitada ou dificultada. Consequentemente, ele considera essencial que o rétor saiba provocar e controlar as emoções, a fim de moldar a disposição de seus ouvintes. Nesse sentido, o discurso persuasivo eficaz não se limita ao uso dos meios formais de persuasão, como o entimema e o exemplo, mas também exige a capacidade de manejar as emoções humanas, utilizando-as como recursos complementares para potencializar o impacto persuasivo.

Sob este prisma, Aristóteles sugere que, para entender e manipular uma emoção como a ira, é necessário considerar três fatores, tal como se verifica no trecho a seguir:

> É necessário dividi-las em três aspectos: quando falo, por exemplo, da ira, penso em como dispõem-se estes que estão irados, com quem costumam irar-se e em que

> condições; se soubéssemos apenas de um ou dois destes aspectos – mas não dos três –, impossível seria provocá-la; e o mesmo vale para todas as outras emoções (*Rhet*. 1378a 22-26).[87]

O próprio filósofo parece seguir essa estrutura tripartida em quase toda a sua discussão sobre as emoções, derivando os comportamentos e os estados de espírito adequados a cada emoção das respectivas definições. Por exemplo, ao definir a ira como uma reação a uma ofensa de alguém que não tem o direito de insultar ou desprezá-la, ele pode então listar comportamentos que são vistos como insultantes, assim como os tipos de pessoas contra quem nos irritamos. Isso, inclusive, é o que se constata logo nas primeiras linhas da consideração de Aristóteles sobre esta emoção:

> Consideremos a ira um desejo misturado à dor de um ato de vingança ou mesquinhez patente ser cometido contra si ou os seus, sendo tal mesquinhez descabida. Se assim é a ira, é necessário que o irado sempre se ire com um indivíduo específico – por exemplo, com Cleonte, mas não com todas as pessoas –, que este indivíduo tenha pretendido fazer ou feito algo contra o irado ou seus, e que toda ira acompanhe um tipo de prazer, oriundo da esperança da vingança vindoura [...] (*Rhet* 1378a 30-1378b 2).[88]

Ao comentar sobre a utilização das emoções no discurso, Konstan (2010, p. 415) argumenta que, para Aristóteles, a manipulação das emoções em contextos jurídicos e políticos era um reflexo da forma como elas eram exploradas na vida social em geral. Ao estudar as emoções sob a ótica da retórica, continua o comentário, ele reconhecia a importância da linguagem como principal meio de influenciar as emoções no dia a dia – tanto nos tribunais quanto nas relações pessoais, os atenienses buscavam manipular as emoções dos outros para moldar suas crenças.

No âmbito da análise aristotélica, então, a persuasão não pode ser eficaz sem o equilíbrio – ou ao menos a capacidade de identificar qual é o ponto mais apropriado a cada auditório – entre os três meios de persuasão: o caráter do rétor, a disposição emocional do público e o raciocínio argumentativo do discurso. Por um lado, a credibilidade daquele que profere o discurso é fundamental[89] para que suas palavras sejam recebidas com confiança; por outro, o

---

[87] δεῖ δὲ διαιρεῖν περὶ ἕκαστον εἰς τρία, λέγω δ' οἷον περὶ ὀργῆς πῶς τε διακείμενοι ὀργίλοι εἰσί, καὶ τίσιν εἰώθασιν ὀργίζεσθαι, καὶ ἐπὶ ποίοις· εἰ γὰρ τὸ μὲν ἓν ἢ τὰ δύο ἔχοιμεν τούτων, ἅπαντα δὲ μή, ἀδύνατον ἂν εἴη τὴν ὀργὴν ἐμποιεῖν· ὁμοίως δὲ καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων.

[88] Ἔστω δὴ ὀργὴ ὄρεξις μετὰ λύπης τιμωρίας [φαινομένης] διὰ φαινομένην ὀλιγωρίαν εἰς αὐτὸν ἤ <τι> τῶν αὐτοῦ, τοῦ ὀλιγωρεῖν μὴ προσήκοντος. εἰ δὴ τοῦτ' ἐστὶν ἡ ὀργή, ἀνάγκη τὸν ὀργιζόμενον ὀργίζεσθαι ἀεὶ τῶν καθ' ἕκαστόν τινι, οἷον Κλέωνι ἀλλ' οὐκ ἀνθρώπῳ, καὶ ὅτι αὐτὸν ἢ τῶν αὐτοῦ τί πεποίηκεν ἢ ἤμελλεν, καὶ πάσῃ ὀργῇ ἕπεσθαί τινα ἡδονήν, τὴν ἀπὸ τῆς ἐλπίδος τοῦ τιμωρήσασθαι [...].

[89] Por mais que o livro II, especificamente, trate do caráter (ἦθος) do ouvinte, não se pode negar que a credibilidade do rétor também é de uma importância decisiva num discurso persuasivo.

discurso racional é necessário para que o argumento se sustente – isto se concretiza na validade lógica do entimema ou do exemplo.

No contexto das três vias de persuasão, as emoções não atuam isoladamente, mas em conjunto com o caráter moral e com o discurso – mesmo que uma possa pesar mais que outra, a depender do público ouvinte e do contexto. Por exemplo, quando se é capaz de apresentar um caráter digno de confiança e utilizar argumentos lógicos enquanto simultaneamente desperta sentimentos como ira (ὀργή), medo (φόβος) ou graça (χάρις), o rétor maximiza sua eficácia persuasiva. Aristóteles reconhece que o público emocionalmente afetado tende a julgar de forma diferente, o que pode ser uma vantagem decisiva no contexto de discursos políticos ou judiciais. Ademais, ele ainda classifica as emoções de acordo com suas causas e objetos, o que permite direcionar suas estratégias de forma mais precisa. Como exposto no exemplo da ira, cada emoção é gerada a partir de razões específicas, e, ao identificar essas variáveis, pode evocar reações particulares para alinhar o público com seu propósito argumentativo.

Porém, é possível notar ao longo do livro II que o próprio Aristóteles não consegue ser totalmente exaustivo com esta linha de raciocínio. Fortenbaugh (2010, p. 117-118) procura seguir a proposta do Estagirita de que as emoções devem ser analisadas de três modos, a saber, as condições das pessoas propensas às emoções, o seu respectivo objeto e as condições que servem de base para elas. Mas se Aristóteles as considera com tanto cuidado, por que a crítica ao apelo emocional nos tratados de retórica? Para isso há três respostas possíveis: a) o primeiro capítulo do livro I da obra introduz uma retórica ideal, e, depois, logo no capítulo seguinte, essa retórica ideal é colocada de lado e Aristóteles se vira para um discurso praticado no contexto político; b) a crítica aos manuais no livro I está estreitamente ligada aos seus contemporâneos, que ensinavam apenas a provocar emoções em seus ouvintes; c) essa diferença reflete o desenvolvimento do pensamento de Aristóteles, no sentido de um amadurecimento. Esta última é a posição à qual o autor se filia.

De fato, este posicionamento de Fortenbaugh explica, mesmo que parcialmente, essa inconsistência verificada do livro I para o II. Isso porque, como apontado no início deste capítulo, Aristóteles não abandona completamente o elemento demonstrativo como o mais importante para a persuasão, mas o problema das emoções no discurso e sua respectiva influência na persuasão não pode ser ignorado. Ademais, esta posição falha em explicar como o próprio Estagirita trata as emoções como uma resposta racional a um estímulo externo – isso leva a sustentar a tese de que o elemento racional do discurso está presente até mesmo dentro as πάθη, logo, o livro II, mais do que um mero amadurecimento das posições de Aristóteles sobre a arte da retórica, também se configura como uma análise mais detalhada da via de persuasão da emoção.

A referida proposição de que Aristóteles aborda as emoções enquanto uma resposta racional parece ser sustentada por Rapp (s.d., p. 11-12), argumentando que a técnica de manipulação emocional do Estagirita se baseia na premissa de que, para influenciar o que o público pensa sobre certos fatos, deve-se despertar emoções específicas. A título de exemplo, para incitar raiva, deve-se convencer a audiência de que ela foi injustamente insultada por alguém que não tem autoridade para fazê-lo. Essa manipulação das emoções depende, portanto, da capacidade de mudar o que as pessoas acreditam ser verdade sobre uma situação. Aristóteles, dessa forma, propõe que, se aquele que profere o discurso puder convencer o público de que os objetos típicos de uma emoção estão presentes (por exemplo, que um insulto ocorreu), a emoção correspondente será despertada. Esse método sugere uma inter-relação entre cognição e emoção: o que as pessoas pensam influencia o que elas sentem.

Isto pode ser verificado já na primeira emoção analisada por Aristóteles (a ira), quando ele próprio descreve as causas pelas quais ela emerge. Note-se que primeiro há a ocorrência de um ato, pelo qual um determinado indivíduo é afetado; em seguida será elaborada uma opinião que se acredita ser verdadeira sobre esta situação; então daí emerge uma determinada emoção.[90] Assim é descrito este caminho no contexto da ira:

> Assim se sentem propensos à ira, e iram-se contra aqueles que os ridicularizam, humilham ou insultam (pois são desmedidos), e também contra aqueles que os ferem ou parecem agir com desmedida; mas é necessário que esses atos não sejam respostas a uma ofensa nem tragam vantagem a quem os comete, pois aí parecerão ter na desmedida a sua razão de ser (*Rhet*. 1379a 30-34).[91]

Seguindo esta linha de raciocínio, Konstan (2010, p. 416) procura sustentar a tese de que se a concepção de Aristóteles sobre as emoções é cognitiva e avaliativa por natureza; isso se deve em grande parte ao fato de ele entender as emoções fundamentalmente como produtos de trocas sociais, em que o estímulo assume a forma de um ato intencional, e a resposta, por sua vez, é uma avaliação desse ato juntamente com uma ação ou disposição correspondente. Em outras palavras, as emoções são, para Aristóteles – e para os gregos de sua época em geral – os tipos de coisas que podem ser despertadas ou acalmadas por argumentos ou por apelos ao intelecto.

---

[90] Gross e Dascal (2001, p. 281) também sustentam essa interpretação de que há um processo de inferência nas emoções, principalmente com a ira.

[91] αὐτοὶ μὲν οὖν οὕτως ἔχοντες εὐκίνητοι πρὸς ὀργήν, ὀργίζονται δὲ τοῖς τε καταγελῶσι καὶ χλευάζουσιν καὶ σκώπτουσιν (ὑβρίζουσι γάρ), καὶ τοῖς τὰ τοιαῦτα βλάπτουσιν ὅσα ὕβρεως σημεῖα· ἀνάγκη δὲ τοιαῦτα εἶναι ἃ μήτε ἀντί τινος μήτ' ὠφέλιμα τοῖς ποιοῦσιν· ἤδη γὰρ δοκεῖ δι' ὕβριν.

Outra emoção analisada por Aristóteles que segue esta mesma linha de raciocínio é o medo (1382a 20-27), que é definido como uma dor ou um distúrbio oriundo da fantasia (φανερόν = visível, manifesto), e que deve ser iminente, destrutivo e doloroso – já que nem todos os males são temidos, como o envelhecimento, assim como nem todos são iminentes.[92] Seguindo esta definição, pode-se extrair do texto que o medo ocorre devido a uma leitura racional de determinada situação iminentemente destrutiva ou dolorosa, e, com base nessa expectativa, emerge o medo em um determinado indivíduo, mas isso não é tudo o que Aristóteles nota a respeito do medo: ele sugere que faça a sua plateia crer que há um risco de sofrimento ou forte prejuízo iminente, e emergirá o medo como uma resposta racional a esta situação, isto é, ele irá deliberar evitando o perigo. A descrição do texto de Aristóteles é clara a este respeito:

> O medo faz as pessoas deliberarem, e não se delibera acerca daquilo de que não se há esperança. É necessário, portanto, quando é melhor causar temor na audiência, prepará-la para que pense estar para sofrer algo, pois também sofreram os seus superiores; e demonstrar que seus semelhos já sofreram ou sofrem por causa de pessoas ou em circunstâncias inesperadas (*Rhet*. 1383a 6-12).[93]

Note-se que esta mesma linha de raciocínio também se aplica à emoção da amizade[94] (ἡ φιλία καὶ τὸ φιλεῖν), que também está suscetível a ser racionalmente reconhecida pelo discurso, logo, uma vez que o auditório reconhece essas circunstâncias, tal emoção será evocada no público ouvinte. Isso pode ser verificado na descrição de Aristóteles sobre isto:

> Amar é desejar a alguém aquilo que se crê ser bom, não em proveito próprio, mas do outro, e esforçar-se por tal pessoa dentro do possível. O amigo é aquele que ama e é amado; pessoas acreditam serem amigas umas das outras quando creem ser recíproca sua relação. Sendo assim, é necessário que o amigo seja a pessoa que se regozije na bonança alheia e se condoa na miséria, jamais em proveito próprio, mas do outro; todos se alegram quando ocorrem as coisas que desejavam e sofrem quando ocorrem o contrário, de modo que a vontade é um sinal da dor e do prazer (*Rhet*. 1381a 1-7).[95]

---

[92] Ποῖα δὲ φοβοῦνται καὶ τίνας καὶ πῶς ἔχοντες, ᾧδ' ἔσται φανερόν. ἔστω δὴ ὁ φόβος λύπη τις ἢ ταραχὴ ἐκ φαντασίας μέλλοντος κακοῦ φθαρτικοῦ ἢ λυπηροῦ· οὐ γὰρ πάντα τὰ κακὰ φοβοῦνται, οἷον εἰ ἔσται ἄδικος ἢ βραδύς, ἀλλ' ὅσα λύπας μεγάλας ἢ φθορὰς δύναται, καὶ ταῦτα ἐὰν μὴ πόρρω ἀλλὰ σύνεγγυς φαίνηται ὥστε μέλλειν. τὰ γὰρ πόρρω σφόδρα οὐ φοβοῦνται· ἴσασι γὰρ πάντες ὅτι ἀποθανοῦνται, ἀλλ' ὅτι οὐκ ἐγγύς, οὐδὲν φροντίζουσιν.

[93] ὁ γὰρ φόβος βουλευτικοὺς ποιεῖ, καίτοι οὐδεὶς βουλεύεται περὶ τῶν ἀνελπίστων· ὥστε δεῖ τοιούτους παρασκευάζειν, ὅταν ᾖ βέλτιον τὸ φοβεῖσθαι αὐτούς, ὅτι τοιοῦτοί εἰσιν οἷον παθεῖν (καὶ γὰρ ἄλλοι μείζους ἔπαθον), καὶ τοὺς τοιούτους δεικνύναι πάσχοντας ἢ πεπονθότας, καὶ ὑπὸ τοιούτων ὑφ' ὧν οὐκ ᾤοντο, καὶ ταῦτα <ἃ> καὶ τότε ὅτε οὐκ ᾤοντο.

[94] Vale apontar como a expressão usada por Aristóteles pode ser traduzida de modos diferentes: φιλία pode ser entendida como amizade, ou o sentimento de amor entre amigos. Nesse caso, entendo que a escolha de tradução de Alexandre Júnior (2018) pela palavra "amizade" é mais precisa.

[95] φίλος δέ ἐστιν ὁ φιλῶν καὶ ἀντιφιλούμενος· οἴονται δὲ φίλοι εἶναι οἱ οὕτως ἔχειν οἰόμενοι πρὸς ἀλλήλους. τούτων δὲ ὑποκειμένων ἀνάγκη φίλον εἶναι τὸν συνηδόμενον τοῖς ἀγαθοῖς καὶ συναλγοῦντα τοῖς λυπηροῖς μὴ

Nesse sentido, Aristóteles entende as emoções como resultado de avaliações racionais das situações, e isso pode ser apontado por meio do discurso, o que corrobora a posição adotada por Konstan (2010, p. 419). Desse modo, as emoções condicionam os tipos de julgamentos que formamos, como o filósofo deixa claro na breve definição de emoção que oferece no parágrafo inicial do livro II da *Retórica*. Embora seja indiscutivelmente verdade que, ao racionalizar as emoções, Aristóteles buscou fornecer um lugar justificável para elas na retórica, resgatando-as do que considerava ser uma abordagem unilateral de seus predecessores nessa área, ele também estava oferecendo uma explicação que correspondia muito melhor à maneira real como os apelos à emoção funcionavam no discurso do que os outros tratados haviam feito.

A respeito da abordagem unilateral de seus predecessores, vale destacar um pequeno trecho do discurso *Contra a Madrasta*, que, como observa a tradutora do texto (2013, p. 10), é inteiramente construído com base no apelo emocional, buscando influenciar os jurados a tomarem uma decisão favorável. Segue, a título de exemplo, o texto:

> Eu estou surpreso tanto com o meu irmão, por ele ter tido, em algum momento, uma certa opinião, com a qual se colocou como adversário contra mim, quanto com o fato de ele considerar que isso é piedade – não entregar a mãe. E eu penso ser muito mais profano abandonar o resgate da honra daquele que morreu, ou melhor, daquele que morreu involuntariamente de premeditação, do que daquela que matou voluntariamente com intenção. (5)[96]

Neste ponto, antes de elaborar a conclusão desta seção, faz-se necessária uma síntese dos argumentos apresentados ao longo deste capítulo. Verificou-se que Aristóteles, no livro II da *Retórica*, explora o papel das emoções como elementos inegavelmente presentes na persuasão, especialmente ao reconhecer que o simples uso da lógica, por meio do entimema ou do exemplo, não seria suficiente para garantir a confiança e a aceitação do público ouvinte. Ao contrário de um simples apelo às emoções – tal como os manuais de retórica anteriores abordavam este problema –, ele sugere que elas são respostas a julgamentos racionais sobre circunstâncias específicas: esse ponto parece ser o plano de fundo para compreender a função das emoções no discurso, no qual os indivíduos afetados pelas πάθη se encontram em uma posição que possui um certo caráter passivo, mas as suas reações podem ser desencadeadas e manipuladas por meio do raciocínio.

διά τι ἕτερον ἀλλὰ δι' ἐκεῖνον· γιγνομένων γὰρ ὧν βούλονται χαίρουσιν πάντες, τῶν ἐναντίων δὲ λυποῦνται, ὥστε τῆς βουλήσεως σημεῖον αἱ λῦπαι καὶ αἱ ἡδοναί.

[96] Θαυμάζω δ' ἔγωγε καὶ τοῦ ἀδελφοῦ, ἥντινά ποτε γνώμην ἔχων ἀντίδικος καθέστηκε πρὸς ἐμέ, καὶ εἰ νομίζει τοῦτο εὐσέβειαν εἶναι, τὸ τὴν μητέρα μὴ προδοῦναι. Ἐγὼ δ' ἡγοῦμαι πολὺ ἀνοσιώτερον εἶναι ἀφεῖναι τοῦ τεθνεῶτος τὴν τιμωρίαν, ἄλλως τε καὶ τοῦ μὲν ἐκ προβουλῆς ἀκουσίως ἀποθανόντος, τῆς δὲ ἑκουσίως ἐκ προνοίας ἀποκτεινάσης.

Aristóteles procura sustentar igualmente que emoções como a ira, o medo e a amizade (ou o amor como foi traduzido na citação) surgem de avaliações cognitivas que os indivíduos fazem das situações em que se encontram. Por exemplo, a ira é resultado de uma percepção de injustiça ou insulto. Para Aristóteles, as emoções não são automáticas ou aleatórias, mas estão ligadas ao julgamento do rétor e à situação em que o público se encontra.[97] Esse aspecto cognitivo das emoções é enfatizado quando o Estagirita analisa a ira como uma resposta a uma ofensa percebida, que ocorre apenas quando o sujeito julga que foi tratado injustamente por alguém que não tinha o direito de fazê-lo.

Dessa maneira, seguindo essa linha de pensamento, Aristóteles propõe que a persuasão depende de como o público percebe e julga os eventos apresentados pelo orador. As emoções são, portanto, influenciadas pela forma como o discurso molda essas percepções. Quando o público é levado a acreditar que está sob ameaça, o medo surge como uma resposta racional a essa percepção. Da mesma forma, quando o orador evoca imagens de benefício mútuo, pode incitar a amizade ou a compaixão.

O aspecto central dessa abordagem é que, para Aristóteles, o rétor não cria as emoções a partir do nada, mas guia o público a perceber os eventos de forma específica, provocando a emoção correspondente. No caso do medo,[98] deve-se convencer seu público de que há um perigo real e iminente, uma ameaça que pode causar dano ou sofrimento, levando o público a reagir com medo. Aristóteles observa que o medo é uma dor ou distúrbio causado pela expectativa de um mal iminente. Isso ressalta a inter-relação entre cognição e emoção: o que as pessoas pensam sobre uma situação influencia diretamente o que sentem. Essa perspectiva revela uma justificativa racional na abordagem aristotélica das emoções, sem, no entanto, que Aristóteles abandone completamente a abordagem da arte da retórica apresentada ao longo do livro I – procedendo a uma análise mais detalhada do meio de persuasão pela emoção.

Apesar de sua análise detalhada das emoções, Aristóteles não abandona a primazia do discurso (λόγος) como a via mais importante de persuasão. Ele reconhece, no entanto, que a lógica sozinha não é suficiente para mover o público. Aqui surge uma tensão central em sua obra: como equilibrar o uso das emoções com o raciocínio lógico?[99] Essa questão permanece sendo uma das maiores dificuldades na interpretação do livro II da *Retórica* de Aristóteles, já

---

[97] Nesse ponto, Meyer (2000, p. XLI) chama acertadamente esse processo de dialética passional.

[98] De acordo com Konstan (2010), esta emoção é a menos suscetível de uma certa alteração ou manipulação por meio do discurso. Porém, mesmo com uma menor margem, é possível inferir do texto que se trata de uma emoção que emerge a partir do entendimento racional de uma situação com o risco iminente de um grave prejuízo, portanto, o plano de fundo da proposta aristotélica de analisar as emoções enquanto uma reação racional a uma determinada situação continua presente aqui.

[99] Em alguma medida, este problema também retornará no livro III ao tratar da elocução (λέξις).

que, por um lado, ele valoriza a lógica, mas, por outro, admite a importância das emoções na persuasão.

Essa tensão é explorada por estudiosos como Fortenbaugh, que argumenta que Aristóteles nunca resolve completamente essa contradição. Para ele, o uso das emoções no livro II da *Retórica* representa uma admissão de que o discurso racional argumentativo por si só não pode alcançar a persuasão eficaz. No entanto, a análise detalhada das emoções no livro II sugere que Aristóteles via as emoções como algo que poderia ser racionalizado e utilizado como uma extensão do raciocínio lógico, em vez de serem vistas como um elemento irracional e incontrolável do discurso.[100]

De modo semelhante, a posição apresentada por Meyer no ensaio introdutório da sua tradução do livro II da *Retórica* oferece uma explicação parcial sobre a complexidade do problema das emoções na abordagem de Aristóteles. De acordo com Meyer (2000, p. XXXII-XXXIII), o πάθος é descrito como a "voz da contingência", ou seja, uma qualidade que é atribuída ao sujeito, mas que ele não possui por natureza ou essência. Essa condição torna o πάθος mais do que contingente: ele também é problemático, pois representa uma busca pela natureza das coisas e por sua finalidade essencial. Em sua análise, Meyer sugere que o πάθος ocupa um lugar de diferença na ordem proposicional, sendo simultaneamente aquilo que não é o sujeito e o que o constitui. Essa ambiguidade reflete o fato de que não há sujeito sem ser afetado por essa contingência, mas, ao mesmo tempo, o sujeito não pode ser reduzido apenas a seus atributos contingentes. Contudo, como indicado nos trechos da *Retórica* supracitados, há poucos indícios ao longo do livro II que sustentem plenamente essa posição, sugerindo que a interpretação de Meyer, embora interessante e brilhantemente escrita, extrapola, ao que parece, os limites do texto aristotélico.

O que emerge da leitura do texto de Aristóteles é a interpretação sustentada por Konstan de que Aristóteles tratava as emoções como respostas racionais a estímulos externos. Para ele, o sucesso de um discurso depende da capacidade de moldar as percepções do público, levando-o a reagir emocionalmente de maneiras previsíveis. Isso não significa que as emoções sejam irracionais ou descontroladas, mas sim que elas podem ser compreendidas e manipuladas com base na percepção do rétor em relação ao público e à situação em que se encontram.

É importante destacar, ainda que a abordagem inovadora das emoções apresentada no livro II da *Retórica* representa uma ruptura significativa em relação aos predecessores de Aristóteles, que tratavam as emoções de maneira superficial ou as utilizavam de forma

[100] Tal como apontado por De Romilly (1973), isso também está presente em *Górgias*.

desordenada e empírica, ou até mesmo reduzindo o discurso a apenas esse aspecto. Ele não apenas reconhece o papel central da emoção no discurso persuasivo, mas também o eleva ao patamar de um elemento sistematicamente analisado e integrado à retórica como uma arte. Essa abordagem reflete o contexto político e social da Grécia Antiga, onde o discurso desempenhava um papel fundamental nas assembleias e nos tribunais, e o controle das emoções do público era uma habilidade indispensável para persuasão.

Ao longo dos onze primeiros capítulos do livro II, Aristóteles oferece uma análise detalhada das emoções, mostrando que elas não são meras forças irracionais, mas reações cognitivas a eventos específicos que podem ser direcionadas de maneira estratégica. Essa sistematização das emoções revela sua importância como uma das principais vias de persuasão, ao lado do discurso e do caráter moral (tanto do rétor quanto do público ouvinte). Com isso, o filósofo supera a visão limitada de seus predecessores, ao demonstrar que as emoções não apenas complementam a lógica, mas são parte integrante de um discurso persuasivo eficaz. Ele apresenta, assim, uma visão inovadora da retórica, em que o controle e o uso racional das emoções são essenciais para a eficácia dos argumentos.

Conclui-se, assim, que o livro II da *Retórica* representa a primeira análise sistemática e filosófica das emoções no contexto do discurso persuasivo. Ao contrário de seus predecessores, que as reduziam a um recurso explorado de forma empírica e superficial, Aristóteles coloca as πάθη como mais um elemento central, divergindo até mesmo de Platão. Ele demonstra que as emoções não são forças irracionais ou desordenadas, mas respostas cognitivas a estímulos específicos, que podem ser compreendidas e estrategicamente direcionadas pelo rétor. Com isso, o filósofo supera as limitações das abordagens anteriores e eleva as emoções à posição de componentes essenciais da persuasão, alinhando-as ao discurso e ao caráter moral, e reforçando a retórica como uma verdadeira arte profundamente conectada à dialética.

3.3 A volta dos aspectos lógicos do discurso

No livro II da *Retórica*, Aristóteles revisita os elementos lógicos do discurso, aparentemente sintetizando os meios de persuasão lógicos discutidos no livro I. Nesse contexto, ele enfatiza a relevância do entimema e do exemplo, destacando sua relação com a dialética.

Tal como já apresentado no segundo capítulo da presente dissertação, o entimema é definido por Aristóteles como o principal instrumento para se produzir a persuasão, sendo uma versão reduzida e adaptada do silogismo. Enquanto na dialética o silogismo formal exige a apresentação completa de premissas, o entimema omite aquelas que são de conhecimento

comum, tornando o argumento mais acessível e persuasivo. Essa omissão, no entanto, não compromete a validade do argumento; ao contrário, torna-o mais eficaz, pois conecta diretamente o público ao raciocínio do rétor. O Estagirita (*Rhet*. 1393a 23-26) retoma essa abordagem do discurso partindo do exemplo, afirmando que ele é uma parte do entimema, bem como é um meio de prova comum a todos os discursos.[101]

Aristóteles argumenta que a lógica contida no discurso é também uma via de persuasão, e nela é possível utilizar os entimemas. Ele ressalta que, em contextos públicos como tribunais, assembleias e outros eventos públicos, o discurso precisa ser adaptado para evitar tecnicismos excessivos, que poderiam comprometer a atenção da audiência. Essa adaptação conecta a arte da retórica à dialética, já que ambas compartilham a preocupação com o raciocínio lógico, diferindo apenas na forma prática com que se aplicam. Nesse sentido, o entimema, mesmo simplificado em relação ao silogismo formal, mantém uma base lógica sólida, enquanto o exemplo, como forma de indução, deve ser sustentado por casos verossímeis e generalizáveis. Sem essa aproximação lógica, a retórica se reduziria a apelos emocionais ou manipuladores.

Como já mencionado acima, o Estagirita retoma os aspectos lógicos da arte da retórica com o exemplo, estabelecendo que ele se dá de duas formas: na primeira se extrai o exemplo partindo dos próprios exemplos anteriores; na segunda ele é criado a partir de si mesmo, tal como nas fábulas (παραβολὴ), como as de Esopo e as *Fábulas Líbias*, e as comparações (*Rhet*. 1393a 28-31).[102]

Outro ponto, talvez o mais importante que Aristóteles explora, é o uso do exemplo como uma forma de indução. Assim como o entimema está para o silogismo, o exemplo está para a indução, sendo uma versão mais simples e adaptada para o uso em discursos. O exemplo, tal como abordado por ele, serve para ilustrar pontos específicos de maneira que o público possa facilmente compreender e relacionar o argumento a experiências concretas, logo, o uso de exemplos se mostra essencial em discursos que visam persuadir não por meio de demonstrações abstratas, mas por meio da identificação com casos particulares que podem ser generalizados. Isso é o que se pode inferir das próprias palavras escritas do texto no trecho a seguir, que, apesar de longo, vale reproduzir aqui dada a sua importância:

> Na falta de entimemas, é preciso empregar os exemplos como meio de demonstração (é por meio destes, nesse caso, que se obtém a persuasão); havendo-os, porém, deve-se empregar os exemplos como evidência e epílogo aos entimemas. Dispostos antes dos

[101] Λοιπὸν δὲ περὶ τῶν κοινῶν πίστεων ἅπασιν εἰπεῖν, ἐπείπερ εἴρηται περὶ τῶν ἰδίων. εἰσὶ δ' αἱ κοιναὶ πίστεις δύο τῷ γένει, παράδειγμα καὶ ἐνθύμημα· ἡ γὰρ γνώμη μέρος ἐνθυμήματός ἐστιν.

[102] παραδειγμάτων δὲ εἴδη δύο· ἓν μὲν γάρ ἐστιν παραδείγματος εἶδος τὸ λέγειν πράγματα προγενομένα, ἓν δὲ τὸ αὐτὸν ποιεῖν. τούτου δὲ ἓν μὲν παραβολὴ ἓν δὲ λόγοι, οἷον οἱ Αἰσώπειοι καὶ Λιβυκοί.

> entimemas, os exemplos parecerão induções, as quais raramente são apropriadas aos discursos retóricos; apresentados por último, inversamente, parecerão corroborá-los, pois a evidência, em todos os casos, desencadeia a confiança. Por isso é necessário dar exemplos em abundância se estes antecederem o argumento, mas apenas um bastará se lhe servir de epílogo: uma única evidência já é útil e vantajosa por si mesma (*Rhet*. 1394a 9-16).[103]

Nesse sentido, Kennedy (1994, p. 164), ao analisar o exemplo nessa parte final do livro II, observa que a indução presente no exemplo é útil no gênero deliberativo, em que o futuro deve ser projetado com base em experiências passadas. Mas também, continua ele, pode ser – e muitas vezes o é – usada para criar uma imagem do caráter de um litigante no tribunal, desenhando um retrato de suas virtudes ou vícios a partir de seu comportamento passado. Tal indução contida no exemplo, segundo o texto de Aristóteles, só teria sentido na arte dos discursos devido à sua afinidade com a dialética – do contrário, não precisaria de tal instrumento para convencer o seu auditório.

Os capítulos seguintes da *Retórica* retomam o entimema, e Aristóteles reitera a afinidade da arte dos discursos com a dialética. Embora a retórica seja, em muitos aspectos, mais flexível e adaptável do que a dialética, ela ainda depende de uma estrutura lógica interna que é indispensável para a eficácia do discurso. O entimema e o exemplo são as ferramentas que o rétor utiliza para criar essa estrutura, e o sucesso do discurso depende da sua capacidade de adaptar essas ferramentas ao seu público ouvinte, bem como ter o domínio da produção dos entimemas para convencer seu público da veracidade de seu discurso. Sob este prisma, pode-se inferir que o Estagirita concebe a arte dos discursos como um ramo da dialética, e o fato de considerar a estrutura argumentativa o meio de persuasão mais importante é um forte indício de que tal afinidade entre os dois campos é fundamental para a compreensão da noção aristotélica de retórica. O trecho a seguir, que expressa as duas formas de entimema, ilustra essa linha de raciocínio:

> Há duas formas de entimema: os demonstrativos, que determinam o que algo é ou não é, e os refutativos, ambos diferindo entre si do mesmo modo que diferem a refutação e o silogismo na *Dialética*. O entimema demonstrativo é o que se concatena a partir de premissas concordantes; e refutativo, inversamente, de premissas discordantes (*Rhet*. 1396b 22-27) (grifos do tradutor).[104]

---

[103] δεῖ δὲ χρῆσθαι τοῖς παραδείγμασι οὐκ ἔχοντα μὲν ἐνθυμήματα ὡς ἀποδείξεσιν (ἡ γὰρ πίστις διὰ τούτων), ἔχοντα δὲ ὡς μαρτυρίοις, ἐπιλόγῳ χρώμενον τοῖς ἐνθυμήμασιν· προτιθέμενα μὲν γὰρ ἔοικεν ἐπαγωγῇ, τοῖς δὲ ῥητορικοῖς οὐκ οἰκεῖον ἐπαγωγὴ πλὴν ἐν ὀλίγοις, ἐπιλεγόμενα δὲ μαρτυρίοις, ὁ δὲ μάρτυς πανταχοῦ πιθανός· διὸ καὶ προτιθέντι μὲν ἀνάγκη πολλὰ λέγειν, ἐπιλέγοντι δὲ καὶ ἓν ἱκανόν· μάρτυς γὰρ χρηστὸς καὶ εἷς χρήσιμος.

[104] ἔστιν γὰρ τῶν ἐνθυμημάτων εἴδη δύο· τὰ μὲν γὰρ δεικτικά ἐστιν ὅτι ἔστιν ἢ οὐκ ἔστιν, τὰ δ'ἐλεγκτικά, καὶ διαφέρει ὥσπερ ἐν τοῖς διαλεκτικοῖς ἔλεγχος καὶ συλλογισμός. ἔστι δὲ τὸ μὲν δεικτικὸν ἐνθύμημα τὸ ἐξ ὁμολογουμένων συνάγειν, τὸ δὲ ἐλεγκτικὸν τὸ τὰ ἀνομολογούμενα συνάγειν.

Isso leva Aristóteles a abordar os usos dos entimemas, isto é, seus tópicos (τόπος) ou lugares. Neste ponto, McBurney (1936, p. 60) observa que Aristóteles destaca que os tópicos especiais podem ser considerados como elementos substanciais ou proposições próprias da disciplina específica à qual pertencem; já os tópicos gerais, por outro lado, consistem em princípios gerais de probabilidade, compreendidos de forma proposicional, com aplicação em todos os campos do conhecimento. Embora ele, continua a observação, afirme que os argumentos derivados dos tópicos gerais são frequentemente retóricos (ou dialéticos, dependendo do caso) devido à sua aplicação universal, Aristóteles também ressalta que os entimemas são em sua maioria formados a partir desses tópicos gerais.[105]

Os tópicos apresentados por Aristóteles são divididos entre 28 linhas de argumento válidas, que seguem corretamente as regras da lógica, conforme descrito no livro II, 23, e oito linhas de argumento falaciosas, que são raciocínios enganosos ou incorretos, discutidos ao longo do capítulo 24. Aristóteles, portanto, estabelece essa divisão para mostrar como diferentes tipos de tópicos podem ser utilizados tanto para construir argumentos sólidos quanto para detectar falácias em discussões.

Em se tratando do uso dos entimemas, talvez o mais próximo da dialética seja logo o primeiro listado pelo Estagirita, no qual fica estabelecido que um dos tópicos dos entimemas demonstrativos se origina a partir de contrários:

> Um dos tópicos dos entimemas demonstrativos é oriundo dos contrários; é necessário observar se um argumento contrário está essencialmente relacionado a outro, destruindo-o, se não estiver, e construindo-o, se estiver: se a prudência é boa, por exemplo, a incontinência é danosa (*Rhet*. 1397a 7-10).[106]

No entanto, uma observação sobre o uso dos entimemas ainda dever ser feita: Rapp (2003, p. 78) aponta acertadamente que algumas partes ao longo dos capítulos 23 e 24 do livro II da *Retórica* de Aristóteles se baseiam na silogística, enquanto outras não. Nos trechos em que o entimema é construído como um silogismo, são necessárias apenas premissas para sua formação, as quais encontramos listadas sob o título de "tópicos específicos" no primeiro livro da *Retórica*. Em contraste, os tópicos gerais pertencem a uma etapa pré-silogística do entimema. Disso resultaria que os tópicos listados pelo Estagirita não se encaixariam completamente na lógica expressa na obra *Tópicos*, porém isso não retira da arte da retórica seu elemento lógico,

---

[105] *Vide* 1358a 2-35.

[106] Ἔστι δὲ εἷς μὲν τόπος τῶν δεικτικῶν ἐκ τῶν ἐναντίων· δεῖ γὰρ σκοπεῖν εἰ τῷ ἐναντίῳ τὸ ἐναντίον ὑπάρχει, ἀναιροῦντα μὲν εἰ μὴ ὑπάρχει, κατασκευάζοντα δὲ εἰ ὑπάρχει, οἷον ὅτι τὸ σωφρονεῖν ἀγαθόν· τὸ γὰρ ἀκολασταίνειν βλαβερόν.

mas que Aristóteles abdica dessa coerência nos capítulos 23 e 24 para oferecer aos leitores da sua obra uma aplicação mais prática dos entimemas no discurso.

Assim, a volta dos aspectos lógicos do discurso em Aristóteles revela uma compreensão profunda de que a retórica não é meramente uma arte de manipulação – ao contrário dos manuais precedentes, que consideravam exclusivamente esse recurso –, mas uma arte de raciocínio que, quando bem empregada, aproxima-se da dialética em sua busca por argumentos fundamentados em premissas comumente aceitas pelo público ao qual profere seu discurso. Pode-se argumentar, então, que a principal diferença reside na natureza das premissas utilizadas: enquanto a dialética busca premissas universais e necessárias, a retórica trabalha com premissas verossímeis e adaptadas ao contexto prático, isto é, aos discursos proferidos no contexto institucional e público dos tribunais e das assembleias. Contudo, ambas as artes compartilham o objetivo de construir argumentos que sejam coerentes e que conduzam a conclusões válidas,[107] mesmo que essas conclusões sejam alcançadas por caminhos diferentes.

Seguindo uma linha interpretativa semelhante, Allen (2010 p, 350) sugere que a linha que conecta a arte da retórica e a lógica – aqui, pela aproximação com a dialética – é uma preocupação comum com o λόγος, e, consequentemente, o enorme arco de significados que este termo abraça: palavra, proposição, definição, discurso – também no sentido de oração –, argumento ou faculdade da razão. Estes eram vistos como uma unidade, porque o discurso e o pensamento podiam ser e eram considerados como dois aspectos do λόγος[108] – de tal modo que o primeiro poderia ser pensado como externo, e o segundo, interno. Isso leva o mesmo autor (2010, p. 355), posteriormente a concluir que a preocupação com a dialética explicaria uma outra característica da noção aristotélica de retórica: apesar de colocar a retórica como a contraparte da dialética, ela não é completamente autônoma, mas esta arte depende da dialética para uma compreensão dos argumentos, por isso aquele que é mais hábil em formular entimemas terá maior sucesso como rétor – por isso Aristóteles caracteriza a retórica como contraparte e como um ramo da dialética.

Mais um indício desta concepção de retórica expressa pelo filósofo em sua obra verifica-se no último parágrafo do capítulo 23, em que é ressaltada uma característica presente no entimema que é fundamental para a prática da dialética, a saber, o argumento conduzido a partir de contrários. Assim segue o texto da *Retórica*:

---

[107] Vale realçar aqui que são válidas em contextos específicos, visto que muitas das conclusões delineadas em um determinado discurso podem chegar a uma inadmissível em contextos dialéticos.

[108] Tal preocupação com o λόγος também está presente em *Górgias*, especialmente na *Apologia de Palamedes* e no *Elogio de Helena*.

> Entimemas refutativos prevalecem sobre os demonstrativos por serem, em resumo, um argumento conduzido a partir dos contrários: ao serem paralelizadas, as coisas parecem mais evidentes à audiência. De todos os entimemas, todavia, sejam refutativos ou demonstrativos, mais causam comoção estes cuja conclusão é prevista logo ao serem iniciados – não por serem superficiais, pois os ouvintes se regozijam de poder prevê-lo – e estes que podem ser acompanhados de perto e compreendidos enquanto são proferidos (*Rhet*. 1400b 26-33).[109]

Desse modo, a noção de retórica aristotélica reafirma constantemente a necessidade de uma aproximação com a dialética, pois é por meio dessa aproximação que o discurso pode alcançar seu objetivo de forma eficaz, isto é, a persuasão. A diferença entre as duas artes reside, em última instância, no público e no contexto em que são aplicadas – isso, inclusive, é o que determina os três gêneros do discurso –, mas ambas compartilham o uso de uma estrutura lógica sólida como meio de convencimento. Ao tratar o entimema e o exemplo como ferramentas essenciais da retórica, Aristóteles nos mostra que a persuasão, longe de ser uma simples arte de manipulação, é uma arte fundamentada na lógica e no raciocínio.

De modo ainda mais radical, Grimaldi (1972, p. 16) sugere que, por ser parte integrante e fundamental da estrutura do discurso, o entimema permite compreender a *Retórica* como um todo unificado. Nesse sentido, o entimema não deve ser visto apenas como um instrumento da razão ou uma prova exclusivamente racional. Essa interpretação corrige a visão de autores que frequentemente tratam o entimema de forma isolada, separando-o rigidamente das provas baseadas no caráter e na emoção, ignorando a integração entre esses elementos na teoria aristotélica da persuasão.

A posição de Grimaldi a respeito do entimema parece proceder apenas parcialmente, já que embora por um lado seja possível concordar com seus argumentos a respeito da centralidade do entimema, por outro, sua posição não parece proceder a partir da leitura do texto como o entimema em sua unidade seria capaz de conferir uma unidade teórica à toda a obra: somente o fato de ter sido escrito em momentos diferentes da vida de Aristóteles, sem que ele mesmo tenha feito uma revisão dos três livros, coloca em xeque esta posição.[110] Portanto, pode-se concordar com a centralidade do entimema e com o reconhecimento de que ele influencia toda a obra, porém não a ponto de conferir uma unidade.

---

[109] εὐδοκιμεῖ δὲ μᾶλλον τῶν ἐνθυμημάτων τὰ ἐλεγκτικὰ τῶν ἀποδεικτικῶν διὰ τὸ συναγωγὴν μὲν ἐναντίων εἶναι ἐν μικρῷ τὸ ἐλεγκτικὸν ἐνθύμημα, παρ' ἄλληλα δὲ φανερὰ εἶναι τῷ ἀκροατῇ μᾶλλον. πάντων δὲ καὶ τῶν ἐλεγκτικῶν καὶ τῶν δεικτικῶν συλλογισμῶν θορυβεῖται μάλιστα τὰ τοιαῦτα ὅσα ἀρχόμενα προορῶσι μὴ ἐπιπολῆς εἶναι (ἅμα γὰρ καὶ αὐτοὶ ἐφ'αὑτοῖς χαίρουσι προαισθανόμενοι), καὶ ὅσων τοσοῦτον ὑστερίζουσιν ὥσθ' ἅμα εἰρημένων γνωρίζειν.

[110] Para uma análise mais detalhada sobre a continuidade e inconsistências entre os três livros que compõem a *Retórica*, de Aristóteles, verificar Barnes, 1995a.

O argumento mais claro a respeito da procedência parcial dessa tese pode ser verificado no final do livro segundo, em que Aristóteles reforça os elementos lógicos contidos no discurso e a consequente centralidade do entimema. No entanto, não é possível inferir tal unidade, nem com o todo da *Retórica* e nem com todo o sistema de pensamento do filósofo, até porque o grande objetivo da arte dos discursos é produzir a persuasão que, segundo a perspectiva aristotélica, ocorre quando o interlocutor percebe a verdade do argumento – assim, o esforço do rétor se volta para descobrir os meios para tal, sendo a principal ferramenta o entimema. Isso está no seguinte trecho:

> E os entimemas refutativos não são de tipo diverso dos argumentos que os estabelecem, pois é claro que a demonstração e a objeção são formas de refutação: no primeiro caso se demonstra o contrário do que demonstrou o oponente, de modo que se um diz algo ter acontecido, o outro dirá não ter acontecido, se um diz não ter acontecido, o outro dirá ter acontecido – esta não será, portanto, a diferença entre os dois: ambos utilizam entimemas da mesma forma, um para dizer que algo é, outro para dizer que não é –; no segundo caso, oferecer uma objeção não é compor um entimema – como dito nos *Tópicos* – é dar uma opinião cujo objetivo é deixar claro ou que não se silogizou corretamente ou que algo foi falsamente compreendido (*Rhet*. 1403a 24-33) (grifos do tradutor).[111]

Portanto, Aristóteles reitera que, apesar de reconhecer o papel das emoções na retórica, o entimema continua sendo o principal instrumento para produzir a persuasão. O Estagirita enfatiza a conexão entre a retórica e a dialética ao argumentar que a retórica, embora adaptada ao contexto prático dos discursos públicos, deve manter uma base lógica sólida. Assim, tanto o entimema quanto o exemplo devem ser compreendidos como formas de raciocínio persuasivo, capazes de conectar o auditório às proposições de maneira acessível e convincente. Ao ressaltar esses elementos, Aristóteles evidencia a necessidade de uma retórica fundamentada na lógica, que busca, pela aproximação da arte do discurso com a dialética, a construção de argumentos válidos, verossímeis, ou, mais importante ainda, baseados naquilo que é comumente aceito pelo auditório. Mesmo reconhecendo a importância das emoções na persuasão, Aristóteles não renuncia ao papel central do λόγος. Dessa forma, a volta aos aspectos lógicos do discurso no final do livro II representa a tentativa de Aristóteles de integrar a retórica à dialética, reafirmando que a persuasão não pode ser reduzida ao apelo emocional ou à manipulação, mas está essencialmente fundamentada no elemento racional do discurso.

---

[111] οὐδὲ τὰ λυτικὰ ἐνθυμήματος εἶδός τί ἐστιν [ἄλλο τῶν κατασκευαστικῶν]· δῆλον γὰρ ὅτι λύει μὲν ἢ δείξας ἢ ἔνστασιν ἐνεγκών, ἀνταποδείκνυσι δὲ τὸ ἀντικείμενον, οἷον εἰ ἔδειξε ὅτι γέγονεν, οὗτος ὅτι οὐ γέγονεν, εἰ δὲ ὅτι οὐ γέγονεν, οὗτος ὅτι γέγονεν· ὥστε αὕτη μὲν οὐκ ἂν εἴη [ἡ] διαφορά (τοῖς αὐτοῖς γὰρ χρῶνται ἀμφότεροι· ὅτι γὰρ οὐκ ἔστιν ἢ ἔστιν, ἐνθυμήματα φέρουσιν)· ἡ δ' ἔνστασις οὐκ ἔστιν ἐνθύμημα, ἀλλά, καθάπερ ἐν τοῖς Τοπικοῖς, τὸ εἰπεῖν δόξαν τινὰ ἐξ ἧς ἔσται δῆλον ὅτι οὐ συλλελόγισται ἢ ὅτι ψεῦδός τι εἴληφεν.

4 SOBRE A LEXIS E A TAXIS

O livro III da *Retórica* de Aristóteles é possivelmente o que apresenta maiores dificuldades quanto à sua interpretação e quanto à sua pertinência dentro daquilo que foi abordado nos dois livros anteriores. Isso se deve, em grande medida, a dois fatores: ele não apenas se distancia dos dois primeiros livros em termos de conteúdo e abordagem, mas também se concentra em fornecer exemplos práticos e conselhos técnicos para a construção de um discurso eficaz. A preocupação aqui se volta para os aspectos estilísticos e organizacionais, recomendando certas técnicas para que ele possa persuadir o público de forma eficaz, de tal modo que esse caráter mais pragmático, por um lado, enriquece o tratado com detalhes sobre a prática retórica, mas, por outro, marca um rompimento com a unidade conceitual dos livros anteriores,[112] que se ocupam das bases lógicas e éticas da retórica em maior consonância com a dialética – o que, em última instância, faz o leitor da obra pensar que há áreas fundamentais da retórica que escapam do escopo da dialética.

Ao abordar estes dois temas, Aristóteles sugere uma ligação indireta com as discussões anteriores, como os três meios de persuasão e o uso do entimema – apesar da inferência quanto a este último ser consideravelmente fraca em relação ao que foi apresentado nos livros I-II. Ainda assim, pode-se argumentar que essas menções pontuais indicam uma tentativa de manter uma linha de continuidade, embora de maneira fragmentada, que permite ao leitor avaliar até que ponto o Estagirita consegue manter a retórica próxima da dialética ao longo de toda a obra.

Os tradutores da *Retórica*, notadamente Kennedy (2007), Rapp (2002) e Alexandre Júnior (2018), concordam que este último livro foi provavelmente escrito em um momento distinto do desenvolvimento do pensamento aristotélico, possivelmente enquanto o filósofo ainda lecionava na Academia de Platão. Essa perspectiva temporal ajuda a explicar o caráter mais prático desse livro – e seu foco maior nas questões estilísticas – em relação aos outros, como se o Estagirita ainda estivesse consolidando suas ideias sobre o papel do estilo e da composição no discurso. De fato, apesar de Aristóteles ter tentado estabelecer uma conexão entre os três livros – tal como será abordado mais adiante –, ele falha em atribuir uma coerência plena ao livro III, cuja abordagem técnica e estética se distancia dos fundamentos lógicos estabelecidos nos primeiros livros. Essa inconsistência entre o livro III e os anteriores evidencia

[112] Não pretendo tratar a λέξις e a τάξις ao longo deste capítulo apenas como mero ornamento do discurso, mas sim avaliar se e até que ponto essas questões estão coerentes com a proposta inicial de Aristóteles de que a retórica é a contraparte da dialética.

uma dificuldade do filósofo em alinhar de maneira consistente as partes de seu tratado, o que reforça a hipótese de que o texto passou por revisões ou acréscimos ao longo de diferentes fases de seu pensamento.

Assim, este capítulo da dissertação está divido em três subcapítulos: o primeiro discutirá a continuidade entre o livro III e os dois primeiros, observando que, embora Aristóteles retome alguns conceitos dos livros anteriores – como os três gêneros de discurso e a importância dos entimemas –, essa continuidade é marcada por uma unidade frouxa. Em sua tentativa de vincular a elocução ou estilo aos princípios estabelecidos anteriormente, ele parece buscar uma justificativa para a sua inclusão como parte integrante da arte da retórica, afirmando que a clareza e o uso adequado de metáforas e figuras de linguagem são essenciais para a eficácia do discurso.

Em seguida, no segundo subcapítulo, pretende-se analisar as características da elocução e o papel da clareza e da escolha cuidadosa das palavras na construção do discurso com maior precisão. Nesse ponto, pretende-se argumentar, o filósofo enfatiza que a forma como algo é dito é tão importante quanto o conteúdo em si, uma vez que a elocução impacta diretamente a recepção do público. Entretanto, apesar de tentar estabelecer uma relação entre estilo e persuasão, o filósofo não chega a inserir essa discussão de maneira consistente na estrutura dialética que permeia os primeiros livros. Ao incorporar elementos expostos na *Poética*, como o uso de metáforas e a musicalidade do discurso, a retórica de Aristóteles ganha um aspecto estético que se distancia da argumentação lógica e da coerência dialética.

Por derradeiro, o terceiro subcapítulo analisa a disposição e observa-se que Aristóteles dedica a maior atenção à pertinência da organização do discurso dentro dos três gêneros discursivos, porém, limita-se a indicar qual parte é mais apropriada para cada contexto. Ao definir as divisões como introdução, argumentos e epílogo, ele fornece diretrizes práticas sem explorar uma conexão lógica profunda com os conceitos dialéticos – é o que ocorre, por exemplo, com o epílogo, que parece estar mais focado no contexto jurídico, sem uma avaliação mais abrangente para os outros gêneros.

4.1 A continuidade do livro III em relação à *Retórica*

A coerência do terceiro livro da *Retórica* com relação aos outros dois anteriores é difícil de ser explicada, pois ele é o mais destoante de todos. Kennedy (1994, p. 193) aponta que este livro pertencia originalmente a um tratado separado da *Retórica*, e teve a sua maior parte escrita durante os tempos em que Aristóteles lecionava esta disciplina na Academia de Platão,

sinalizando, assim, que esse texto deve pertencer a uma época em que o Estagirita possuía uma compreensão menos madura do material sobre estilo do que sobre as características lógicas e éticas da retórica discutidas nos livros I e II.

Apesar disso, as primeiras linhas do livro III procuram uma conexão com o livro II, o que faz supor que, se de fato fora pensado como um tratado separado, o próprio Aristóteles procurou uni-los posteriormente. Assim, segue a abertura do livro III:

> São três os aspectos do discurso a que se deve estar atento: em primeiro lugar, os meios de produção de argumentos; em segundo, a elocução; e, em terceiro, o ordenamento das partes do discurso. Sobre os meios de produção de argumentos – que são três –, sua qualidade e razão de serem somente estes, já se discutiu: todos os juízes ou se persuadem por si próprios, ou pelo que acham do falante, ou pelo que lhes foi demonstrado. Falou-se também dos entimemas e de onde se deve concatená-los: alguns da própria forma dos entimemas, outros de tópicos (*Rhet*. 1403b 6-14).[113]

Desse modo, nota-se que o Estagirita retoma brevemente os assuntos tratados nos livros anteriores, notadamente, os três meios de persuasão e o uso dos entimemas. Novamente, Kennedy (1994, p. 194) levanta a tese de que Aristóteles provavelmente tenha feito essa conexão ou retomada com aquilo que foi abordado anteriormente em um estágio tardio de sua revisão do todo, e, consequentemente, a transição no final do livro II indicava que a discussão adicional sobre retórica continuava em outro rolo de papiro, que então começava com um aviso de que deveria ser vinculado ao trabalho sobre a invenção ou o estilo e a composição.

O paralelo entre os livros I-II e o III, pode-se argumentar, é frouxo e inconsistente, o que leva à suposição de que Aristóteles inicialmente não previu a necessidade de abordar o estilo e a composição de forma tão detalhada. Isso é reforçado pela estrutura do livro III, que parece mais preocupado com questões técnicas da elocução e com a organização do discurso do que com as profundas análises lógicas e éticas presentes nos dois primeiros livros. A transição entre o livro II e o livro III, ainda que tenha sido construída para estabelecer uma continuidade temática, não consegue disfarçar completamente a diferença de foco entre as partes: enquanto os livros I e II se dedicam a explorar técnicas de persuasão e os fundamentos éticos, e, principalmente, lógicos da retórica, o livro III se inclina para questões estilísticas, o que sustenta a tese supramencionada de que esta última parte da obra, de fato, reflete um estágio diferente da evolução do pensamento de Aristóteles.

---

[113] Ἐπειδὴ τρία ἐστὶν ἃ δεῖ πραγματευθῆναι περὶ τὸν λόγον, ἓν μὲν ἐκ τίνων αἱ πίστεις ἔσονται, δεύτερον δὲ περὶ τὴν λέξιν, τρίτον δὲ πῶς χρὴ τάξαι τὰ μέρη τοῦ λόγου, περὶ μὲν τῶν πίστεων εἴρηται, καὶ ἐκ πόσων, ὅτι ἐκ τριῶν εἰσί, καὶ ταῦτα ποῖα, καὶ διὰ τί τοσαῦτα μόνα (ἢ γὰρ τῷ αὐτοί τι πεπονθέναι οἱ κρίνοντες, ἢ τῷ ποιούς τινας ὑπολαμβάνειν τοὺς λέγοντας, ἢ τῷ ἀποδεδεῖχθαι, πείθονται πάντες), εἴρηται δὲ καὶ τὰ ἐνθυμήματα, πόθεν δεῖ πορίζεσθαι (ἔστι γὰρ τὰ μὲν εἴδη τῶν ἐνθυμημάτων, τὰ δὲ τόποι).

Em um outro artigo da autoria de Kennedy (1996, p. 420), dedicado a abordar a composição da *Retórica*, ele argumenta que tais inconsistências ocorrem, em alguma medida, porque parte do material utilizado pelo Estagirita data do período em que lecionava retórica e lógica ainda na época da Academia, assim, dada a popularidade destas disciplinas, ele teria que incluir alguma discussão sobre a dicção, o estilo e a composição dos discursos. Ainda que Aristóteles tenha feito algumas revisões em uma tentativa de estabelecer uma conexão com os dois livros anteriores, pode-se encontrar indícios dessa linha de raciocínio ainda no primeiro capítulo do livro III, em que ele introduz o tema do estilo ou elocução, que se estenderá até o capítulo 12:

> É necessário, agora, falar sobre a elocução: não é suficiente discutir apenas sobre o que se deve falar, mas também sobre como se deve falá-lo, pois isso contribui com a qualidade da aparência do discurso. Em primeiro lugar, foi investigada, segundo a ordem natural, de onde as coisas em si mesmas obtêm sua persuasão, em segundo, o estabelecimento da própria elocução e, em terceiro, ignorada embora seja a maior das potencialidades dos discursos, a declamação (*Rhet*. 1403b 14-22).[114]

Esse trecho talvez seja a tentativa mais clara de Aristóteles em estabelecer um paralelo entre os dois livros anteriores e o terceiro. Ao mencionar a importância da elocução ou estilo logo no início do livro III, Aristóteles parece se esforçar para inserir esse elemento técnico dentro da estrutura mais ampla da retórica discutida anteriormente. Embora os primeiros dois livros tratem, majoritariamente, das estratégias persuasivas e da natureza dos entimemas, a introdução do estilo no livro III é apresentada como uma continuidade lógica, na medida em que Aristóteles afirma que o "como falar" é tão essencial quanto o "o que falar". Ele reconhece, assim, que a persuasão não depende apenas do conteúdo dos argumentos, mas também de como esse conteúdo é comunicado ao público – o que não significa necessariamente o abandono da aproximação da arte da retórica com a dialética, mas sim o reconhecimento, novamente, de que o modo como se entrega seu o discurso também é relevante.

Ao fazer essa ligação entre elocução e persuasão, Aristóteles busca justificar a introdução de um tema que, à primeira vista, poderia parecer deslocado em relação às análises mais substantivas dos livros anteriores. No entanto, mesmo com essa tentativa, é difícil para o leitor da *Retórica* ignorar que a ênfase no estilo parece uma adição posterior, motivada talvez

[114] περὶ δὲ τῆς λέξεως ἐχόμενόν ἐστιν εἰπεῖν· οὐ γὰρ ἀπόχρη τὸ ἔχειν ἃ δεῖ λέγειν, ἀλλ' ἀνάγκη καὶ ταῦτα ὡς δεῖ εἰπεῖν, καὶ συμβάλλεται πολλὰ πρὸς τὸ φανῆναι ποιόν τινα τὸν λόγον. τὸ μὲν οὖν πρῶτον ἐζητήθη κατὰ φύσιν ὅπερ πέφυκε πρῶτον, αὐτὰ τὰ πράγματα ἐκ τίνων ἔχει τὸ πιθανόν, δεύτερον δὲ τὸ ταῦτα τῇ λέξει διαθέσθαι, τρίτον δὲ τούτων ὃ δύναμιν μὲν ἔχει μεγίστην, οὔπω δ' ἐπικεχείρηται, τὰ περὶ τὴν ὑπόκρισιν.

por uma necessidade prática de completar o quadro retórico com aspectos formais, algo que nos primeiros dois livros sequer foi mencionado.

Nesse sentido, tal como Rapp (2002, p. 806) aponta nos comentários e explicações de sua tradução da obra aqui em estudo, a continuidade do programa desenvolvido no livro III explica por que a *Retórica* não desenvolve uma sistemática abrangente para a arte dos discursos como um todo. No entanto, continua o autor, os dois blocos temáticos λέξις e τάξις não levantam questões sobre a autenticidade desse livro: apesar de algumas inconsistências pontuais, observa-se que o terceiro livro trabalha com modelos de argumentação que se encontram igualmente nos livros I e II – tais como os meios de persuasão e a aproximação da arte da retórica com a dialética.

Então, apesar das inconsistências textuais e das conexões um tanto frouxas entre o livro III e os dois anteriores, não se pode questionar a autenticidade deste terceiro livro dentro da *Retórica*. As discussões presentes nele, ainda que possivelmente concebidas como parte de um tratado separado, provavelmente refletem um amadurecimento da noção de Aristóteles sobre a arte dos discursos como um todo, especialmente no que se refere à afinidade da arte da retórica com a dialética – o que possibilita o aproveitamento das mesmas estruturas da lógica na persuasão –, os três gêneros do discurso e as três vias de persuasão. A inclusão desse livro no corpo maior da obra pode ser vista como uma revisão posterior por parte de outros autores, ou uma tentativa posterior do Estagirita, que percebeu a importância de tratar formalmente esses aspectos técnicos para completar sua noção da arte da retórica. Assim, por mais que a estrutura atual da obra seja fruto de uma recomposição posterior, é plausível aceitar a inclusão do livro III nela.

Com alguns pontos de concordância, Gross e Dascal (2001, p. 288) reconhecem que houve certa confusão nas edições posteriores no texto da *Retórica*: o livro I, segundo o que os autores apresentam, contém visões inconsistentes sobre retórica; a discussão das emoções no livro II está mal integrada à teoria retórica, e o livro III parece quase uma obra separada sobre estilo e arranjo, no entanto, eles acrescentam que é um equívoco equiparar esta confusão editorial criada pelas intervenções posteriores ao próprio Estagirita a um equívoco conceitual de sua parte.[115]

A partir deste ponto, resta saber como Aristóteles justifica a inclusão da elocução e da disposição para além do reconhecimento de sua influência na persuasão. É neste momento que talvez a coerência com os dois livros anteriores seja mais difícil de ser sustentada: o terceiro livro parece ser o mais distante da relação que Aristóteles havia estabelecido entre a arte da

[115] Este argumento, vale reforçar, ainda é coerente com a proposta apresentada no início deste capítulo de que o estilo e a composição não são meros adornos em um discurso.

retórica e a dialética nos dois primeiros livros. Enquanto os livros I e II demonstram uma forte interdependência entre essas duas disciplinas, com a retórica se beneficiando diretamente das ferramentas lógicas da dialética, o livro III se afasta dessa abordagem para focar em questões práticas de estilo e composição. Embora os aspectos relativos à elocução e à organização do discurso sejam importantes para a persuasão, a ênfase dada a eles não possui a mesma proximidade com os princípios dialéticos, que sustentam a base argumentativa da retórica nos livros anteriores – fazendo da retórica uma τέχνη.

No entanto, Aristóteles parece encontrar um ponto de conexão a partir da declamação ou pronunciação (ὑπόκρισις[116]) de um discurso. Ali, ele argumenta que a maneira como o discurso é pronunciado exerce uma influência considerável na persuasão, sendo essa uma das grandes potencialidades do discurso que, até então, não havia sido propriamente considerada, tal como ele indica no trecho supracitado. A declamação, ou seja, o modo como as palavras são ditas, é tratada como um aspecto que vai além do conteúdo puramente argumentativo, e passa a ser parte integrante da eficácia retórica. Esse reconhecimento sugere que Aristóteles percebeu a necessidade de incluir o tratamento da declamação para completar sua análise da retórica como uma arte que envolve não apenas o pensamento lógico expresso no entimema e no exemplo – ou ainda o caráter e a demonstração das emoções –, mas também a forma como ele é entregue ao público. O texto deixa isso claro:

> É claro que existe algo da declamação na retórica, tal como Glauco de Teos e outros colocaram em pauta. Ela está na voz, no modo como se comunica cada paixão, no quão alto, médio ou baixo o seu volume, no quão grave, médio ou agudo o seu tom, e no ritmo de cada discurso, uma vez que são três seus aspectos observados: intensidade, harmonia e ritmo. São estes que sempre ganham os prêmios nos concursos e, como hoje os declamadores podem mais do que poetas, também as disputas políticas, devido à depravação de nossos governos (*Rhet.* 1403b 24-35).[117]

Para além disso, pode-se verificar igualmente que Aristóteles vê na declamação um importante instrumento capaz de evocar emoções no público ouvinte. O modo como o rétor utiliza a intensidade, o tom e o ritmo da sua fala permitem uma manipulação mais eficaz das paixões, um dos três meios de persuasão discutidos no livro II. Aristóteles, portanto, conecta a

---

[116] Aqui é significativo ressaltar que este termo vem do teatro.

[117] δῆλον οὖν ὅτι καὶ περὶ τὴν ῥητορικήν ἐστι τὸ τοιοῦτον ὥσπερ καὶ περὶ τὴν ποιητικήν, ὅπερ ἕτεροί <τέ> τινες ἐπραγματεύθησαν καὶ Γλαύκων ὁ Τήιος. ἔστιν δὲ αὕτη μὲν ἐν τῇ φωνῇ, πῶς αὐτῇ δεῖ χρῆσθαι πρὸς ἕκαστον πάθος, οἷον πότε μεγάλῃ καὶ πότε μικρᾷ καὶ μέσῃ, καὶ πῶς τοῖς τόνοις, οἷον ὀξείᾳ καὶ βαρείᾳ καὶ μέσῃ, καὶ ῥυθμοῖς τίσι πρὸς ἕκαστα. τρία γάρ ἐστιν περὶ ἃ σκοποῦσιν· ταῦτα δ' ἐστὶ μέγεθος ἁρμονία ῥυθμός. τὰ μὲν οὖν ἆθλα σχεδὸν ἐκ τῶν ἀγώνων οὗτοι λαμβάνουσιν, καὶ καθάπερ ἐκεῖ μεῖζον δύνανται νῦν τῶν ποιητῶν οἱ ὑποκριταί, καὶ κατὰ τοὺς πολιτικοὺς ἀγῶνας, διὰ τὴν μοχθηρίαν τῶν πολιτῶν.

pronunciação não apenas à clareza do discurso, mas também à capacidade de envolver o público emocionalmente.

Assim, em concordância com Lima (2011, p. 111-112), o filósofo grego não se limita a discutir a lógica e a organização das ideias, mas também se debruça sobre a escolha das palavras, a melodia da voz, o uso de figuras de linguagem e a estrutura do discurso. Essa atenção aos detalhes da composição e estilo do discurso, continua o comentário, revela a noção de Aristóteles de que a beleza e a emoção são elementos fundamentais para persuadir um público, e, desse modo, a qualidade de um discurso também envolverá a capacidade de combinar a racionalidade com a beleza, de modo a não apenas convencer racionalmente o ouvinte, mas também a emocioná-lo e a levá-lo a agir de acordo com os interesses do rétor.

Desse modo, nesta parte inicial do livro III, Aristóteles amplia sua análise da arte persuasiva ao incluir a importância da declamação como um meio considerável para influenciar o público. Ele vê, assim, o modo pelo qual o discurso é proferido como uma combinação de racionalidade e estética, em que a beleza do discurso – expressa tanto pela escolha das palavras quanto pela melodia da voz – se torna uma ferramenta para mover o público, despertando emoções que complementam a força lógica dos argumentos. Desse modo, o terceiro livro, embora por vezes desconectado dos dois primeiros – principalmente na clara relação de afinidade estabelecida com a dialética no livro I –, cumpre o papel de completar o quadro da retórica aristotélica, revelando que o poder de um discurso eficaz reside tanto em seu conteúdo quanto na sua entrega.

A justificativa mais incisiva de Aristóteles para incluir esse tema no seu tratado de retórica provavelmente emerge das linhas a seguir, em que o Estagirita assume que seria mais justo apenas investigar o discurso e discutir os fatos em si, todavia, por limitação dos ouvintes, o modo pelo qual se profere um discurso também impacta na produção da persuasão. Assim segue o texto:

> Mas como a Retórica é essencialmente voltada às opiniões acerca de cada questão, devemos nos dedicar a seu estudo, não como algo correto, mas necessário, uma vez que o justo seria apenas investigar o discurso em si, não sua capacidade de causar dor ou prazer; é justo somente discutir os fatos em si, e tudo o que vai além da demonstração é supérfluo; a declamação, porém, como dito anteriormente, pode mais por causa da depravação dos ouvintes. Em toda didática, do mesmo modo, há uma considerável necessidade de se tratar da elocução, pois há diferença em se falar desta ou daquela maneira com o objetivo de esclarecer algo, ainda que tudo isso seja fantasia, para o ouvinte (*Rhet*. 1404a 1-11).[118]

[118] ἀλλ' ὅλης οὔσης πρὸς δόξαν τῆς πραγματείας τῆς περὶ τὴν ῥητορικήν, οὐχ ὡς ὀρθῶς ἔχοντος ἀλλ' ὡς ἀναγκαίου τὴν ἐπιμέλειαν ποιητέον, ἐπεὶ τό γε δίκαιόν <ἐστι> μηδὲν πλέον ζητεῖν περὶ τὸν λόγον ἢ ὥστε μήτε λυπεῖν μήτ' εὐφραίνειν· δίκαιον γὰρ αὐτοῖς ἀγωνίζεσθαι τοῖς πράγμασιν, ὥστε τἆλλα ἔξω τοῦ ἀποδεῖξαι περίεργα ἐστίν·

A inclusão da elocução no livro III da *Retórica* responde, assim, a uma justificativa prática e necessária, conforme Aristóteles sugere ao longo do texto. Apesar de que idealmente o discurso devesse se concentrar exclusivamente nos fatos e argumentos racionais, Aristóteles reconhece que a eficácia retórica também depende da maneira como o discurso é pronunciado e estruturado. Essa atenção ao estilo, longe de ser um elemento ornamental, surge como uma resposta à realidade prática da retórica, em que a persuasão se concretiza apenas quando o discurso é claro e impactante para o ouvinte. Assim, a elocução entra no tratado como um meio importante para tornar o discurso mais acessível e convincente, considerando as limitações do público em compreender a encadeação dos argumentos que foram apresentados. Dessa forma, a abordagem de Aristóteles no livro III legitima a λέξις como uma parte integral da arte retórica, ao reconhecer que o sucesso persuasivo depende não apenas do conteúdo racional, mas também da forma e apresentação cuidadosa do discurso.

Nessa linha de raciocínio, o Estagirita chega até mesmo a comparar a elocução com a poesia, no sentido de que um discurso que soa natural e é confortável de se ouvir teria maior aceitação da audiência, de tal forma que deveria, inevitavelmente, dominar esse aspecto do discurso, como é afirmado a seguir:

> Quando a elocução entre em cena, age como poesia; alguns poucos autores tentaram dar-lhe trato, como Trasímaco em suas *Misericórdias*: a declamação é, de certo, algo natural, inartificial, mas faz-se artifício no que tange à elocução. Por isso que tantos prêmios devêm aos que dela são capazes, tal como aos oradores exímios na declamação: discursos escritos têm mais força por causa da elocução do que da razão (*Rhet*. 1404a 12-19) (grifos do tradutor).[119]

Isto posto, pode-se argumentar, tal como o faz Rapp (2013a, p. 288), que Aristóteles se sente obrigado a lidar com esses temas, não por escolha, mas por necessidade, parecendo que ele ainda está em conflito interno com essa temática, especialmente com a transposição de elementos poéticos para a arte da retórica. A abordagem da elocução ou estilo, portanto, parece ser uma adaptação necessária aos aspectos práticos da comunicação persuasiva. O reconhecimento de que a arte retórica deve lidar com as limitações e sensibilidades dos ouvintes

---

ἀλλ' ὅμως μέγα δύναται, καθάπερ εἴρηται, διὰ τὴν τοῦ ἀκροατοῦ μοχθηρίαν. τὸ μὲν οὖν τῆς λέξεως ὅμως ἔχει τι μικρὸν ἀναγκαῖον ἐν πάσῃ διδασκαλίᾳ· διαφέρει γάρ τι πρὸς τὸ δηλῶσαι ὠδὶ ἢ ὠδὶ εἰπεῖν, οὐ μέντοι τοσοῦτον, ἀλλ' ἅπαντα φαντασία ταῦτ' ἐστί, καὶ πρὸς τὸν ἀκροατήν.

[119] ἐκείνη μὲν οὖν ὅταν ἔλθῃ ταὐτὸ ποιήσει τῇ ὑποκριτικῇ, ἐγκεχειρήκασιν δὲ ἐπ' ὀλίγον περὶ αὐτῆς εἰπεῖν τινές, οἷον Θρασύμαχος ἐν τοῖς Ἐλέοις· καὶ ἔστιν φύσεως τὸ ὑποκριτικὸν εἶναι, καὶ ἀτεχνότερον, περὶ δὲ τὴν λέξιν ἔντεχνον. διὸ καὶ τοῖς τοῦτο δυναμένοις γίνεται πάλιν ἆθλα, καθάπερ καὶ τοῖς κατὰ τὴν ὑπόκρισιν ῥήτορσιν· οἱ γὰρ γραφόμενοι λόγοι μεῖζον ἰσχύουσι διὰ τὴν λέξιν ἢ διὰ τὴν διάνοιαν.

faz com que Aristóteles aceite a importância do estilo, mesmo que ele pareça incerto quanto ao seu papel ideal. Esse conflito fica evidente na comparação com a poesia, em que ele admite que a elocução é capaz de capturar a audiência de maneira semelhante, atribuindo maior força ao discurso através do impacto sonoro e rítmico, mais do que pela lógica. Tal reconhecimento parece indicar uma tensão entre o ideal de um discurso puramente racional e o realismo de uma audiência que responde a fatores estéticos e emocionais – e nisso reside a maior inconsistência verificada no livro III em comparação aos dois anteriores.

Desse modo, ao analisar o texto da *Retórica*, Alexandre Júnior (2018, p. 25) percebe que ela se adapta a diferentes públicos, o que indica que foi ensinada em contextos e épocas distintos: algumas partes do texto parecem ter sido elaboradas especificamente para estudantes de filosofia, enquanto outras têm um público mais amplo. Essa necessidade de adaptar a retórica ao público e ao contexto ajuda a explicar por que Aristóteles parece relutante em abrir espaço para a λέξις, considerando-a um aspecto importante da persuasão, mas que inevitavelmente implica concessões ao feitio do público ouvinte. Essa inconsistência parece apontar para o fato de que, enquanto alguns trechos são direcionados a estudantes de filosofia, buscando um aprofundamento racional, outros visam um público mais amplo, que inclui juízes de um tribunal e políticos, e demandam um discurso mais acessível e, em grande medida, cativante.

Ao longo desta seção, explorou-se a inclusão da elocução e da disposição – com foco na primeira, já que o próprio Estagirita dedica maior espaço a ela – no livro III da *Retórica*, refletindo uma adaptação pragmática que Aristóteles considera necessária diante das limitações dos ouvintes e da demanda por um discurso persuasivo. Embora ele tenha inicialmente abordado a arte da retórica com um foco predominantemente dialético e lógico – fazendo dela uma arte –, o livro III introduz uma estética que visa aumentar a clareza e o impacto emocional do discurso. Essa inclusão da elocução destaca a influência da declamação, da musicalidade e da escolha cuidadosa das palavras como recursos persuasivos que, embora essenciais, contrastam com o ideal de um discurso puramente racional.

Portanto, a aproximação entre a arte da retórica e a dialética, tão enfatizada por Aristóteles nos dois primeiros livros, revela-se mais frouxa no terceiro, que se afasta desse ideal dialético ao incorporar a estes dois temas como partes integrantes da arte dos discursos. Essa mudança evidencia uma tensão entre a prática retórica e o modelo filosófico da persuasão, especialmente quando Aristóteles admite que o sucesso do discurso não depende apenas da lógica, mas também da habilidade em cativar a audiência, e, consequentemente, tal inconsistência reforça a hipótese de que o livro III tenha sido incorporado posteriormente para atender a necessidades práticas da comunicação, uma vez que a audiência, mais inclinada às

impressões sensoriais, exige do discurso não apenas racionalidade, mas também uma apresentação atraente e eficaz, isto é, persuasiva.

4.2 Sobre as características da lexis

Na seção anterior, procurou-se investigar a coerência do livro III em relação aos dois anteriores, visto que a abordagem da elocução e da disposição, às quais esta última parte do tratado de Aristóteles se dedica, parece fugir da proposta inicial de aproximar a arte dos discursos da dialética. Desse modo, nesta seção, buscar-se-á analisar as características da elocução para compreender até que ponto esse elemento estilístico, enfatizado no livro III, mantém alguma afinidade com a estrutura dialética estabelecida nos livros I e II. Ao explorar os aspectos que Aristóteles considera fundamentais para a elocução – como a clareza (σαφής) e o ritmo (ῥυθμός) –, pretende-se avaliar se a elocução contribui para a construção de uma arte dos discursos orientada pela razão e pela lógica ou se ela se afasta desse ideal ao priorizar a forma e o seu respectivo impacto emocional. Esse exame, então, permitirá aprofundar a discussão sobre o papel da elocução dentro do projeto aristotélico, verificando em que medida o estilo pode ser integrado à estrutura dialética ou se ele representa uma concessão prática às demandas dos discursos que eram proferidos na esfera pública.

Nesse sentido, logo de início Aristóteles estabelece que a clareza é a maior virtude da elocução, e, consequentemente, o rétor deve tê-la como a maior preocupação ao proferir seu discurso. Aqui suas palavras são claras:

> Contemplando, portanto, tais questões, definamos ser a clareza a virtude da elocução: o indício disso sendo que o discurso, se não esclarece, não cumpre a sua tarefa; o discurso também não pode ter valor superior ou inferior a seu tema, mas deve ser apropriado; o poético pode não ser inferior em si, por exemplo, mas não cabe ao discurso em prosa (*Rhet*. 1404b 1-5).[120]

Ao ressaltar a clareza no discurso, pode-se argumentar, Aristóteles até recupera em alguma medida o aspecto pedagógico que a retórica possuía na Antiguidade – especialmente no período clássico, em que era mais debatida na filosofia e fortemente defendido por Isócrates[121] –, de tal modo que a clareza no discurso possibilitaria, segundo aponta Morgan (2007, p. 308), que pessoas honestas expressassem suas ideias com clareza e persuasão, além

[120] Ἔστω οὖν ἐκεῖνα τεθεωρημένα καὶ ὡρίσθω λέξεως ἀρετὴ σαφῆ εἶναι (σημεῖον γάρ τι ὁ λόγος ὤν, ἐὰν μὴ δηλοῖ οὐ ποιήσει τὸ ἑαυτοῦ ἔργον), καὶ μήτε ταπεινὴν μήτε ὑπὲρ τὸ ἀξίωμα, ἀλλὰ πρέπουσαν· ἡ γὰρ ποιητικὴ ἴσως οὐ ταπεινή, ἀλλ' οὐ πρέπουσα λόγῳ.

[121] *Vide* cap. II desta dissertação.

de auxiliar na compreensão de temas complexos e na identificação de falácias. Assim, esse trecho concordaria com a premissa apontada ainda no livro I de que a arte dos discursos poderia aproveitar-se de uma das funções da dialética descritas nos *Tópicos*.

No entanto, o trecho supracitado traz uma aproximação da arte da retórica também com a poética, o que, consequentemente, colocaria a obra de Aristóteles aqui em estudo em uma espécie de zona cinzenta entre as obras lógicas que compõem o *Organon* e as ciências poéticas. Dessa forma, Aristóteles parece posicionar a arte da retórica em uma dualidade entre, por um lado, uma arte próxima da dialética e da lógica, ao menos em seu aspecto formal, e, por outro, uma prática que compartilha características das ciências poéticas quando se trata da elocução. Esse caráter dual é evidente na exigência de clareza, que se alinha à função pedagógica e racional da retórica, em relação à qual a linguagem deve servir ao propósito de iluminar as ideias e facilitar a compreensão do público. A clareza, assim, reforça a proximidade com a dialética, que também busca guiar o pensamento de maneira lógica e organizada. No entanto, ao abordar o estilo e a forma de enunciação, Aristóteles inevitavelmente traz a retórica para o domínio da estética e da expressão, características fundamentais na poética.

Essa ambiguidade sugere que, enquanto Aristóteles concebe a retórica como uma arte em seu núcleo lógico e formal,[122] ele também admite a necessidade de adequá-la às sensibilidades do público, o que envolve aspectos estéticos e emocionais típicos da poesia. A ênfase em aspectos como ritmo, tom e a escolha cuidadosa das palavras demonstra que o discurso retórico, embora orientado pela lógica, não pode prescindir de recursos que cativem o ouvinte. Nesse sentido, a arte da retórica se tornaria uma disciplina difícil de ser classificada dentro do sistema de pensamento aristotélico se analisada cuidadosamente, movendo-se entre a racionalidade da dialética e as características estéticas da poética,[123] sugerindo que seu poder persuasivo reside tanto na estrutura lógica – expressa através dos entimemas e dos exemplos – quanto no impacto sensorial que é capaz de provocar no público ouvinte.

Tal aproximação da arte da retórica, doravante também com os elementos da poética, é ainda mais evidente nas linhas imediatamente seguintes às do trecho supracitado, pois é a partir dele que, para além da definição da clareza como a grande virtude do discurso, há o acréscimo de mais um requisito que reforça essa posição incerta da arte da retórica, isto é, o rétor deveria

[122] Novamente há de se fazer a ressalva de que este é o ponto em que se encontra a maior inconsistência do livro III em relação aos outros dois anteriores, visto que grande parte do esforço da parte de Aristóteles na sua reflexão ao longo do livro I é, justamente, demonstrar que a arte da retórica produz a persuasão quando os ouvintes se convencem da verdade do conteúdo de um determinado discurso, logo, indo claramente além do aspecto lógico e formal desta arte.

[123] Uso a expressão *características estéticas* pois a poética também é dotada de racionalidade.

buscar meio-termo entre a fala comum e a linguagem poética,[124] conforme apropriado ao assunto da sua fala:

> Dentre os nomes e verbos, não são os inferiores, mas os bem arranjados que são soberanos, tal como os discutidos na *Poética*: sua distinção os faz parecer mais solenes; tanto estrangeiros quanto concidadãos sentem o mesmo em relação à elocução. Por isso que se deve "estrangeirizar" a fala: o desconhecido é maravilhoso, e o maravilhoso é prazeroso. Isso parece ser apropriado e eficiente na linguagem metrificada, em que o discurso versa sobre coisas e pessoas incomuns; na prosa, porém, aplica-se muito menos, pois o tema é menor (*Rhet*. 1404b 5-14) (grifos do tradutor).[125]

A partir deste ponto do livro III, observa-se uma crescente influência de elementos característicos da *Poética*, especialmente na importância conferida ao estilo e à escolha das palavras. Particularmente interessante reparar são os conceitos de "nomes" e "verbos" que foram introduzidos no contexto de análise da elocução: o primeiro é definido na *Poética* como um som vocal composto que possui significado, mas não indica qualquer determinação de tempo, e nenhuma de suas partes isoladas tem significado por si só (*Poet*. 1457a 10-12),[126] enquanto o segundo é determinado como um som vocal composto e significativo que inclui uma determinação de tempo, mas nenhuma de suas partes tem sentido de forma autônoma, assim como ocorre com os nomes (*Poet*. 1457a 14-16).[127] Desse modo, ao integrar os "nomes" e "verbos" como elementos da elocução, Aristóteles parece sugerir que se deve prestar atenção não só ao conteúdo do que é dito, mas também à forma como cada palavra contribui para o efeito do discurso como um todo. Isso revela uma intenção de trazer à arte da retórica um nível de precisão e expressividade que, até então, era mais associado ao uso poético da linguagem.

Ainda há outro trecho da *Poética* que se mostra mais relevante, pois nele Aristóteles aborda os nomes e a metáfora no contexto da elocução poética. Assim, quanto aos nomes, existem duas categorias, a saber, o simples, que é um som vocal que não se compõe de partes significativas, como "terra"; e o duplo, que é composto de partes, sendo uma significativa e a outra não significativa – e isso é válido mesmo que o fato de cada parte ser ou não significativa não se aplique necessariamente, levando em conta as partes dentro do nome, ou até mesmo

---

[124] Kennedy (1994, p. 197) faz um apontamento semelhante ao sintetizar o conteúdo do cap. 2 no livro III.

[125] τῶν δ' ὀνομάτων καὶ ῥημάτων σαφῆ μὲν ποιεῖ τὰ κύρια, μὴ ταπεινὴν δὲ ἀλλὰ κεκοσμημένην τἆλλα ὀνόματα ὅσα εἴρηται ἐν τοῖς περὶ ποιητικῆς· τὸ γὰρ ἐξαλλάξαι ποιεῖ φαίνεσθαι σεμνοτέραν· ὥσπερ γὰρ πρὸς τοὺς ξένους οἱ ἄνθρωποι καὶ πρὸς τοὺς πολίτας, τὸ αὐτὸ πάσχουσιν καὶ πρὸς τὴν λέξιν· διὸ δεῖ ποιεῖν ξένην τὴν διάλεκτον· θαυμασταὶ γὰρ τῶν ἀπόντων εἰσίν, ἡδὺ δὲ τὸ θαυμαστόν ἐστιν. ἐπὶ μὲν οὖν τῶν μέτρων πολλά τε ποιεῖται οὕτω καὶ ἁρμόττει ἐκεῖ (πλέον γὰρ ἐξέστηκεν περὶ ἃ καὶ περὶ οὓς ὁ λόγος), ἐν δὲ τοῖς ψιλοῖς λόγοις πολλῷ ἐλάττω·

[126] ὄνομα δέ ἐστι φωνὴ συνθετὴ σημαντικὴ ἄνευ χρόνου ἧς μέρος οὐδέν ἐστι καθ'αὑτὸ σημαντικόν·

[127] ῥῆμα δὲ φωνὴ συνθετὴ σημαντικὴ μετὰ χρόνου ἧς οὐδὲν μέρος σημαίνει καθ' αὑτό, ὥσπερ καὶ ἐπὶ τῶν ὀνομάτων·

quando ambas as partes têm significado (*Poet*. 1457a 31-34).[128] O Estagirita subdivide ainda o nome entre o corrente, referindo-se a àquele utilizado comumente por todos, e o estrangeiro, que é o que é usado por outros povos, de modo que um nome pode ser, evidentemente, corrente ou estrangeiro, mas não para a mesma pessoa (*Poet*. 1457b 3-6).[129] A definição da metáfora nesse contexto é igualmente importante, consistindo em usar uma palavra que designa uma coisa para referir-se a outra, num processo de transferência. Essa transferência pode ocorrer do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, de uma espécie para outra, ou segundo uma relação de analogia (*Poet*. 1457b 6-9).[130]

Nesse ponto, Brandão traz uma importante contribuição a respeito da interpretação referente à introdução das referências da *Poética* por parte de Aristóteles, no seu estudo em que propõe uma investigação sobre o papel da elocução na constituição dos diferentes gêneros discursivos na *Retórica*. Ao analisar o livro III, ele analisa como a escolha das palavras, as figuras de linguagem e outros recursos estilísticos contribuem para a caracterização e distinção entre os discursos filosófico, retórico e poético. Desse modo, ele argumenta que (2000, p. 3) a necessidade de nomear e refletir sobre os novos gêneros de discurso, especialmente os prosaicos, só emerge quando esses gêneros começam a ser vistos dentro da tradição da poesia, e, além disso, são esses discursos não poéticos que, paradoxalmente, tendem a se aproximar da própria essência poética, revelando uma conexão inesperada entre formas aparentemente distintas de expressão.

Disso Brandão (2000, p. 13) extrai a conclusão de que a escolha das palavras na retórica precisa se adaptar ao objetivo do discurso. Seja para convencer em um julgamento (passado), influenciar uma decisão política (futuro) ou simplesmente emocionar e instruir (presente, como na poesia), a retórica busca, principalmente nos dois primeiros casos, convencer o público sobre fatos que o público ouvinte não estava presente.

Incorporar esses elementos poéticos no discurso em prosa cumpre então o objetivo de tornar a exposição mais atraente, mantendo o interesse e a atenção do público. Ademais, tal inclusão enriquece a retórica ao permitir que o discurso em prosa alcance um potencial expressivo similar ao da poesia, sem abandonar a clareza exigida pela prática argumentativa. A escolha e a disposição das palavras, orientadas pela teoria poética – obviamente de acordo com

---

[128] Ὀνόματος δὲ εἴδη τὸ μὲν ἁπλοῦν, ἁπλοῦν δὲ λέγω ὃ μὴ ἐκ σημαινόντων σύγκειται, οἷον γῆ, τὸ δὲ διπλοῦν· τούτου δὲ τὸ μὲν ἐκ σημαίνοντος καὶ ἀσήμου, πλὴν οὐκ ἐν τῷ ὀνόματι σημαίνοντος καὶ ἀσήμου, τὸ δὲ ἐκ σημαινόντων σύγκειται.

[129] λέγω δὲ κύριον μὲν ᾧ χρῶνται ἕκαστοι, γλῶτταν δὲ ᾧ ἕτεροι· ὥστε φανερὸν ὅτι καὶ γλῶτταν καὶ κύριον εἶναι δυνατὸν τὸ αὐτό, μὴ τοῖς αὐτοῖς δέ· τὸ γὰρ σίγυνον Κυπρίοις μὲν κύριον, ἡμῖν δὲ γλῶττα.

[130] μεταφορὰ δέ ἐστιν ὀνόματος ἀλλοτρίου ἐπιφορὰ ἢ ἀπὸ τοῦ γένους ἐπὶ εἶδος ἢ ἀπὸ τοῦ εἴδους ἐπὶ τὸ γένος ἢ ἀπὸ τοῦ εἴδους ἐπὶ εἶδος ἢ κατὰ τὸ ἀνάλογον.

a demanda do público ouvinte –, tornam-se ferramentas para intensificar o poder persuasivo, permitindo que ele combine precisão com a beleza e a prosódia contidas no discurso. As palavras do próprio filósofo, pode-se argumentar, são ilustrativas dessa linha de raciocínio em um longo trecho, mas que vale a pena reproduzir aqui:

> Nomes e verbos são os entes constituintes do discurso e, dentre nomes de tipo específico discutidos na Poética, deve-se usar poucas vezes e em poucas ocasiões os insólitos, os compostos e os neologismos (falaremos mais adiante onde e porque aplicá-los, pois distam muito do apropriado); somente são úteis ao discurso em prosa as palavras correntes, familiares e metáforas. Um sinal disso é que todos os oradores utilizam somente estes em seus discursos, pois todas as pessoas usam metáforas e palavras correntes e familiares quando dialogam, de modo que se alguém faz isso corretamente haverá algo de estrangeiro em seu discurso, sua artificialidade será oculta e possuirá clareza: e esta é a virtude do discurso retórico (*Rhet*. 1404b 26-37).[131]

Desse modo, a metáfora, na análise da elocução feita por Aristóteles no livro III, destaca-se como um recurso fundamental para o discurso em prosa, permitindo ao rétor adaptar seu estilo de maneira a capturar o interesse e a atenção do público. Além disso, ao trazer à prosa uma dimensão poética, a metáfora intensifica o poder expressivo do discurso, sem comprometer sua clareza e acessibilidade, características indispensáveis na retórica aristotélica. O Estagirita afirma, tal como se verifica a partir das duas citações supra, que o uso de metáforas bem selecionadas pode conferir um "caráter estrangeiro" ao discurso, ao passo que mantém um tom familiar e compreensível, criando uma experiência ao mesmo tempo cativante e intelectualmente acessível para o ouvinte. Esse efeito de estranhamento moderado não apenas torna o conteúdo mais memorável, mas também contribui para que o discurso em prosa alcance um grau de expressividade comparável ao da poesia, explorando uma figura de linguagem, isto é, a metáfora, que auxilia a clarificar e reforçar as ideias apresentadas. Essa linha de raciocínio parece estar expressa pouco adiante no texto de Aristóteles:

> Ao discursar em prosa, no entanto, deve-se ainda mais estar atento às metáforas, pois a prosa tem menos recursos do que a fala metrificada; é da metáfora, acima de tudo, e de mais nada além dela, que se pode obter a clareza, o deleite e a "estrangeiridade". Deve-se, no entanto, falar a partir de metáforas e epítetos cabíveis. Estas são oriundas daquilo que é análogo. Quando não são cabíveis, parecerão ser impróprias, pois os

[131] ὄντων δ' ὀνομάτων καὶ ῥημάτων ἐξ ὧν ὁ λόγος συνέστηκεν, τῶν δὲ ὀνομάτων τοσαῦτ' ἐχόντων εἴδη ὅσα τεθεώρηται ἐν τοῖς περὶ ποιήσεως, τούτων γλώτταις μὲν καὶ διπλοῖς ὀνόμασι καὶ πεποιημένοις ὀλιγάκις καὶ ὀλιγαχοῦ χρηστέον (ὅπου δέ, ὕστερον ἐροῦμεν, τό τε διὰ τί εἴρηται· ἐπὶ τὸ μεῖζον γὰρ ἐξαλλάττει τοῦ πρέποντος), τὸ δὲ κύριον καὶ τὸ οἰκεῖον καὶ μεταφορὰ μόνα χρήσιμα πρὸς τὴν τῶν ψιλῶν λόγων λέξιν. σημεῖον δ' ὅτι τούτοις μόνοις πάντες χρῶνται· πάντες γὰρ μεταφοραῖς διαλέγονται καὶ τοῖς οἰκείοις καὶ τοῖς κυρίοις, ὥστε δῆλον ὡς ἂν εὖ ποιῇ τις, ἔσται τε ξενικὸν καὶ λανθάνειν ἐνδέξεται καὶ σαφηνιεῖ· αὕτη δ'ἦν ἡ τοῦ ῥητορικοῦ λόγου ἀρετή.

> contrários parecem ainda mais contrários quando postos de lado a lado (*Rhet*. 1405a 6-13).[132]

Nesse ponto, Aristóteles faz uma ressalva importante: a metáfora na prosa cumpre um papel distinto do uso poético. Dentro da arte dos discursos, a metáfora deve ser moderada e funcional, voltada para a clareza e adequação ao tema tratado, mantendo o foco na persuasão lógica e emocional do público – ou ao menos facilitar esse processo. Então pode-se inferir a partir do texto de Aristóteles que a metáfora, ao ser usada com parcimônia e com propósito, preserva a natureza do discurso em prosa, evitando um excesso de artificialidade que poderia comprometer a comunicação direta e eficiente com o público. Ao proporcionar analogias e imagens vívidas, a metáfora no discurso retórico torna-se uma ferramenta poderosa para a argumentação, oferecendo uma ponte entre o conteúdo lógico e a experiência sensorial dos ouvintes. Esse uso cuidadoso e estratégico da metáfora destaca a capacidade de combinar o rigor do discurso lógico com a estética da expressão poética, uma síntese que Aristóteles considera vital para a retórica, sobretudo ao reconhecer que, mesmo na prosa, a beleza do discurso é uma aliada indispensável da persuasão.

Aristóteles também coloca o símile (εἰκών) como uma espécie de metáfora, já que pouco se difere dela (*Rhet*. 1406b 20);[133] além disso, o símile deveria ser aplicado com maior parcimônia e com menor frequência no discurso em prosa, já que é poético (*Rhet*. 1406b 24-25).[134] Tal como argumentado por Ricœur (1996, p. 337-338), Aristóteles não utiliza a metáfora como fundamento para explicar a comparação; ao contrário, suas análises indicam que a comparação é que desempenha um papel mais fundamental, situando-se acima da metáfora em importância. Segundo o autor, isso leva à conclusão de que a subordinação explícita do símile à metáfora é possível apenas porque esta apresenta a polaridade dos termos em uma forma abreviada: o elemento comum à metáfora e ao símile é a assimilação que serve de base para a transferência de nomes, ou seja, é a apreensão de uma identidade dentro da diferença entre dois termos.

Desse modo, pode-se argumentar que a metáfora – similarmente ao que ocorreu com a declamação – também é outro ponto que fundamenta a inclusão da elocução no contexto do livro III. Ocorre que tal inserção acarreta maiores problemas quanto à consistência em relação

---

[132] τοσούτῳ δ' ἐν λόγῳ δεῖ μᾶλλον φιλοπονεῖσθαι περὶ αὐτῶν, ὅσῳ ἐξ ἐλαττόνων βοηθημάτων ὁ λόγος ἐστὶ τῶν μέτρων· καὶ τὸ σαφὲς καὶ τὸ ἡδὺ καὶ τὸ ξενικὸν ἔχει μάλιστα ἡ μεταφορά, καὶ λαβεῖν οὐκ ἔστιν αὐτὴν παρ'ἄλλου. δεῖ δὲ καὶ τὰ ἐπίθετα καὶ τὰς μεταφορὰς ἁρμοττούσας λέγειν. τοῦτο δ' ἔσται ἐκ τοῦ ἀνάλογον· εἰ δὲ μή, ἀπρεπὲς φανεῖται διὰ τὸ παρ' ἄλληλα τὰ ἐναντία μάλιστα φαίνεσθαι.

[133] Ἔστιν δὲ καὶ ἡ εἰκὼν μεταφορά· διαφέρει γὰρ μικρόν·

[134] χρήσιμον δὲ ἡ εἰκὼν καὶ ἐν λόγῳ, ὀλιγάκις δέ· ποιητικὸν γάρ.

aos livros anteriores, pois aqui Aristóteles se distancia da afinidade com a dialética estabelecida desde o início da obra. Ademais, esse ponto comum entre a retórica e a poética evidencia uma tensão interna na obra, pois a inserção de elementos estilísticos introduz um aspecto mais direcionado para o efeito estético e emocional sobre o público, em detrimento da persuasão.

O Estagirita também posiciona a metáfora como um recurso importante para a elocução, capaz de tornar o discurso mais atraente, mantendo um tom ao mesmo tempo acessível e cativante. Entretanto, ele também ressalta que a metáfora, quando utilizada de forma comedida, preserva o foco no conteúdo lógico do discurso. Essa síntese entre clareza e beleza, promovida pela metáfora, revela que o livro III proporciona uma abordagem adaptativa ao gosto do público ouvinte, na qual o rétor ideal deve dominar tanto os princípios lógicos da argumentação quanto a arte de moldar o discurso de maneira a envolver e persuadir seu público de forma eficaz.

Ao longo das considerações de Aristóteles sobre o livro III, a *Poética* ainda se manifesta como uma referência, pois ele insiste em comparar o discurso poético com o discurso em prosa, ressaltando aquilo que é mais fundamental ao segundo em relação ao primeiro. Isso se expressa quando ele apresenta a estrutura da elocução, afirmando que o discurso deve conter ritmo, mas não a ponto de ser metrificado, pois, do contrário, seria poesia (*Rhet*. 1408b 21-22).[135] Esse limite permite ao discurso em prosa incorporar elementos estéticos sem perder a clareza e o foco persuasivo necessários para alcançar a audiência. A inclusão desse ritmo controlado faz com que a elocução adquira uma cadência agradável, mas que se mantenha adequada aos propósitos práticos da arte da retórica, que é a persuasão do público ouvinte.

Por essas razões apresentadas ao longo desta seção, o livro III da *Retórica* acaba se distanciando da estrutura dialética que Aristóteles procurou sustentar nos livros anteriores. A ênfase na elocução, com sua atenção aos recursos da declamação, clareza, metáfora e ao ritmo do discurso, aproxima-se mais daquilo que o filósofo apresenta na *Poética* do que da lógica argumentativa típica da dialética que é apresentada nos *Tópicos* – e que qualifica a retórica como uma arte. Apesar dos esforços de Aristóteles para demonstrar a relevância da elocução e de suas características para a eficácia persuasiva, os pontos de convergência entre a retórica e a poética tornam-se mais evidentes, caminhando, assim, para que a arte dos discursos ocupe uma zona cinzenta entre um ramo da dialética e um ramo das artes poéticas. Assim sendo, embora ele busque justificar a elocução como uma necessidade prática para cativar e persuadir o público, o livro III revela uma tensão interna: ao incorporar recursos poéticos contidos na

[135] Τὸ δὲ σχῆμα τῆς λέξεως δεῖ μήτε ἔμμετρον εἶναι μήτε ἄρρυθμον.

elocução, a retórica se desvia da racionalidade dialética e abraça um caráter estético que expande seus limites para além do ideal lógico originalmente pretendido.

Mais adiante no livro III, Aristóteles retoma os três gêneros de discurso – deliberativo, judiciário e epidítico – considerando-os, agora, a partir de suas reflexões sobre a elocução no contexto institucional em que esses discursos eram proferidos. Essa retomada sugere uma abordagem que não apenas considera a eficácia persuasiva do estilo, mas também a adequação da elocução ao espaço em que o discurso ocorre, seja ele público ou privado – apesar da clara primazia do primeiro –, escrito ou oral. Nesse sentido, Aristóteles parece enfatizar que cada gênero de discurso demanda uma elocução apropriada, adaptada tanto ao objetivo quanto ao ambiente em que é expressa. Assim, a elocução, além de contribuir para a persuasão de um determinado público, é colocada no centro da discussão sobre a adequação discursiva, fundamental para que o discurso atenda às expectativas e normas institucionais dos tribunais e das assembleias. Isso pode ser verificado a partir do seguinte trecho:

> Não se deve esquecer de que há uma elocução apropriada distinta para cada gênero retórico. A escrita, por exemplo, e o debate não são o mesmo, nem o discurso proferido em meio ao público ou no tribunal. É necessário saber ambos, pois, no caso da escrita, se requer o domínio da língua helênica e, no caso do debate, não é mais preciso se calar quando se deseja transmitir algo a outrem, tal como sofrem aqueles que não sabem escrever. A elocução escrita é a mais precisa, a dos debates é mais declamatória (*Rhet*. 1413b 3-9).[136]

Desse modo, ao retomar os três gêneros de discurso no trecho supracitado, Aristóteles procura ajustar às particularidades de cada contexto institucional em que a retórica é aplicada, quer ele implique juízes de um tribunal ou os presentes em uma assembleia. Além disso, a observação do Estagirita sobre a distinção entre a escrita e o debate oral mostra que a elocução precisa se adequar ao meio e ao público-alvo: enquanto a escrita exige maior precisão, o discurso proferido oralmente, em meio a uma audiência ou em um julgamento, requer uma abordagem mais declamatória e adaptada ao público ouvinte. Essa diferença, segundo Aristóteles, não se limita ao formato do discurso, mas reflete a intenção de alcançar a clareza e a eficácia necessárias em cada situação específica. Assim o filósofo parece inferir que a retórica é uma arte que, para alcançar sua finalidade de persuadir, precisa ser apropriada ao seu contexto de uso, evidenciando o compromisso de ajustar a linguagem e o estilo às circunstâncias e às necessidades dos ouvintes.

---

[136] Δεῖ δὲ μὴ λεληθέναι ὅτι ἄλλη ἑκάστῳ γένει ἁρμόττει λέξις. οὐ γὰρ ἡ αὐτὴ γραφικὴ καὶ ἀγωνιστική, οὐδὲ δημηγορικὴ καὶ δικανική. ἄμφω δὲ ἀνάγκη εἰδέναι· τὸ μὲν γάρ ἐστιν ἑλληνίζειν ἐπίστασθαι, τὸ δὲ μὴ ἀναγκάζεσθαι κατασιωπᾶν ἄν τι βούληται μεταδοῦναι τοῖς ἄλλοις, ὅπερ πάσχουσιν οἱ μὴ ἐπιστάμενοι γράφειν. ἔστι δὲ λέξις γραφικὴ μὲν ἡ ἀκριβεστάτη, ἀγωνιστικὴ δὲ ἡ ὑποκριτικωτάτη [...].

O próprio Aristóteles ainda procura aprofundar neste tema referente às adaptações que a elocução deve sofrer em cada gênero de discurso, especialmente no que se refere ao seu propósito e ao público a que se destina. No discurso deliberativo, que ocorre geralmente diante de grandes multidões, a elocução deve ser mais impactante e menos precisa, uma vez que é preciso se comunicar de forma eficaz com uma audiência distante e numerosa. Já no discurso judiciário, que se dá diante de um ou poucos juízes, a precisão torna-se fundamental, pois o julgamento exige a análise minuciosa dos argumentos apresentados. O Estagirita enfatiza que, quanto maior a multidão, menos precisão é necessária, enquanto nos cenários judiciais, onde há espaço para uma análise detalhada, a elocução deve ser mais cuidadosa e direta. Essa diferenciação reforça a ideia de que a arte dos discursos não é apenas um conjunto de práticas fixas, mas uma arte adaptável, que deve moldar-se tanto ao conteúdo como à natureza do público e do ambiente em que é proferida – o que, em grande medida, reforça a coerência com a definição de retórica elaborada no livro I como a habilidade de encontrar os meios de persuasão em cada caso. Nas palavras do próprio filósofo:

> A elocução deliberativa é idêntica ao cenário de um palco: quanto maior é a multidão, mais distante é a vista, e por isso que a precisão parece ser, em ambos os casos, exagerada e pior. A elocução judiciária, porém, é a mais precisa, e mais ainda se diante de um único juiz: é aqui que menos se pode empregar a retórica, pois se pode perceber de uma única vez o que é pertinente ou alheio à questão; como não há disputa, mais genuíno é o julgamento. Por isso que os mesmos oradores não se notabilizam em todos os tipos de discurso: onde há mais declamação, ali haverá menos precisão. É aqui onde a voz tem mais importância, principalmente as mais possantes (*Rhet*. 1414a 8-17).[137]

Portanto, pode-se concluir do presente subcapítulo que, embora Aristóteles busque uma fundamentação racional para a arte da retórica, o conteúdo do livro III se distancia consideravelmente da dialética, abordagem central dos dois primeiros livros. As aproximações feitas à dialética não são contínuas, ocorrendo apenas referências de maneira esparsa, e somente no último capítulo dedicado à λέξις há uma clara retomada dos três gêneros de discurso, de tal modo que a ênfase nas qualidades estéticas da elocução, tais como a declamação, o uso controlado de metáforas e o ritmo, revela uma tensão entre a idealização de uma retórica racional e a necessidade prática de conquistar o público por meio de recursos estilísticos que remetem mais ao que é abordado na obra da *Poética* do que à dialética.

---

[137] ἡ μὲν οὖν δημηγορικὴ λέξις καὶ παντελῶς ἔοικεν τῇ σκιαγραφίᾳ· ὅσῳ γὰρ ἂν πλείων ᾖ ὁ ὄχλος, πορρώτερον ἡ θέα, διὸ τὰ ἀκριβῆ περίεργα καὶ χείρω φαίνεται ἐν ἀμφοτέροις· ἡ δὲ δικανικὴ ἀκριβεστέρα. ἔτι δὲ μᾶλλον ἡ <ἐν> ἑνὶ κριτῇ· ἐλάχιστον γὰρ ἔνεστι ῥητορικῆς· εὐσύνοπτον γὰρ μᾶλλον τὸ οἰκεῖον τοῦ πράγματος καὶ τὸ ἀλλότριον, καὶ ὁ ἀγὼν ἅπεστιν, ὥστε καθαρὰ ἡ κρίσις. διὸ οὐχ οἱ αὐτοὶ ἐν πᾶσιν τούτοις εὐδοκιμοῦσιν ῥήτορες· ἀλλ' ὅπου μάλιστα ὑπόκρισις, ἐνταῦθα ἥκιστα ἀκρίβεια ἔνι. τοῦτο δὲ ὅπου φωνῆς, καὶ μάλιστα ὅπου μεγάλης.

4.3 Sobre as características da taxis

No subcapítulo anterior procurou-se analisar as características da elocução, buscando avaliar em que medida a elocução está em coerência com a relação de afinidade que Aristóteles estabelece entre a arte da retórica e a dialética. Interessante notar que, diferentemente da elocução, que diz respeito ao estilo e à maneira como as ideias são comunicadas, a disposição aborda a organização e o ordenamento das partes do discurso, pois, exceto em casos em que o discurso é proferido de maneira improvisada, uma fala deve ser em regra organizada. Vejamos o que é dito a respeito da divisão do discurso:

> As partes do discurso são duas: é necessário dizer seu assunto e, depois, demonstrá-lo. Por isso é impossível dizê-lo sem demonstrá-lo ou demonstrá-lo sem declará-lo: quem demonstra algo demonstra, e quem declara algo, declara para demonstrá-lo. As partes do discurso são a da introdução e a dos argumentos, tal como se dividem o problema e a demonstração (*Rhet*. 1414a 31-37).[138]

Kennedy (1994, p. 229), ao introduzir esse último bloco temático da *Retórica*, procura esclarecer como se define a disposição dentro da noção do Estagirita: o discurso deve consistir em partes, cada uma desempenhando uma função específica, mas unidas em uma unidade artística – sem perder de vista que a disposição dessas partes varia de acordo com as convenções do discurso público em diferentes sociedades, a ocasião, a percepção sobre o conhecimento do público, sobre o assunto e sua atitude, bem como o caráter e estilo individuais.

No entanto, antes de abordar os detalhes sobre a disposição, Aristóteles retoma os três gêneros do discurso, apresentando uma crítica aos manuais de retórica anteriores. Segundo Rapp (2002, p. 955), Aristóteles equipara os teóricos que enfatizavam a influência das emoções àqueles que se ocupavam em estabelecer regras para as partes do discurso. Para o Estagirita, ambos compartilhavam uma abordagem semelhante: buscavam a persuasão em elementos externos à questão em si, ou seja, concentravam-se em aspectos que, em sua visão, não eram intrínsecos ao discurso propriamente dito. Porém, assim como ele considerou as emoções dignas de estudo em um contexto diferente, apesar do julgamento emitido no primeiro capítulo do livro I, da mesma forma o filósofo se volta para as partes do discurso nesse capítulo da *Retórica*, onde se lê:

---

[138] ἔστι δὲ τοῦ λόγου δύο μέρη· ἀναγκαῖον γὰρ τό τε πρᾶγμα εἰπεῖν περὶ οὗ, καὶ τοῦτ' ἀποδεῖξαι. διὸ εἰπόντα μὴ ἀποδεῖξαι ἢ ἀποδεῖξαι μὴ προειπόντα ἀδύνατον· ὅ τε γὰρ ἀποδεικνύων τι ἀποδείκνυσι, καὶ ὁ προλέγων ἕνεκα τοῦ ἀποδεῖξαι προλέγει. τούτων δὲ τὸ μὲν πρόθεσίς ἐστι τὸ δὲ πίστις, ὥσπερ ἂν εἴ τις διέλοι ὅτι τὸ μὲν πρόβλημα τὸ δὲ ἀπόδειξις.

> A forma como dividem o discurso hoje é risível, pois a narrativa somente é parte do discurso judiciário; como caberia uma narrativa, tal como a definem, no discurso demonstrativo e deliberativo, ou uma refutação, ou um epílogo ao discurso demonstrativo? E só há proêmio, comparação e recapitulação no discurso deliberativo quando lhe houver oposição. Tanto acusação e defesa são encontrados frequentemente no discurso judiciário, mas não a deliberação; e nele não há, de forma alguma, epílogo, por exemplo, quando o discurso é curto e sua questão é fácil de memorizar, pois ocorre no epílogo uma redução de sua extensão (*Rhet*. 1414a 37-1414b 7).[139]

Tal como se verifica, apesar de Aristóteles retomar os três gêneros do discurso mencionados no livro I – deliberativo, judiciário e epidítico ou demonstrativo –, essa retomada, no contexto da discussão sobre a disposição, não é aprofundada, ao invés, ela se limita a evocar esses gêneros, mas logo volta a uma análise das partes do discurso. Esse movimento, pode-se sustentar, reflete uma tentativa de Aristóteles de integrar as discussões anteriores sobre os gêneros do discurso à estrutura do discurso em si, porém sem expandir essa integração para além de uma breve referência. A continuidade com os livros I-II, portanto, parece tênue, pois, embora o filósofo estabeleça uma conexão inicial, ele rapidamente desvia para aspectos específicos da composição retórica, mantendo assim uma unidade frouxa entre os livros e revelando, talvez, uma dificuldade em alinhar plenamente os gêneros do discurso com os propósitos do livro III.

Assim como na abordagem da elocução, as referências à dialética em relação à τάξις são esparsas e surgem apenas de forma indireta ao longo do livro III. Como pôde ser verificado a partir dos trechos citados, Aristóteles menciona os três gêneros de discurso, mas a conexão com os princípios dialéticos discutidos nos livros anteriores – e que fazem da retórica uma arte – é feita sem aprofundamento, ou, ao menos, foge daquilo que o leitor esperaria de acordo com o que foi sustentado ao longo da obra. Além disso, a afinidade dessa arte com a dialética se perde no decorrer das considerações do filósofo sobre a disposição, que tendem a focar mais nos aspectos estruturais e práticos da organização do discurso, logo, tal abordagem, enquanto pragmática, compromete a coesão teórica da obra, criando uma lacuna entre a concepção da retórica como uma arte próxima da dialética e a atenção dada à organização do discurso.[140]

---

[139] νῦν δὲ διαιροῦσι γελοίως· διήγησις γάρ που τοῦ δικανικοῦ μόνου λόγου ἐστίν, ἐπιδεικτικοῦ δὲ καὶ δημηγορικοῦ πῶς ἐνδέχεται εἶναι διήγησιν οἵαν λέγουσιν, ἢ τὰ πρὸς τὸν ἀντίδικον, ἢ ἐπίλογον τῶν ἀποδεικτικῶν; προοίμιον δὲ καὶ ἀντιπαραβολὴ καὶ ἐπάνοδος ἐν ταῖς δημηγορίαις τότε γίνεται ὅταν ἀντιλογία ᾖ. καὶ γὰρ ἡ κατηγορία καὶ ἡ ἀπολογία πολλάκις, ἀλλ' οὐχ ἡ συμβουλή· ἀλλ' ὁ ἐπίλογος ἔτι οὐδὲ δικανικοῦ παντός, οἷον ἐὰν μικρὸς ὁ λόγος ἢ τὸ πρᾶγμα εὐμνημόνευτον· συμβαίνει γὰρ τοῦ μήκους ἀφαιρεῖσθαι.

[140] Seguindo a interpretação de Manuel Alexandre Júnior, a partir desta seção, as divergências entre as ideias apresentadas e o que foi discutido nos capítulos anteriores se intensificam de forma notável. Essa discrepância se manifesta, principalmente, na frequência e variedade dos exemplos práticos utilizados por Aristóteles para ilustrar seus argumentos.

Essa fragmentação se torna ainda mais evidente quando Aristóteles limita-se a sugerir qual parte do discurso é mais adequada a cada gênero, sem desenvolver uma ligação entre a estrutura do discurso e os fundamentos lógicos, isto é, como o rétor poderia, ao menos, inserir os entimemas e os exemplos nesse contexto. Seguindo esta linha de raciocínio, a ausência de um tratamento mais detalhado indicaria que, embora a composição seja uma parte necessária do discurso – devendo se adaptar a cada um dos três gêneros –, a disposição é tratada de forma predominantemente independente da análise lógica, acentuando as inconsistências entre o livro III e os anteriores.

Dando seguimento ao texto de Aristóteles, ele explora as partes essenciais do discurso:

> As partes necessárias do discurso são, portanto, a introdução e os argumentos. Esses são seus elementos particulares e, no máximo, pode ser constituído de proêmio, introdução, argumentos e epílogo; a contestação é parte dos argumentos, e a comparação é uma amplificação dos argumentos, de modo que lhes é parte: quem compara demonstra algo; no caso do proêmio e do epílogo, porém, apenas rememora. Estará, desse modo, quem dividir o discurso nessas partes, à maneira dos que fazem como Teodoro: narrativa distinta, pós-narração e pré-narração, e refutação e pós-refutação (*Rhet*. 1414b 7-15).[141]

Desse modo, tal como se verifica pelas palavras do Estagirita, o discurso pode ser dividido em introdução ou proêmio, argumentos e epílogo, sendo a contestação e a comparação partes subordinadas aos argumentos. Essa divisão revela uma preocupação com a funcionalidade de cada seção dentro do todo, em que a comparação e a refutação servem para fortalecer os argumentos principais, enquanto o proêmio e o epílogo se concentram em reforçar e lembrar as ideias centrais, preparando o ouvinte para absorver e recordar as proposições apresentadas.

Estabelecidas, então, as partes essenciais do discurso, os capítulos seguintes do livro III abordam cada uma dessas partes descritas acima. Aristóteles começa com o proêmio, abordando-o dentro do papel que exerce nos gêneros do discurso aos quais ele se aplica:

> O proêmio é o começo do discurso, assim como o prólogo na poesia e o prelúdio no flauteio, pois todos esses são começos, e abrem o caminho para o que segue. O prelúdio é como o proêmio dos discursos demonstrativos: os flautistas, ao iniciarem o flauteio, unem à nota principal aquilo que mais bem (*sic*) souberem flautear; e assim também se deve compor, no discurso demonstrativo, o que se deseja falar no início, dar seu tema principal e uni-los, como todos fazem (*Rhet*. 1414b 19-26).[142]

---

[141] ἀναγκαῖα ἄρα μόρια πρόθεσις καὶ πίστις. ἴδια μὲν οὖν ταῦτα, τὰ δὲ πλεῖστα προοίμιον πρόθεσις πίστις ἐπίλογος· τὰ γὰρ πρὸς τὸν ἀντίδικον τῶν πίστεών ἐστι, καὶ ἡ ἀντιπαραβολὴ αὔξησις τῶν αὐτοῦ, ὥστε μέρος τι τῶν πίστεων (ἀποδείκνυσι γάρ τι ὁ ποιῶν τοῦτο), ἀλλ' οὐ τὸ προοίμιον, οὐδ' ὁ ἐπίλογος, ἀλλ' ἀναμιμνήσκει. ἔσται οὖν, ἄν τις τὰ τοιαῦτα διαιρῇ, ὅπερ ἐποίουν οἱ περὶ Θεόδωρον, διήγησις ἕτερον καὶ [ἡ] ἐπιδιήγησις καὶ προδιήγησις, καὶ ἔλεγχος καὶ ἐπεξέλεγχος.

[142] Τὸ μὲν οὖν προοίμιόν ἐστιν ἀρχὴ λόγου, ὅπερ ἐν ποιήσει πρόλογος καὶ ἐν αὐλήσει προαύλιον· πάντα γὰρ ἀρχαὶ ταῦτ' εἰσί, καὶ οἷον ὁδοποίησις τῷ ἐπιόντι. τὸ μὲν οὖν προαύλιον ὅμοιον τῷ τῶν ἐπιδεικτικῶν προοιμίῳ· καὶ γὰρ

É interessante notar a partir do trecho supra como o Estagirita considera o gênero demonstrativo especialmente adequado ao uso do proêmio. Nesse tipo de discurso, que tem por objetivo celebrar virtudes ou censurar ações e características, o proêmio cumpre a função de introduzir o tema e preparar o ouvinte para uma recepção mais clara e coesa do conteúdo. Mais do que um simples início, o proêmio atua como uma ponte que conecta a abertura ao tema central do discurso, dando ao rétor a oportunidade de orientar as primeiras impressões do público em relação ao que será exposto.

Grande parte da eficácia persuasiva no gênero epidítico reside em induzir o ouvinte a aceitar o elogio ou a censura como verdades, criando um efeito duradouro e emocionalmente envolvente; assim, o proêmio encontra aí uma aplicação especialmente adequada. Diferentemente dos discursos deliberativos, voltados a aconselhar ações futuras, ou dos judiciários, que buscam resolver disputas, o discurso demonstrativo se constrói para valorizar ou depreciar, desde a abertura, determinadas virtudes ou defeitos, estabelecendo, logo no início, uma base valorativa que orienta a recepção da audiência ao longo do discurso. Em tese, seria possível que essa orientação inicial fosse formalizada pela figura do entimema, que reforçaria a coerência lógica entre o proêmio e o desenvolvimento das ideias centrais, sustentando o elogio ou a censura com inferências bem-delimitadas. No entanto, Aristóteles não explora essa possibilidade em seu tratamento ao longo da *Retórica*, o que impede uma conclusão direta sobre a aplicação do entimema neste ponto; a inferência, por isso, permanece como uma hipótese, não plenamente fundamentada no texto aristotélico. Isso pode ser verificado a partir das seguintes linhas que encerram as considerações de Aristóteles sobre o proêmio:

> No discurso demonstrativo deve-se fazer o ouvinte acreditar que ele compartilha do elogio, ou ele, ou sua família, ou seus interesses, de uma maneira ou de outra. Por isso disse Sócrates em seu epitáfio – e isso é verdade – que não é difícil elogiar atenienses diante de atenienses, mas diante de Lacedemônios. Os proêmios dos discursos deliberativos vêm dos judiciários, mas é natural que sejam poucos, pois os ouvintes sabem do que tratam os discursos, e a questão carece de proêmio nenhum, senão por causa do próprio orador ou dos oponentes, ou se o ouvinte se importa mais ou menos com o tema da deliberação, de modo que o orador provoca ou dissolve calúnias, aumenta ou minimiza a questão (*Rhet*. 1415b 28-38).[143]

οἱ αὐληταί, ὅ τι ἂν εὖ ἔχωσιν αὐλῆσαι, τοῦτο προαυλήσαντες συνῆψαν τῷ ἐνδοσίμῳ, καὶ ἐν τοῖς ἐπιδεικτικοῖς λόγοις δεῖ οὕτως γράφειν, ὅ τι [γὰρ] ἂν βούληται εὐθὺ εἰπόντα ἐνδοῦναι καὶ συνάψαι, ὅπερ πάντες ποιοῦσιν.

[143] ἐν δὲ τοῖς ἐπιδεικτικοῖς οἴεσθαι δεῖ ποιεῖν συνεπαινεῖσθαι τὸν ἀκροατήν, ἢ αὐτὸν ἢ γένος ἢ ἐπιτηδεύματ' αὐτοῦ ἢ ἄλλως γέ πως· ὃ γὰρ λέγει Σωκράτης ἐν τῷ ἐπιταφίῳ, ἀληθές, ὅτι οὐ χαλεπὸν Ἀθηναίους ἐν Ἀθηναίοις ἐπαινεῖν, ἀλλ' ἐν Λακεδαιμονίοις. τὰ δὲ τοῦ δημηγορικοῦ ἐκ τῶν τοῦ δικανικοῦ λόγου ἐστίν, φύσει δὲ ἥκιστα ἔχει· καὶ γὰρ καὶ περὶ οὗ ἴσασιν, καὶ οὐδὲν δεῖται τὸ πρᾶγμα προοιμίου, ἀλλ' ἢ δι' αὐτὸν ἢ τοὺς ἀντιλέγοντας, ἢ ἐὰν μὴ ἡλίκον βούλει ὑπολαμβάνωσιν, ἀλλ' ἢ μεῖζον ἢ ἔλαττον, διὸ ἢ διαβάλλειν ἢ ἀπολύεσθαι ἀνάγκη, καὶ ἢ αὐξῆσαι ἢ μειῶσαι.

Aristóteles dá continuidade à elocução, abordando em seguida a narração, ainda dentro do contexto dos gêneros do discurso. Kennedy (1994, p. 238) ressalta que o termo grego διήγησις significa literalmente "conduzir através" dos fatos, sendo, inclusive, comum distinguir a narração como parte de um discurso, que significa qualquer relato de uma sequência de eventos. No entanto, há de se ressaltar que, quanto a este tema, a consideração de Aristóteles é curta, apenas retomando alguns elementos da elocução, tais como a clareza, pois isso facilitaria ao público a memorização das informações contidas no discurso. Para tanto, a narrativa não deveria, idealmente, ser apresentada de maneira contínua, tal como se verifica nas seguintes linhas:

> A narração dos discursos demonstrativos não é contígua, mas segmentada: nela se deve percorrer as ações a partir das quais se faz o discurso, pois o discurso se compõe de uma parte inartificial (não sendo o falante a causa das ações) e outra vinda da arte, sendo esta demonstrar que algo existe, se for incrível, ou qual seu tipo, ou qual sua quantidade, ou tudo isso. Por isso não se deve narrar tudo de maneira contígua, pois demonstrar dessa forma é ruim para a memorização: por dados argumentos alguém é forte, e por outros é sábio ou justo (*Rhet*. 1416b 16-24).[144]

Neste ponto do texto, as inconsistências na exposição de Aristóteles tornam-se mais evidentes, especialmente diante da quantidade de exemplos práticos que ele fornece, os quais parecem contradizer sua própria premissa de que cabe ao rétor descobrir os meios de persuasão mais apropriados para cada situação. Ao oferecer instruções sobre como estruturar o discurso, o filósofo fornece diretrizes que, longe de permitirem uma ampla liberdade, acabam por sugerir um modelo rígido. Dessa forma, o Estagirita parece limitar a autonomia do rétor ao estabelecer fórmulas estruturais que, embora úteis para a prática do discurso, introduzem uma rigidez que desafia a própria natureza inventiva e adaptativa da retórica como uma arte.

O capítulo seguinte do livro III não é tão diferente do anterior quanto às inconsistências. Kennedy (1994, p. 242) aponta que esse capítulo é um tanto quanto divagante: começa com uma discussão sobre provas em discursos judiciais, passa para os discursos demonstrativos ou epidíticos e deliberativos e as diferenças entre as espécies, retorna a estes últimos, comenta a refutação e termina com mais observações sobre a apresentação do caráter do rétor (isto é, a via de persuasão do ἦθος). Resultaria dessa linha de raciocínio, então, que a retórica não é uma arte concebida estritamente nos termos da dialética.

---

[144] [...] διήγησις δ' ἐν μὲν τοῖς ἐπιδεικτικοῖς ἐστιν οὐκ ἐφεξῆς ἀλλὰ κατὰ μέρος· δεῖ μὲν γὰρ τὰς πράξεις διελθεῖν ἐξ ὧν ὁ λόγος· σύγκειται γὰρ ἔχων ὁ λόγος τὸ μὲν ἄτεχνον (οὐθὲν γὰρ αἴτιος ὁ λέγων τῶν πράξεων), τὸ δ' ἐκ τῆς τέχνης· τοῦτο δ' ἐστὶν ἢ ὅτι ἔστι δεῖξαι, ἐὰν ᾖ ἄπιστον, ἢ ὅτι ποιόν, ἢ ὅτι ποσόν, ἢ καὶ ἅπαντα. διὰ δὲ τοῦτ' ἐνίοτε οὐκ ἐφεξῆς δεῖ διηγεῖσθαι πάντα, ὅτι δυσμνημόνευτον τὸ δεικνύναι οὕτως· ἐκ μὲν οὖν τούτων ἀνδρεῖος, ἐκ δὲ τῶνδε σοφὸς ἢ δίκαιος.

O último capítulo com grande relevância no livro III é justamente o final da obra, em que Aristóteles aborda o epílogo. Assim Aristóteles descreve como um discurso deve ter o seu desfecho:

> O epílogo é feito de quatro partes: garantir para si a graça do ouvinte e rejeição ao oponente, amplificar e rebaixar, fomentar as paixões do ouvinte, e recapitular o discurso. É natural, portanto, após demonstrar que se é verdadeiro e que o oponente é falso, elogiar a si, censurar o oponente e fechar com chave de ouro. Deve-se buscar uma dentre duas coisas: ou demonstrar que se é totalmente bom e que o oponente é totalmente mau, ou que se é consideravelmente bom e o oponente consideravelmente mau (*Rhet*. 1419b 10-17).[145]

Note-se a partir deste trecho que Aristóteles, ao contrário de uma análise abrangente que considere a conveniência dessa parte em cada gênero de discurso, parece concentrar sua argumentação principalmente no contexto jurídico. O Estagirita descreve o epílogo como composto de quatro elementos principais: ganhar a simpatia do público, rejeitar o oponente, amplificar ou atenuar pontos do discurso e recapitular os argumentos principais, de tal modo que essas orientações são especialmente aplicáveis ao discurso judiciário, no qual precisa persuadir o tribunal, construindo uma imagem positiva de si e negativa do oponente para influenciar o julgamento. Mesmo assim, o epílogo pode ser útil em qualquer gênero de discurso em que uma recapitulação dos pontos principais seja necessária para reforçar o argumento e facilitar a retenção das ideias pelo público.

No que concerne ao epílogo, então, o Estagirita apresenta de modo vago e conciso um fechamento do discurso voltado principalmente para o contexto jurídico, sem considerar a aplicação específica dessa parte em outros gêneros. Essa ausência de uma análise mais completa reforça a ideia de que este bloco final da obra prioriza a eficácia prática da organização discursiva em detrimento de uma coesão teórica com os princípios dialéticos discutidos anteriormente. Nesse sentido, a análise parece ter consistência apenas em relação aos gêneros do discurso, enquanto a ligação entre a arte da retórica e dialética, essencial nos livros I e II, torna-se cada vez mais tênue, e, consequentemente, o livro III se apresenta como um complemento pragmático à teoria retórica de Aristóteles, mas um tanto desconectado do ideal dialético que fundamenta as bases dessa arte nos primeiros livros da obra.

---

[145] Ὁ δ' ἐπίλογος σύγκειται ἐκ τεττάρων, ἔκ τε τοῦ πρὸς ἑαυτὸν κατασκευάσαι εὖ τὸν ἀκροατὴν καὶ τὸν ἐναντίον φαύλως, καὶ ἐκ τοῦ αὐξῆσαι καὶ ταπεινῶσαι, καὶ ἐκ τοῦ εἰς τὰ πάθη τὸν ἀκροατὴν καταστῆσαι, καὶ ἐξ ἀναμνήσεως. πέφυκε γάρ, μετὰ τὸ ἀποδεῖξαι αὐτὸν μὲν ἀληθῆ τὸν δὲ ἐναντίον ψευδῆ, οὕτω τὸ ἐπαινεῖν καὶ ψέγειν καὶ ἐπιχαλκεύειν. δυοῖν δὲ θατέρου δεῖ στοχάζεσθαι, ἢ ὅτι τούτοις ἀγαθὸς ἢ ὅτι ἁπλῶς, ὁ δ' ὅτι κακὸς τούτοις ἢ ὅτι ἁπλῶς.

Desse modo, à guisa de conclusão, a análise da disposição no livro III da *Retórica* revela uma abordagem mais prática por parte de Aristóteles, que se afasta consideravelmente dos princípios dialéticos e da fundamentação lógica explorada nos dois primeiros livros. Enquanto nos capítulos iniciais da obra o Estagirita enfatiza a arte retórica como uma arte próxima da dialética, aqui ele volta sua atenção para a estrutura organizacional do discurso, propondo divisões como o proêmio, a narração, os argumentos e o epílogo, com suas respectivas funções. Observou-se que, embora Aristóteles tenha procurado relacionar cada parte do discurso aos três gêneros – deliberativo, judiciário e epidítico –, as orientações dadas são esparsas e tendem a se limitar a sugestões pontuais sobre qual parte do discurso se adapta melhor a cada gênero, sem explorar uma conexão lógica mais profunda.

5 CONCLUSÃO

No decorrer do que foi exposto ao longo dos quatro capítulos da presente dissertação, procurou-se argumentar que a aproximação que Aristóteles faz entre a dialética e a arte da retórica é fundamental, tanto para resolver o problema do estatuto da retórica deixado por Platão e Isócrates quanto para sistematizar o estudo da arte dos discursos. Dentro dessa linha de raciocínio, é partindo dessa relação de afinidade entre as duas disciplinas que a arte dos discursos pode tomar de empréstimo elementos da lógica para compor os argumentos (πίστεις), que são expressos na figura do entimema e do exemplo, sendo o primeiro o equivalente retórico da dedução (συλλογισμός), e o segundo, da indução (ἐπαγωγή). Em última instância, é devido a essa aproximação que a retórica pode ser considerada uma τέχνη. Ademais, parte considerável da crítica do Estagirita aos manuais de retórica anteriores envolve a questão do seu estatuto, partindo dessa crítica para sustentar o papel fundamental que os entimemas exercem na persuasão.

Aristóteles, ainda, não perde de vista que os discursos eram proferidos predominantemente no contexto público e institucional, isto é, os tribunais e as assembleias, e consegue aplicar a arte da retórica enquanto dependente da dialética nesse espaço. Quanto ao público, então, o Estagirita identifica os três gêneros do discurso, e, por outro lado, as três vias de persuasão, cabendo àquele que profere o discurso discernir sobre qual seria a via mais apropriada para que sua audiência seja persuadida, podendo, inclusive, encontrar um equilíbrio entre elas, pois não se trata de uma classificação estanque.

A partir do que foi abordado ao longo dos capítulos, fica claro que Aristóteles concebe a retórica como uma arte que, ao usar o entimema, o equivalente retórico do silogismo, e o exemplo, sua forma indutiva, como recursos fundamentais para a argumentação, adquire uma relação com os elementos da lógica. É precisamente essa estratégia que permite à retórica se aproximar da dialética. Assim, é possível compreender os motivos pelos quais o próprio filósofo dá maior importância para o entimema, considerando que, ao exigir uma lógica flexível, adaptada ao contexto e ao público, ele mantém a essência da dedução de acordo com as funções da dialética descritas nos *Tópicos*, ao mesmo tempo que se ajusta à realidade persuasiva e contingente ou provável (εἰκός) dos discursos públicos – partindo de premissas comumente aceitas.

Essa posição de Aristóteles ainda se mantém no livro II. Ao reconhecer que as emoções (πάθη) podem ser inegavelmente provocadas a partir do discurso e que o público ouvinte não é apático – dado o contexto institucional em que os discursos eram proferidos –, o Estagirita não

contradiz a premissa inicial de que a retórica deve fundamentar-se em uma estrutura lógica, ao invés, ele apresenta as emoções como uma dimensão complementar ao discurso lógico, reconhecendo que, para a eficácia persuasiva, é necessário considerar o impacto das emoções no julgamento humano. Assim, Aristóteles infere que as emoções respondem a estímulos e julgamentos sobre a situação apresentada, o que lhes confere um caráter cognitivo, de tal modo que o rétor, ao utilizar as emoções de forma adequada, não apenas oferece uma leitura da disposição momentânea dos ouvintes, mas também os leva a considerar o discurso como razoável e apropriado ao contexto, reforçando assim a concepção de que Aristóteles entende as emoções enquanto uma resposta cognitiva.

Aliada às detalhadas considerações de Aristóteles a respeito das emoções, a retomada do entimema nos capítulos finais do livro II é bem significativa dentro da sua noção de retórica, reforçando que, ao se aproximar da dialética, ela é capaz de incorporar elementos estruturais da lógica e nisso constitui o ponto fundamental desta arte. O entimema, enquanto silogismo reduzido, permite que a retórica produza argumentos baseados em premissas verossímeis e comumente aceitas, diferentemente do silogismo estritamente dedutivo presente na dialética, que exige premissas universais e necessárias – não sendo apropriado para longos discursos. Dessa forma, o Estagirita, ao trazer luz para o entimema como núcleo argumentativo da retórica, evidencia a necessidade de que o discurso se oriente por uma lógica adaptada ao contexto e à audiência, o que permite a construção de uma persuasão racional. Consequentemente, esse empréstimo de elementos lógicos é um dos pilares que sustentam a classificação da retórica como uma arte, uma vez que essa aproximação com a dialética possibilita a sistematização do ensino do discurso.

Além disso, ao conceber o entimema como uma ferramenta de dedução adaptada ao contexto dos discursos proferidos predominantemente no âmbito público e institucional da Atenas do período clássico da Antiguidade, Aristóteles reafirma que a arte da retórica reprova a mera manipulação das emoções do público em busca de uma persuasão a qualquer custo – ponto central da sua crítica aos tratados produzidos anteriormente –, de tal modo que essa construção lógica, ancorada na estrutura do entimema, fortalece a concepção de que a arte dos discursos é um ramo da dialética.

No entanto, o livro III representa, de fato, a parte da obra que contém uma análise diferente em comparação com os dois livros anteriores, ao abordar a λέξις e a τάξις. Apesar da tentativa de Aristóteles, no capítulo inicial do livro III, de estabelecer uma conexão com os temas discutidos nos livros anteriores, as inconsistências entre as partes do tratado são frequentes e tornam difícil sustentar a continuidade entre as concepções de retórica e dialética

delineadas no início da obra. Nesse sentido, as referências à afinidade entre a retórica e a dialética tornam-se esparsas quando o Estagirita passa a tratar da elocução e, ainda mais, da disposição, afastando-se da base lógica presente nos dois primeiros livros e aproximando-se mais dos elementos abordados na *Poética*, tornando isso evidente especialmente no tratamento da metáfora, um recurso importante para a expressividade da linguagem poética que Aristóteles integra na elocução do discurso com o intuito de embelezar e intensificar o impacto das palavras, pois a forma como o discurso é exposto influencia a persuasão do público ouvinte.

A maior coerência entre o livro III e os demais reside, então, na retomada dos três gêneros de discurso – deliberativo, judiciário e epidítico –, que permite alguma continuidade com as categorias e finalidades discursivas discutidas anteriormente. Contudo, ainda que essa recuperação dos gêneros represente um ponto de contato com as bases estabelecidas no início da obra, o foco maior nos aspectos estéticos e técnicos da composição parece deixar mais distante a relação da retórica com a dialética, comprometendo, em certa medida, a unidade da obra. Dessa forma, a exploração da metáfora e dos recursos estilísticos, com ênfase em suas qualidades sensoriais e emotivas, aproxima o tratado do que Aristóteles apresenta na *Poética*, sugerindo que a retórica, no contexto do livro III, se afasta dos princípios racionais da dialética e se aproxima mais das demandas estéticas e de apresentação que visam capturar a atenção e sensibilizar o público.

Conclui-se, então, que a obra *Retórica* de Aristóteles está profundamente enraizada em uma concepção que a aproxima da dialética. Embora o livro III introduza abordagens que parecem distanciar a retórica de suas bases dialéticas ao enfatizar aspectos estilísticos e organizacionais – que, ainda assim, contribuem para a persuasão –, a obra, de modo geral, realiza um avanço fundamental ao trazer luz aos aspectos lógicos do discurso. Essa sistematização marca um ponto de inflexão para o estudo dessa arte, pois não apenas fornece uma nova resposta para o problema do estatuto da retórica, deixado em aberto por Platão e Isócrates, mas também confere à retórica um fundamento racional e filosófico, consolidando-a como uma τέχνη. Mais importante ainda, essa caracterização permite que a retórica se aproprie de estruturas lógicas, especialmente por meio do entimema, garantindo sua validade enquanto prática discursiva racional. Assim, ao observar os meios de persuasão mais adequados a cada situação, a retórica aristotélica não apenas adquire uma estrutura sistemática e normativa, mas também se afirma como um grande avanço na compreensão e desenvolvimento dessa arte.

REFERÊNCIAS

Referências primárias

ANTIPHON. *Discours*. Ed. Louis Gernet. Paris: Les Belles Lettres, 1923.

ARISTOTE. *Rhétorique*. Présentation et traduction par Pierre Chiron. Paris: Flammarion, 2007.

ARISTÓTELES *Retórica das paixões*. Introdução, notas e tradução do grego de Isis Borges B da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARISTOTELES. *Analytica priora et posteriora*. Ed. W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press, 1964.

ARISTOTELES. *Ars Rhetorica*. Ed. W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press, 1959.

ARISTÓTELES. *Arte da Retórica*. Tradução de Rodrigo Bravo. São Paulo: Madamu, 2023.

ARISTOTELES. *De anima*. Ed. W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press, 1961.

ARISTÓTELES. *De anima*. Tradução, introdução e notas de Maria Cecília Leonel Gomes dos Reis. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2006.

ARISTOTELES. *De arte poetica liber*. Ed. Rudolf Kassel. Oxford: Clarendon Press, 1965.

ARISTOTELES. *Ethica Nicomachea*. Ed. I. Bywater. Oxford: Clarendon Press, 1894.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicómaco*. Tradução de António de Castro Caeiro. 2. ed. São Paulo: Forense, 2009.

ARISTOTELES. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2018.

ARISTOTELES. *Rhetorik*. Übersetzt und erläutert von Christof Rapp. Berlin: Akademie Verlag, 2002. Band 4.

ARISTOTELES. *Rhetorik*. Übersetzt und herausgegeben von Gernot Krapinger. Stuttgart: Reclam, 1999.

ARISTOTELES. *Topica et Sophistici Elenchi*. Ed. W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press, 1963.

ARISTÓTELES. *Tópicos*. Tradução de J. A. Segurado e Campos. 3. ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2007.

ARISTOTLE. *Analytica priora et posteriora*. Trans. David B. Robinson, ed. W. D. Ross and L. Minio-Paluello. Oxford: Clarendon Press, 1964.

ARISTOTLE. *On Rhetoric*: A Theory of Civic Discourse. Translated with Introduction, Notes and Appendices by George A. Kennedy. 2. ed. Oxford: University Press, 2007.

DEMOSTHENES. *Orationes*. Ed. S. H. Butcher. Oxford: Clarendon Press, 1903.

DIELS, Hermann; KRANZ, Walther (Org.). *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlin: Weidmannsche Verlagsbuchhandlung, 1960.

GÓRGIAS. *Apologia de Palamedes e Elogio de Helena*. Tradução, comentários e notas por M. R. Engler. São Paulo: Odysseus, 2023.

GÓRGIAS, Górgias. Elogio de Helena e Tratado do não-ente, tradução do grego com introdução e notas de Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho. *Cadernos de Tradução*, São Paulo, n. 4, p. 8-19, 1999.

ISÓCRATES. Contra os Sofistas. Tradução de Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda. *Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 68-79, 2018.

ISOCRATES. *Discours*. Ed. G. Mathieu, É. Brémond. Paris: Les Belles Lettres, 1929. v. 1.

ISOCRATES. *Discours*. Ed. G. Mathieu. Paris: Les Belles Lettres, 1942. v. 3.

ISOCRATES. *Isocrates*. With an English Translation by George Norlin. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1980. 3 v.

LYSIAS. *I discorsi*. Ed. U. Albini. Florence: Sansoni, 1955.

LYSIAS. *Lysias*. Translated by W. R. M. Lamb. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1930.

LYSIAS. *Œuvres completes de Lysias*. Traduites en françois par M. l'Abbé Auger. Paris: Chez de Bure, 1783.

PLATÃO. *Fedro*. Tradução e apresentação de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.

PLATÃO. *Górgias*. Tradução, ensaio introdutório e notas de Daniel Rossi Nunes Lopes. São Paulo: Perspectiva, 2016.

PLATÃO, Protágoras. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Edufpa. Edição bilíngue, 2023.

PLATO. *Platonis Opera*. Ed. John Burnet. Oxford: University Press, 1903.

QUINTILIANO. *Instituição oratória*. Edição em latim e português. Tradução, apresentação e notas Bruno Fegni Bassetto. Campinas: Editora Unicamp, 2015. t. 1.

THUCYDIDES. *Thucydidis historiae*. Ed. H. S. Jones, J. E. Powell. Oxford: Clarendon Press, 1942. 2 v.

TUCÍDIDES. *História da guerra do Peloponeso*. Tradução de Mário da Gama Cury. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

Referências secundárias

ALBUQUERQUE, Lívia Medeiros de. *Tradução e comentário do discurso* Contra a madrasta, de Antifonte. 2013. 28 f. Monografia (Graduação em Letras) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

ALBUQUERQUE, Lívia Medeiros de; ROCHA, Sandra Lúcia Rodrigues da. *Sobre a paz*, de Demóstenes: introdução, tradução e notas. *Translatio*, Porto Alegre, n. 12, 2016.

ALLEN, James. Rhetoric and Logic. *In*: WORTHINGTON, Ian (Ed.). *A Companion to Greek Rhetoric*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2010. p. 350-364.

ARISTOTLE. *Rhetoric*. Edited by Edward Meredith Cope, John Edwin Sandys. Cambridge: University Press, 2010. 3 v.

ARISTOTLE. *Rhetoric*. Translated with introduction and notes by C. D. C. Reeves. Indianapolis: Hackett Publishing, 2018.

BARNES, Jonathan. Rhetoric and poetics. *In*: BARNES, Jonathan (Ed.). *The Cambridge Companion to Aristotle*. Cambridge: University Press, 1995. p. 259-285.

BARNES, Jonathan. *The Cambridge Companion to Aristotle*. Cambridge: University Press, 1995.

BONITZ, Hermann (Ed.). *Index Aristotelicus*. Berlin: De Gruyter, 2013.

BRANDÃO, J. L. *Logos* e *Léxis* na *Retórica* de Aristóteles. 2000. Disponível em: https://www.academia.edu/482147/LOGOS_E_L%C3%89XIS_NA_RET%C3%93RICA_DE_ARIST%C3%93TELES. Acesso em: 17 mar. 2025.

BRUNSCHWIG, Jacques. Aristotle's Rhetoric as "Counterpart" *to* Dialectic. *In*: RORTY, Amélie Oksenberg (Ed.). *Essays on Aristotle's Rhetoric*. Berkley: University of California Press, 1996. p. 34-55. (Philosophical Traditions, 6).

BURNYEAT, Myles F. Enthymeme: Aristotle on the Logic of Persuasion. *In*: FURLEY, David J.; NEHAMAS, Alexander (Ed.). *Aristotle's "Rhetoric"*: Philosophical Essays. Princeton: University Press, 2015.

CASSIN, Barbara; LORAUX, Nicole; DARBO-PESCHANSKI, Catherine. *Gregos, bárbaros, estrangeiros*: a cidade e seus outros. São Paulo: Ed. 34, 1993.

CALVO MARTÍNEZ, José Luis *et al*. *Discursos*. Madrid: Editorial Gredos S. A., 1988.

CARVALHO, Arthur Villela. *Sobre certa violeta híbrida*: a Retórica aristotélica. 2018. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

COELHO, Maria Cecília de Miranda Nogueira. Considerações sobre filosofia, retórica, imagem e verossimilhança em Platão. *Discurso*, São Paulo, n. 41, p. 185-222, 2011.

COELHO, Maria Cecília de Miranda Nogueira. Es necesario secar (δέον αὐχμεῖν) las emociones (Rep. 606d). Desafíos de/a Platón. *Circe de clásicos y modernos*, v. 26, n. 2, p. 75-91, 2022.

COELHO, Maria Cecília de Miranda Nogueira. *Retórica, filosofia e lógica: verdade como construção discursiva*. *In*: ASSUNÇÃO, Teodoro; FLORES-JÚNIOR, Olimar; MARTINHO, Marcos (Org.). *Ensaios de retórica antiga*. Belo Horizonte: Tessitura, 2010. p. 27-55.

DA COSTA, Judenice Alves. *O conceito e a caracterização de* pathos *na* Retórica *de Aristóteles*. 2015. 176 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

DE ROMILLY, Jacqueline. Gorgias et le pouvoir de la poésie. *The Journal of Hellenic Studies*, v. 93, p. 155-162, 1973.

DUARTE, Adriane da Silva. Anna Lia A.A, Prado, tradutora de Tucídides: "A Oração Fúnebre de Péricles". *Translatio*, Porto Alegre, n. 19, p. 3-15, 2020.

FONSECA, Valesca Scarlat Carvalho da. Eikós *e a Representação da verossimilhança*: o espaço ficcional em textos gregos antigos. 2017. 133 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

FORTENBAUGH, William W. Aristotle's *Art of Rhetoric*. *In*: WORTHINGTON, Ian (Ed.). *A Companion to Greek Rhetoric*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2010. p. 107-123.

FORTENBAUGH, William W. *Aristotle's Practical Side*: On his Psychology, Ethics, Politics and Rhetoric. Leiden: Brill, 2006.

FURLEY, David J.; NEHAMAS, Alexander (Ed.). *Aristotle's "Rhetoric"*: Philosophical Essays. Princeton: University Press, 2015.

GONZÁLEZ, José M. The Meaning and Function of Phantasia in Aristotle's "Rhetoric" III. 1. *Transactions of the American Philological Association,* Baltimore, v. 136, n. 1, p. 99-131, 2006.

GREEN, Lawrence D. Aristotelian Rhetoric, Dialectic, and the Traditions of Ἀντίστροφος. *Rhetorica*, v. 8, n. 1, p. 5-27, 1990.

GRIMALDI, William M. A. Studies in the Philosophy of Aristotle's *Rhetoric*. *Hermes*: Zeitschrift für klassische Philologie, Heft 25, Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1972.

GROSS, Alan G.; WALZER, Arthur E. (Ed.). *Rereading Aristotle's rhetoric*. Carbondale: SIU Press, 2000.

GROSS, Alan G.; DASCAL, Marcelo. The Conceptual Unity of Aristotle's “Rhetoric”. *Philosophy & rhetoric*, v. 34, n. 4, p. 275-291, 2001.

HANSEN, Mogens Herman. On the Importance of Institutions in an Analysis of Athenian Democracy. *Classica et Mediaevalia*, v. 40, p. 107-113, 1989.

HASKINS, Ekaterina V. *Logos and Power in Isocrates and Aristotle*. Columbia, SC: University of South Carolina Press, 2004.

HASKINS, Ekaterina. *On the Term “Dunamis” in Aristotle's Definition of Rhetoric*. Philosophy & rhetoric, v. 46, n. 2, p. 234-240, 2013.

HESK, Jon. *Deception and democracy in classical Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KENNEDY, George A. *A New History of Classical Rhetoric*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

KENNEDY, George A. The Composition and Influence of Aristotle’s Rhetoric. *In*: RORTY, Amélie Oksenberg. *Essays on Aristotle’s Rhetoric*. Berkley: University of California Press, 1996. p. 416-424. (Philosophical Traditions, 6).

KONSTAN, David. Rhetoric and Emotion. *In*: WORTHINGTON, Ian (Ed.). *A Companion to Greek Rhetoric*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2010. p. 411-426.

KONSTAN, David. *The Emotions of the Ancient Greeks*: Studies in Aristotle and Classical Literature. Toronto: University of Toronto Press, 2007.

KRAUS, Manfred. Arguing from Probabilities: Δόξα and Εικός in Ancient Philosophy and Rhetoric. *In*: LIMA, Helcira Maria Rodrigues; COELHO, Maria Cecília de Miranda Nogueira (Org.). *Percursos retóricos*: entre antigos e contemporâneos. Campinas: Pontes Editores, 2023.

LACERDA, Ticiano Curvelo Estrela de. *As reflexões metadiscursivas no discurso Antídose de Isócrates*. 2016. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

LEITE, Danilo Costa Nunes Andrade. *A definição de emoção em Aristóteles*: estudo dos livros I e II da *Rhetorica* e da *Ethica Nicomachea*. 2012. 181 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LIMA, Marcos Aurélio de. *A retórica em Aristóteles*: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia. Natal: IFRN, 2011.

LISIAS. *Discursos I*. Introducción, traducción y notas de J. L. Calvo Martínez. Madrid: Gredos, 1988. (Biblioteca Clásica Gredos, 122).

LORAUX, Nicole. *L'invention d'Athènes*: histoire de l'oraison funèbre dans la "cité classique". Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales; Mouton Éditeur, 1981.

MCBURNEY, James H. The Place of the Enthymeme in Rhetorical Theory. *Communications Monographs*, v. 3, n. 1, p. 49-74, 1936.

MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. *In*: ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XVII-LI.

MORGAN, Teresa. Rhetoric and Education. *In*: WORTHINGTON, Ian (Ed.). *A Companion to Greek Rhetoric*. Malden (MA): Blackwell Publishing, 2007. p. 303-319.

NASCIMENTO, Joelson Santos. O entimema e o exemplo na Retórica de Aristóteles. *Prometheus*: Journal of Philosophy, ano 5, n. 9, p. 99-109, jan.-jun. 2012.

PEARSON, Lionel. Three Notes on the *Funeral Oration* of Pericles. *The American Journal of Philology*, v. 64, n. 4, p. 399-407, 1943.

PIEPENBRINK, Karen. *Die „Rhetorik" des Aristoteles und ihr Verhältnis zum historischen Kontext*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2020. (Alterteumwissenschaft, Historia Einzelschrift, 261).

PLATO. *Gorgias*. Transl. With Notes by Terence Irwin. Oxford: Clarendon Press, 1979.

RAPP, Christof. Aristoteles: Bausteine für eine Theorie der Emotionen. *In*: LANDWEER, Hilge; RENZ, Ursula; BRUNGS, Alexander (Hg.): *Handbuch Klassische Emotionstheorien*: Von Platon bis Wittgenstein. Berlin: De Gruyter, 2008. p. 47-69.

RAPP, Christof. Der Streit zwischen Rhetorik und Philosophie: Aristoteles. *In*: ERLER, Michael; TORNAU, Christian (Hrgs.). *Handbuch Antike Rhetorik*. Berlin: De Gruyter, 2019. p. 339-361. (Handbücher Rhetorik, 1).

RAPP, Christof. Dialektik und Rhetorik. Über dialektische und topische Elemente in Aristoteles' *Rhetorik*. *Méthexis*, v. 16, p. 65-81, 2003.

RAPP, Christof. Emotions in Aristotle's Rhetoric. Draft Paper, s.d. Disponível em: https://www.academia.edu/35379688/Emotions_in_Aristotles_Rhetoric_DRAFT. Acesso em: 17 mar. 2025.

RAPP, Christof. Sprachliche Gestaltung und philosophische Klarheit bei Aristoteles. *In*: ERLER, Michael; HEßLER, Jan Erik (Hrsg.). *Argument und literarische Form in antiker Philosophie*. Berlin: De Gruyter, 2013a. p. 283-303.

RAPP, Christof. The Nature and Goals of Rhetoric. *In*: ANAGNOSTOPOULOS, Georgios (Ed.). *A companion to Aristotle*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2013b. p. 577-596.

RICŒUR, Paul. Between Rhetoric and Poetics. *In*: RORTY, Amélie Oksenberg (Ed.). *Essays on Aristotle's Rhetoric*. Berkley: University of California Press, 1996. p. 324-384. (Philosophical Traditions, 6).

RORTY, Amélie Oksenberg (Ed.). *Essays on Aristotle's Rhetoric*. Berkley: University of California Press, 1996. (Philosophical Traditions, 6).

SILVA, Daniel Felipe Couto Vieira. *Sobre a piedade (*eleos*) e a indignação (*nemesan*) na* Retórica *de Aristóteles*. 2020. 100 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SOLMSEN, Friedrich. *Die Entwicklung der aristotelischen Logik und Rhetorik*. Berlin: Wiedmannsche Buchhandlung, 1929.

WORTHINGTON, Ian (Ed.). *A Companion to Greek Rhetoric*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2007.